

J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos

José Oscar Beozzo

“O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio”

Leonardo Boff

Um ponto de equilíbrio dentro da Teologia da Libertação

Carlos Roberto Drawin

Um mestre

EMAISS

Telma Monteiro:

O testemunho de uma ambientalista

Daniel Lance:

Girard e o desvelamento da ilusão mimética

Celso Candido de Azambuja:

Tecnociência, ética e poder

J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos

No ano do cinquentenário do início do Concílio Vaticano II e dos 40 anos do lançamento do livro *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutierrez que abriu um novo e inédito panorama teológico na América Latina e no mundo, celebramos os 80 anos de vida de um teólogo brasileiro, João Batista Libânio. A sua trajetória teológica se confunde com a recepção do Concílio Vaticano II e com a Teologia da Libertação.

Os testemunhos publicados nesta edição da **IHU On-Line** descrevem esta trajetória.

Leonardo Boff, filósofo, teólogo e escritor, José Oscar Beozzo, coordenador-geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep, Faustino Teixeira, professor do programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Carlos Roberto Drawin, professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e

Teologia de Belo Horizonte, Pedro Rubens, reitor da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, Luiz Carlos Susin, frei capuchinho e professor na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – Estef, em Porto Alegre, Maria Teresa Bustamante Teixeira, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFJF e Geraldo De Mori, professor na FAJE e vice-diretor da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião – SOTER, são os/as que contribuem nesta edição.

J. B. Libânio narra, igualmente, a sua trajetória, na entrevista que, como tantas outras vezes, prontamente, concedeu à **IHU On-Line**.

Ainda nesta edição, colhemos o testemunho de vida de uma militante da causa ambiental. Telma Monteiro, conhecida dos leitores e das leitoras da página eletrônica do IHU, narra a sua trajetória de ambientalista.

Três entrevistas e um artigo completam a edição desta semana. O jornalista Luiz Antônio Araujo, que

descreve os episódios que marcam os conflitos no mundo árabe a partir de sua experiência como repórter na região do Afeganistão e Paquistão. Daniel Lance, cineasta e filósofo, continua o debate sobre René Girard que foi tema da edição anterior desta revista. E Celso Candido de Azambuja, professor de Filosofia na Unisinos, descreve os principais temas do I Seminário nacional de pesquisa: tecnologia, ética e poder a ser realizado na Unisinos.

Canal 2 da Televisão de Moçambique: quando a carroça vai à frente dos bois é o tema do artigo de João Miguel, diretor adjunto da Escola de Comunicação Artes da Universidade Eduardo Mondlane – ECA/UEM e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade – Cepos.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



**Instituto Humanitas
Unisinos**

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP.: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU
ISSN 1981-8769.
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamisir Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.
Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.
Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patricia Fachin, Luana Nyland e Natália Scholz

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Saiba mais** – Quem é João Batista Libânio?
- 6 **Bibliografia**
- 7 **João Batista Libânio:** “Acolhi a vida como dom”
- 13 **José Oscar Beozzo:** “O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio”
- 17 **Faustino Teixeira:** Um testemunho de abertura, respeito e liberdade
- 21 **Leonardo Boff:** Um ponto de equilíbrio dentro da Teologia da Libertação
- 23 **Carlos Roberto Drawin:** Um mestre
- 26 **Maria Teresa Bustamante Teixeira:** A junção da erudição, da simplicidade e da acolhida
- 28 **Pedro Rubens:** Uma teologia simpática
- 31 **Luís Carlos Susin:** Um discípulo da realidade
- 33 **Geraldo De Mori:** Um pensamento teológico com a marca da atualidade
- 36 **Edward Neves Monteiro de Barros Guimarães:** Ao mestre do “Caminho” e amigo do coração

DESTAQUES DA SEMANA

- 39 **ENTREVISTA DA SEMANA: Daniel Lance:** Girard e o desvelamento da ilusão mimética
- 44 **ENTREVISTA DA SEMANA: Luís Antônio Araújo:** “A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos”
- 48 **COLUNA DO CEPOS: João Miguel:** Canal 2 da Televisão de Moçambique: quando a carroça vai à frente dos bois
- 50 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 52 **AGENDA DA SEMANA**
- 53 **ENTREVISTA DE EVENTOS: Celso Candido:** Tecnociência, ética e poder
- 56 **ENTREVISTA DE EVENTOS: Susana Rocca:** As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência
- 58 **PERFIL: Telma Monteiro:** “Eu quero falar para o mundo! Quero que as pessoas me ouçam!”
- 62 **IHU REPÓRTER:** Taysa Schiocchet



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Saiba mais – Quem é João Batista Libânio?

João Batista Libânio nasceu em Belo Horizonte, em 1932. É padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensina na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (ISI – FAJE) em Belo Horizonte, e é vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte.

Fez seus estudos de Filosofia na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo-RJ e cursou em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Seus estudos de teologia sistemática foram efetuados na Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, onde estudou com os maiores nomes da teologia europeia. Seu mestrado e doutorado (1968) em teologia foram

obtidos na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma.

Foi Diretor de Estudos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma durante os anos do Concílio Vaticano II, o que facilitou seu contato com os bispos e assessores de todo o Brasil.

Retornou ao Brasil em 1968, onde por mais de trinta anos dedicou-se ao magistério e pesquisa teológica, na linha da teologia da libertação. Foi professor de teologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, e do Instituto Teológico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Posteriormente foi professor da Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro. Em 1982, Libânio retornou a Belo Horizonte.

É autor de cerca de 125 livros, dos quais 36 de autoria própria e os demais em colaboração com outros autores, alguns editados em outras línguas. Além disso, possui mais de 40 artigos publicados em periódicos especializados, e inúmeros artigos em jornais e revistas.

Foi assessor da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB e do Instituto Nacional de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, além de assessorar encontros das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs.

Sua página pessoal na internet é www.jbllibanio.com.br.

Evento: Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no Cinema

Data: 02-06-2012

Filme: Home - Nosso Planeta, Nossa Casa (Home)

Horário: 8h30min às 11h30min

Debatedora: Profa. Dra. Marilene Maia - Unisinos

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/9gC5i>

Bibliografia

Confira alguns dos livros publicados por João Batista Libânio:

- Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- Para onde vai a juventude?* 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- A religião no início do milênio*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. 2. ed. São Paulo – Valencia: Paulinas – Siquem, 2010.
- Ecologia – vida ou morte?* 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- A escola da liberdade. Subsídios para meditar*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- Cenários da Igreja – Num mundo plural e fragmentado*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- Caminhos de existência*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- Juventude – seu tempo é agora*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2008.
- Como saborear a celebração eucarística*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Creio em Deus Pai*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Creio no Espírito Santo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Creio em Jesus Cristo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Em busca de lucidez. O fiel da balança*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- Qual o futuro do Cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Os carismas na Igreja do Terceiro Milênio*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano do Rio de Janeiro a Aparecida*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- Introdução à vida intelectual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- Eu creio – Nós cremos*. Tratado da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- Qual o caminho entre o crer e o amar?* 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- Concílio Vaticano II*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- Fé*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- A arte de formar-se*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- Ideologia e cidadania*. 14. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.
- Ser Cristão em Tempos de Nova Era*. São Paulo: Paulus, 1996.
- A Vida Religiosa na Crise da Modernidade Brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: CRB/Loyola, 1995.
- Obediência na Liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla*. Cadernos Teologia Pública número 37, disponível em <http://bit.ly/LxjeCW>

“Acolhi a vida como dom”

Ao celebrar 80 anos, o legado de vida que João Batista Libânio quer compartilhar é a palavra de incentivo à liberdade, à capacidade crítica, iluminada pelo cuidado das pessoas nas pegadas do Jesus palestinese

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

“**T**odas as pessoas com quem convivi nesses 80 anos contribuíram na construção da minha existência. Portanto, imensa gratidão! Ela nos livra da presunção e da arrogância. Sem dar-nos conta, tecemos a vida com os fios de cada pessoa com que encontramos, da que rezou por nós, de quem nos influenciou até mesmo através dos séculos pelos escritos, pelo enriquecimento da tradição que nos envolve. Perdemos-se no infinito todos aqueles e aquelas que me marcaram o existir”. A reflexão é de João Batista Libânio em entrevista concedida, por e-mail à **IHU On-Line**.

Segundo ele, “meu modelo de teologia se espelha na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Esforço-me por pensar os problemas contemporâneos à luz da fé cristã. Predomina, portanto, a perspectiva de teologia fundamental e de reflexão sobre a cultura atual”. E completa: “cada vez mais frequento o Jesus

histórico e a partir dele busco luz para a vida pastoral e estudos. Aliás, pertence ao cerne da espiritualidade inaciana dedicar nos Exercícios Espirituais amplíssimo espaço às meditações dos mistérios da vida de Jesus”.

João Batista Libânio é padre jesuíta, escritor, filósofo e teólogo. É também mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, de Roma. Atualmente leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE e é membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É autor de diversos livros, dentre os quais destacamos *Teologia da Revelação a partir da Modernidade* (Loyola, 2005) e *Qual o futuro do cristianismo* (Paulus, 2008). Com Comblin e outros, é autor de *Vaticano II: 40 anos depois* (Paulus, 2005). Seu livro mais recente é *A escola da liberdade: subsídios para meditar* (Loyola, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o significado que o senhor dá para a sua vida, no ano em que celebra 80 anos?

João Batista Libânio – Acolhi a vida como dom. Não pedi para viver. Deu-me Deus em primeiro lugar, como Criador. Meus pais, família, mestres, amigos, companheiros, enfim todas as pessoas com quem convivi nesses 80 anos contribuíram na construção da minha existência. Portanto, imensa gratidão! Ela nos livra da presunção e da arrogância. Sem dar-nos conta, tecemos a vida com os fios de cada pessoa com que encontramos, da que rezou por nós, de quem nos influenciou até mesmo através dos séculos pelos escritos, pelo enriquecimento da tradição que nos envolve. Perdemos-se no

infinito todos aqueles e aquelas que me marcaram o existir.

IHU On-Line – O que se lembra de sua infância e adolescência? A partir destas lembranças, como desper-tou sua vocação?

João Batista Libânio – Há dois olhares sobre a existência: o factual e o interpretativo teológico. Nasci em Belo Horizonte, de uma mãe extremamente religiosa, da piedosa tradição do sul de Minas e de um pai intelectual, professor catedrático de Medicina na então Escola de Medicina de Belo Horizonte, hoje UFMG. Ele não praticava a religião, mas tinha o traço religioso da tradição familiar. A religião entrava-me pelos olhos e se vestia de beleza na forma da prática católica.

Depois da morte de meu pai, quando era ainda criança, bastou o convite de um padre jesuíta para ir para o Rio de Janeiro, onde havia uma espécie de Seminário menor moderno. Com quase 12 anos não se sabe bem o que vem a ser padre. Mas ao longo dos anos em contato com os jesuítas do Rio, a vocação foi clareando até eu entrar no noviciado beirando os 16 anos. Com o olhar da fé, leio tudo isso como sinal da presença de Deus que nos oferece oportunidades de vida por meio das circunstâncias aleatórias da história.

IHU On-Line – E a opção pela Companhia de Jesus? O que lhe encantou e continua encantando?

João Batista Libânio – A Companhia de Jesus, por sua presença na

história do Brasil e pelas obras educativas, projetava a imagem de uma Ordem de peso evangelizador e intelectual. Ainda bem criança, tive primeiro contato com os jesuítas quando fui ver o famoso missionário popular Pe. Arlindo Vieira¹ que pregou na Igreja de São José dos padres redentoristas, a paróquia a que pertencia. Um segundo contato veio de algo bem fortuito. Dois padres jesuítas estavam visitando casas em Belo Horizonte em busca de uma que pudesse ter as condições para aí iniciar o Colégio Loyola. Não sei por que bateram lá em minha casa para vê-la. Mas não era grande suficiente para um colégio. Assim me ficaram na mente esses dois contatos esporádicos com os jesuítas. Um belo dia outro padre jesuíta, Pe. Moutinho, visitando a casa de um tio, onde estava brincando, me interpela: que você vai ser mais tarde? Nem sei por que, disse: padre. Bastou isso para que ele me levasse com quase 12 anos para o Rio de Janeiro, onde encetei a caminhada vocacional.

A Companhia de Jesus ofereceu e ainda oferece excelentes condições para quem quiser ter formação sólida em Filosofia, Teologia ou mesmo em outra especialização. Aprecio muito esse traço. Além disso, nela tive oportunidade de conhecer pessoas de altíssimo nível espiritual e intelectual. E na sua tradição até mesmo recente deu à Igreja pessoas de muito valor. Basta lembrar nomes como

1 **Arlindo Vieira** (1897-1963): padre brasileiro. Estudou no colégio de padres jesuítas em Itu e mais tarde no seminário em Botucatu. Foi ordenado padre em 1920, ficando um ano na paróquia de Avaré. Fez o noviciado no convento Jesuíta em Nova Friburgo. Oito anos depois seguiu para Roma, onde aperfeiçoou seus conhecimentos na Universidade Gregoriana. De volta ao Brasil dedicou-se à educação, participando dos debates da reforma do ensino da matemática em 1930-1942. Logo após atuou como missionário em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e durante 20 anos celebrou a missa do padroeiro da cidade de Diogo de Vasconcelos-MG, São Domingos de Gusmão. Em 4 de agosto de 1963, logo após celebrar a missa em homenagem ao santo padroeiro da cidade caiu morto aos pés do altar, conforme relata o Jornal Diário de São Paulo de 15 de agosto de 1974. (Nota da IHU On-Line)

Teilhard de Chardin², K. Rahner³, H. de

2 **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Teilhard de Chardin: cientista e místico, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se “O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin”. Confira, ainda, as entrevistas “Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria”, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e “Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry”, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRu>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista “Teilhard e a teoria da evolução”, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler na IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos, disponível em <http://bit.ly/mlSwUc>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, disponível para download

Lubac⁴ e entre nós homens como Pe. Franca⁵, Pe. Vaz e outros muitos.

IHU On-Line – Quem foram os seus principais mestres e como eles influenciaram em sua vida de padre e de teólogo?

João Batista Libânio – Determinadas pessoas me marcaram ao longo da formação sob diferentes aspectos. Em nível de colega, tive um amigo jesuíta alemão que naquele momento de adaptação ao Escolasticado de Frankfurt me foi de enorme ajuda. Depois, ele saiu da Companhia e ainda vive com sua esposa já com boa idade. Mantemos ainda algum escasso contato por e-mail. Em termos de personalidade, o jesuíta que mais me influenciou o encontrei em Roma, no Colégio Pio Brasileiro⁶: Pe. Oscar Mül-

em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

5 **Leonel Edgard da Silveira Franca** (1893-1948): foi um sacerdote católico e professor brasileiro.

Entrou para a Companhia de Jesus em 1908, ordenando-se sacerdote em 1923. Foi então para Roma, onde se doutorou em teologia e filosofia na Universidade Gregoriana. De volta ao Brasil, foi professor do Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro). Lecionou história da filosofia, psicologia experimental e química no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Foi membro do Conselho Nacional de Educação em 1931 e vice-reitor do Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro). Teve papel destacado na fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi, também, seu primeiro reitor. Em 1947 recebeu o Prêmio Machado de Assis. Algumas de suas obras são: *Noções de história da filosofia* (1918); *Apontamentos de química geral* (1919); *A Igreja, a Reforma e a Civilização* (1922); *Pensamentos espirituais* (publicada postumamente em 1949). (Nota da IHU On-Line)

6 O Pontifício Colégio Pio Brasileiro (Pontifício Collegio Pio Brasiliano) é um colégio pertencente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB e administrado pela Companhia de Jesus, dedicado à formação de sacerdotes diocesanos, que vêm a Roma para realizar estudos de pós-graduação no campo da Teologia, da Filosofia e de outras ciências afins. Por

ler⁷. Esteve presente no início da minha primeira missão depois da 3ª Provação de orientar intelectualmente os estudantes do dito Colégio. Padre Müller exercia a função de padre espiritual dos seminaristas e se tornou referência para mim pela profunda liberdade interior e em face das exterioridades comuns em nossas casas e no interior da Igreja. Padre Antônio Aquino, que conheci ainda adolescente no tempo do Rio de Janeiro, incentivou-me ao estudo e me acompanhou especialmente por correspondência na formação intelectual. Devo a ele ter iniciado cedo a escrever. Tinha mentalidade bastante aberta para aqueles idos. Mantivemos amizade sincera e firme até a sua morte, embora tenhamos tomado posições intelectuais diferentes. Ele se encaminhou por vias mais conservadoras no final. No campo intelectual exceu a figura do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz. Depois que voltei da Europa em janeiro de 1969 vivemos a maioria dos anos na mesma comunidade até a sua morte, em 2002. Nutrimos longa e profunda amizade. Com o modo de viver simples, com a dedicação aos estudos, com a extrema modéstia e vastíssima cultura serviu-me de modelo vivo para minha trajetória intelectual e existencial.

No horizonte amplo da teologia, vivi os anos de transformação da Igreja por ocasião do Concílio Vaticano II e então me alimentei daqueles teólogos que estiveram na gênese do Concílio, especialmente de K. Rahner. Devo a muitos deles o que aprendi de Teologia.

IHU On-Line – Considerando que durante os anos do Vaticano II o se-

meio dessas especializações e de várias outras atividades, os estudantes buscam o aperfeiçoamento de sua formação presbiteral. Depois, ao voltarem para o Brasil, uma vez terminados seus estudos, os padres se dedicam ao trabalho pastoral, seja nos seminários como professores e formadores, seja atuando em outras áreas: na pastoral paroquial, assessorias, pesquisa e, até no trabalho missionário. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Oscar Müller**: Padre jesuíta, suíço, que trabalhou, desde jovem, no Brasil. Foi reitor do Colégio Pio Brasileiro e renomado orientador espiritual. (Nota da IHU On-Line)

“Vida hoje significa tempo, cuidado, liberdade de e para, serviço”

nhor estava em Roma, como viveu o Concílio?

João Batista Libânio – Comecei a exercer o cargo de Orientador de Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro em agosto de 1963. Estive presente na inauguração solene da segunda sessão do Concílio, presidida por Paulo VI⁸, recém-eleito papa. Recordo-me bem do impacto do discurso inaugural em que pedia aos padres conciliares que se debruçassem sobre a temática fundamental da Igreja. Que ela dissesse a si mesma quem ela era sob o duplo olhar para seu interior e para as relações com as outras denominações cristãs e religiosas, com o mundo contemporâneo na densa problemática atual. Quase ao lado do Colégio Pio Brasileiro na mesma Via Aurélia 481, erguia-se a *Domus Maria*, sede da Ação Católica Italiana Feminina. Aí se hospedaram, durante o Vaticano II, quase todos os bispos brasileiros, juntamente com os da Hungria e de alguns outros países da África. Organizaram-se para eles, nas três últimas sessões do Concílio, 84 conferências de teólogos e de especialistas em diversos campos da moral, sociologia, exegese. Pude participar de muitas delas e assim entrei em contacto com homens como K. Rahner, E. Schillebeeckx⁹, Hans Küng¹⁰, Os-

⁸ **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Edward Schillebeeckx** (1914-2009): teólogo holandês, frei dominicano, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II e um dos mais importantes teólogos do século XX. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também

car Cullman¹¹, Y. Congar¹², B. Häring¹³ e inúmeros outros de altíssimo nível teológico. Verdadeiro banho daquela teologia moderna que gestou o Concílio. Certa vez, convidei para dar uma palestra para nossos alunos o então jovem teólogo alemão Joseph Ratzinger¹⁴ com quem tive momentos de encontro pessoal, ao buscá-lo, ao jantar com ele e ao levá-lo de volta, além de

dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes ‘religiões’, sendo autor de obras como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira no site do IHU, em <http://migre.me/R0s7>, a edição 240 da revista *IHU On-Line*, de 22-10-2007, intitulada “Projeto de Ética Mundial. Um debate”.

¹¹ **Oscar Cullmann** (1902-1999): teólogo luterano, conhecido por seu trabalho ecumênico, estabelecendo diálogo entre as tradições católica e luterana. (Nota da IHU On-Line)

¹² **Yves Marie-Joseph Congar** (1904-1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a IHU On-Line publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 8-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da IHU On-Line, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da IHU On-Line)

¹³ **Bernard Häring** (1912-1998): teólogo moralista alemão, pioneiro da renovação eclesial. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais é *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). (Nota da IHU On-Line)

ouvi-lo na conferência. Como então ele não falava nenhuma língua latina, fez a conferência em Latim sobre a Igreja, povo de Deus. Naturalmente ter vivido em Roma nesses anos conciliares e pós-conciliares permitiu-me vivenciar a explosão renovadora que atravessou todos os rincões da Igreja, desde a liturgia até a vestimenta eclesial, passando pela disciplina dos seminários. Momento de muita criatividade e liberdade que gerou insegurança e descontrolo em diversas instituições eclesiais. Daí se entendem as contrarreacções surgidas nas últimas décadas.

IHU On-Line – Qual o significado da Teologia da Libertação em sua vida? Que conjunturas lhe conduziram para essa opção teológica?

João Batista Libânio – Quando voltei ao Brasil, em 1969, vivíamos o regime de ferro do AI-5¹⁵. No entanto, comecei a trabalhar com jovens do final do segundo grau e universitários em linha de pensamento crítico. Nutríamo-nos naquela década da teologia hermenêutica e aberta do Concílio Vaticano II, da teologia política de J. B. Metz¹⁶ e da esperança de

¹⁵ AI-5 (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime poderes absolutos e cuja primeira e maior consequência foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. Representou o ápice da radicalização do Regime Militar de 1964 e inaugurou o período do regime onde as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas no Brasil. É o movimento final de “legalização” da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade, e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://migre.me/2zn3s>. (Nota da IHU On-Line)

“A religião entrava-me pelos olhos e se vestia de beleza na forma da prática católica”

J. Moltmann¹⁷. Assim o campo estava preparado para dar o salto para a teologia da libertação. Modificamos o ângulo crítico teórico europeu para a realidade social de dominação a partir da situação das camadas populares numa perspectiva da libertação. Na Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB nacional, o Pe. Marcelo Azevedo¹⁸ criou a equipe teológica e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB potenciou o Instituto Nacional de Pastoral. Nesses dois grupos, teólogos/as e outros/as cientistas se puseram a refletir sobre a vida religiosa e a Igreja naquelas conjunturas repressivas. Criaram-se espaço e clima

¹⁷ Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação* (Vozes: Petrópolis, 1993), entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na IHU On-Line n.º 94, de 29-03-2004. Deste autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã, de Jürgen Moltmann*, no evento Abrindo o Livro do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na IHU On-Line número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos Cadernos Teologia Pública, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. O sítio do IHU publicou recentemente um artigo de Moltmann dividido em cinco partes. Acesse em <http://bit.ly/KVdR01> a quinta parte, com acesso às partes anteriores. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Marcelo Azevedo (1927-2010): teólogo e antropólogo jesuíta. (Nota da IHU On-Line)

para pensar a teologia crítica de viés social que se chamou “teologia da libertação” depois da publicação do livro de Gustavo Gutiérrez¹⁹, em 1971. Também participamos de Encontros Nacionais das Comunidades Eclesiais de Base que ofereceram excelente material para a reflexão teológica. Assim, essa teologia crítica da realidade a partir dos pobres começou a influenciar os diferentes segmentos e setores da Igreja. A criação da coleção Teologia e Libertação por iniciativa de Leonardo Boff e de outros levou-nos a pensar toda a teologia na perspectiva da libertação. Todos esses fatos e circunstâncias propiciaram o surgimento e desenvolvimento da Teologia da Libertação. Por ocasião de Puebla²⁰ tivemos reunidos em bom número e colaboramos com bispos que nos pediam ajuda, embora já houvesse clima hostil aos teólogos da libertação. A caminhada da Teologia da Libertação não se processou tranquila e linearmente, mas com muitos tropeços, restrições, condenações, etc. No entanto, ela prestou excelente serviço à Igreja da América Latina e também à de outros continentes, despertando visão comprometida da fé cristã. O fato de eu estar envolvido com todos esses fatores, contatos, grupos de reflexão, encontros de CEBs e outras coisas mais, fez com que a minha teologia as-

¹⁹ Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da IHU On-Line)

²⁰ A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. (Nota da IHU On-Line)

sumisse a conotação crítica no interior da Igreja e respeito às relações sociais.

IHU On-Line – Como se deu sua inserção pastoral em terras brasileiras? Quais foram os aspectos mais marcantes?

João Batista Libânio – Dediquei 11 anos à equipe teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB e fiz parte da equipe de seminários da Confederación Latinoamericana y Caribeña de Religiosos/as – CLAR. A partir daí, desenvolvi ampla pastoral junto a religiosos e religiosas. Praticamente percorri todas as regionais da CRB do Brasil e quase todos os países da América Latina e alguns da Europa dando cursos, fazendo palestras e assessorando capítulos de religiosos e religiosas. Alguns dos meus primeiros livros nasceram dessa presença junto à vida religiosa. Desenvolvi durante algumas décadas presença a um grupo de jovens secundaristas e universitários do Rio de Janeiro, Estado do Rio, Minas Gerais, especialmente Belo Horizonte, Juiz de Fora e alguns de São Paulo. Reuníamos várias vezes por ano em feriados prolongados para estudo, reflexão, espiritualidade²¹. Até hoje mantenho contato com eles. Por ocasião dos meus 80 anos, um grupo de uns 80 se reuniu para relembrar aqueles anos e prometem continuar com algum encontro anual.

Fiz parte da equipe do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável – Ibrades. Além de seminários e de grupo de pesquisa no Rio, circulávamos pelo Brasil, sobretudo em regiões carentes, para ministrar curso de formação social para agentes de pastoral. Desenvolvi atividade semelhante em outra frente pastoral por meio do Instituto Nacional de Pastoral de cuja equipe fiz parte durante alguns anos. Inclusive organizamos cursos para bispos.

As atividades no campo intelectual e pastoral paroquial exigiram de mim o maior investimento de tempo e energia. Durante muitos anos minis-

“A caminhada da Teologia da Libertação não se processou tranquila e linearmente, mas com muitos tropeços, restrições, condenações”

trei cursos e palestras em vários países da América Latina, Europa e África. Ultimamente me tenho restringido ao Brasil. Ainda existe muita solicitação de palestras em congressos, simpósios, cursos, aula inaugural, etc.

Ainda no campo intelectual, absorve-me tempo e dedicação a tarefa de professor e escritor. Leciono Teologia em nível de graduação e pós-graduação na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte com tudo o que implica tal tipo de atividade em termos de aula, direção de estudos, orientação de monografias, dissertações e teses. E em articulação com tal função, dedico considerável tempo a escrever artigos e livros.

Finalmente, já desde o início da década de 1960, assumi cada vez mais presença pastoral na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, como vigário paroquial do padre Lauro, sacerdote diocesano. Ofereço colaboração nas celebrações, cursos, palestras, visitas a doentes, bênção de casas, administração de sacramentos, atendimento regular às pessoas que me procuram. Algumas paroquianas deram-se, já faz décadas, ao cuidadoso trabalho de gravar as homilias e as publicaram em nove livros, encerrando a coleção. Doravante, elas as colocarão no site que elas mesmas alimentam: www.jbllibanio.com.br. Aí se inserem também artigos que escrevi e que estou a escrever.

IHU On-Line – Quais foram as grandes questões ou problemáticas que lhe implicaram como teólogo e pensador?

João Batista Libânio – Resumiria nas duas palavras do grupo de pesquisa que oriento: fé e contemporaneidade. Meu modelo de teologia se espelha na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*²². Esforço-me por pensar os problemas contemporâneos à luz da fé cristã. Predomina, portanto, a perspectiva de teologia fundamental e de reflexão sobre a cultura atual. Nesse campo, escrevi os meus livros de maior densidade e extensão. Entre eles citaria: *Teologia da revelação a partir da modernidade* (São Paulo: Loyola, 5ª ed. 2005); *Eu creio, nós cremos: tratado da fé* (São Paulo: Loyola, 2ª. ed. 2005); *A Religião no início do milênio* (São Paulo, Loyola, 2012, 2ª ed.); *Olhando para o futuro: Perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina* (São Paulo, Loyola, 2003); *Os carismas na Igreja do Terceiro Milênio. Discernimento, desafios e práxis* (São Paulo, Loyola, 2007); *Em busca de lucidez. O fiel da balança* (São Paulo, Loyola, 2008).

Trabalhei temas bem diversos da pastoral e da metodologia como os livros: *A arte de formar-se* (São Paulo, Loyola, 2004, 4ª ed.) e *Introdução*

²²*Gaudium et spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da *IHU On-Line*, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTk>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Sobre o tema, leia a entrevista com Faustino Teixeira, publicada nesta edição, em que descreve a “Tropa Maldita” de Libânio. (Nota da *IHU On-Line*)

à vida intelectual (São Paulo: Loyola, 2006, 3ª ed.). Enfim, optei não pela linha do especialista, mas do generalista, na expressão de Edgar Morin²³. Alimento semanalmente duas colunas de jornal (*Jornal de Opinião* e *O Tempo de Belo Horizonte*) além do site da Faculdade Dom Helder.

IHU On-Line – O que lhe motiva a caminhada como padre, educador, escritor, teólogo? Como concilia essas diversas dimensões em sua vida?

João Batista Libânio – Cada vez mais frequente o Jesus histórico e a partir dele busco luz para a vida pastoral e estudos. Aliás, pertence ao cerne da espiritualidade inaciana dedicar nos Exercícios Espirituais amplíssimo espaço às meditações dos mistérios da vida de Jesus. Hoje, com a contribuição da exegese e de estudos históricos, a figura do Jesus palestinese, mesmo que lido à luz da ressurreição, se nos torna expressiva e instigante. E impressiona-me em Jesus a liberdade em face das formalidades e costumes da época, considerados lei de Moisés. Jesus apelava para o princípio superior do bem das pessoas, a partir do qual interpretava as prescrições. Não se enroscava em discussões formais de legalidades, próprias dos fariseus de seu tempo. No momento atual de pós-modernidade vivemos o paradoxo de extrema subjetividade e de ritualismo exterior acentuado. A subjetividade não se molda pela liberdade interior, nascida da experiência da proximidade de Jesus, mas da autocentração hedonista e narcisista. E o ritualismo

²³ Edgar Morin (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre “O Método”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religação dos saberes*. O desafio do século XXI (Bertrand do Brasil, 2001). A Revista IHU On-Line está preparando uma edição especial sobre o pensamento de Morin. (Nota da IHU On-Line)

reforça tal perspectiva. A própria exterioridade confirma o lado autocentrado da pós-modernidade. Jesus aporta claro antídoto a tal tendência já que ele afirma, como norma suprema, o amor de si até a entrega da vida pelo e para o outro. Não há maior amor que dá a vida. Vida hoje significa tempo, cuidado, liberdade de e para, serviço.

IHU On-Line – Ao celebrar 80 anos, qual é o legado de vida que o senhor gostaria de compartilhar?

João Batista Libânio – Palavra de incentivo à liberdade, à capacidade crítica, iluminada pelo cuidado das pessoas nas pegadas do Jesus palestinese. Há duros sofrimentos escondidos atrás de aparentes belezas. Dói às pessoas a percepção de que lhes falta alguém a interessar-se por elas e a cuidar delas. Ao cristão caberia hoje a missão de especial cuidado, especialmente pelos desprezados, marginalizados, deixados fora do círculo de humanidade. Continua viva mais do que nunca a mensagem de Jesus de que ele se identifica com o que tem sede, fome, está desnudo, preso, enfermo, sente-se estrangeiro política e religiosamente. E a esses que, em linguagem do atual sistema chamam-se excluídos, se dirige nossa principal atenção. Acrescente-se a necessidade de especial cuidado para com o Planeta Terra, cuja destruição semeia morte por todos os lados. Essa última palavra de cuidado leva-me a pensar na figura maravilhosa de D. Luciano Mendes de Almeida²⁴. Ele viveu, em grau heroico,

²⁴ Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006): padre jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Dele a IHU On-Line publicou uma entrevista na 24ª edição, de 01-07-2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24-11-2003, e outro artigo na 95ª edição, de 5-04-2004. As notícias diárias do dia 8-10-2005 publicaram uma entrevista especial com Dom Luciano Mendes de Almeida sobre sua vida. A entrevista está disponível em <http://bit.ly/L7MgKh>. Por ocasião de seu falecimento, em 27-08-2006, o site do IHU, www.ihu.unisinos.br, ofereceu ampla repercussão sobre sua vida e trajetória. Para conferir detalhes, acesse as Notícias Diárias de 28-08-2006. Em 03-09-2007 publicamos uma entrevista especial com Dom Pedro Luiz Stringhini, intitulada “O leilão da Vale

o cuidado minucioso, atento às pessoas necessitadas, àquele que dorme na rua, à menina de rua carente de carinho, ao ancião esquecido da família. Fique o exemplo desse homem extraordinário como lembrança e estímulo para nossa vida de cristão.

Leia mais...

>>João Batista Libânio já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br)

- “Aparecida significou quase uma surpresa”. Entrevista publicada na edição número 224, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, disponível em <http://bit.ly/gwmkGX>;
- “A Teologia não se dá mal com o discurso não metafísico, por isso ela pode falar muito bem na pós-modernidade”. Entrevista publicada no sítio do IHU, em 16-08-2008, disponível em <http://bit.ly/fXhkdG>;
- “A morte não deve ser o critério de leitura dos acontecimentos”. Entrevista publicada no sítio do IHU, em 10-04-2009, disponível em <http://bit.ly/hXYeHE>;
- “Rahner e a entrada da Igreja na modernidade”. Entrevista publicada na edição número 297, de 15-06-2009, intitulada *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível em <http://bit.ly/gYVr5V>;
- “A liberdade cristã: um dos núcleos da teologia de José Comblin”. Entrevista publicada na edição número 356, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/dNbj5I>.

não foi ético, dizia D. Luciano Mendes de Almeida”. (Nota da IHU On-Line)

“O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio”

José Oscar Bezzo reconhece que a docência como vocação levou João Batista Libânio a ser o mais fecundo autor teológico brasileiro na produção de tratados que pudessem ajudar os estudantes a aprofundar os temas teológicos abordados em sala de aula

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Ao refletir sobre o legado e pensamento de João Batista Libânio, o teólogo José Oscar Bezzo oferece, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, um verdadeiro panorama da história da Igreja nos últimos 50 anos. Para ele, a experiência do Vaticano II, seu debate teológico e eclesial, sua postura de diálogo e atenção ao mundo contemporâneo, sua opção ecumênica, permeiam toda a teologia de Libânio. E Bezzo diz mais: “o Vaticano II é elemento estruturante de sua teologia. Esta se enriqueceu depois com toda a perspectiva latino-americana que brotou da experiência das Igrejas no continente, de sua vida religiosa inserida e das grandes Conferências Gerais do episcopado latino-americano de Medellín a Aparecida”. Segundo Bezzo, graças ao seu “incansável e disciplinado acompanhamento crítico da produção teológica brasileira, latino-americana e internacional, Libânio tornou-se mestre em preparar balanços

abrangentes e penetrantes dos rumos da teologia contemporânea”.

José Oscar Bezzo é padre, teólogo e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep. Tem mestrado em Sociologia da Religião, pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, e doutorado em História Social, pela Universidade de São Paulo – USP. Faz parte do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA/Brasil, filiado à Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe – CEHILA. Também é sócio-fundador da Agência de Informação Frei Tito para a América Latina – Adital. É autor de inúmeros livros, entre os quais *A Igreja do Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1993) e *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965* (São Paulo: Paulinas, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Seu primeiro encontro com Libânio foi em Roma, nos anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando ele era diretor de estudos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro. O que marcou esse período, destacando a importância de Libânio como orientador dos estudantes brasileiros? Como o processo conciliar repercutia entre vocês?

José Oscar Bezzo – O Colégio Pio Brasileiro teve o privilégio de se tornar a residência do Cardeal Agostinho Bea¹, responsável pelo recém-

criado Secretariado para a União dos Cristãos, o mais significativo organismo conciliar da fase preparatória do Concílio. O Secretariado representou a grande novidade para estabelecer o diálogo com as outras Igrejas cristãs e implementar o propósito ecumênico de João XXIII² para o Concílio. Poucas

semanas depois de criado João XXIII pediu ao cardeal Bea que se ocupasse também do diálogo com o mundo judaico. O Cardeal reunia regularmente a direção e os estudantes do Pio Brasileiro para colocar-nos a par da preparação do Concílio e para informar as iniciativas e os passos concretos do Secretariado. Por vezes, convocava-nos para dar as boas-vindas a visitas ilustres, como o primaz da Igreja Anglicana, o arcebispo de Canterbury, o Dr. Fisher, que foi recebido por João XXIII

cardeal católico alemão e pioneiro do Ecumenismo e do Diálogo entre Judaísmo e Catolicismo. (Nota da IHU On-Line)
2Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato

por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

¹Agostinho Cardeal Bea, SJ (1881-1968):

e logo depois veio ao Pio Brasileiro para encontrar-se com o Cardeal Bea. Nós o acolhemos festivamente na entrada do Colégio contrastando com a recepção fria e quase anônima que lhe fora dispensada pela Cúria Romana. Padre Libânio chegou ao Pio Brasileiro, como jovem padre. Terminara sua teologia em Frankfurt na Alemanha e vinha substituir o Pe. Marcelo Azevedo, como repetidor dos estudantes de teologia. Para os estudantes de filosofia, o repetidor na época era o Pe. Luciano Mendes de Almeida, depois bispo auxiliar de São Paulo, por duas vezes secretário geral da CNBB e, finalmente, seu presidente por outras duas vezes, já como arcebispo de Mariana-MG.

Libânio no papel de repetidor

A função do repetidor era de orientar pessoalmente cada estudante nos seus estudos. Ajudavam-nos e muito ao darem um panorama geral de cada disciplina que iríamos estudar no semestre seguinte. Apontavam as principais questões envolvidas, o debate existente e a posição das diferentes escolas de teologia. Dentro da vasta bibliografia de cada professor, indicavam os livros e artigos mais relevantes. Pouparam-nos, assim, perda de tempo e leituras que pouco acrescentavam. Tarefa difícil para Libânio foi substituir naquela função o Pe. Marcelo Azevedo, por conta de sua competência e o brilho. Libânio desempenhou muito bem e com igual brilhantismo o papel de repetidor. Sob certo ponto de vista, foi até melhor repetidor, pois não despertava aquele respeito reverencial que nos mantinha um pouco distantes do Pe. Marcelo. Aberto o Concílio a 11 de outubro de 1962, o Pio Brasileiro envolveu-se intensamente no seu desenrolar, não apenas pela presença do Cardeal Bea na casa, pelo contato com muitos de nossos professores da Gregoriana que eram peritos conciliares e consultores das comissões, mas por três outras felizes circunstâncias.

Bem depressa, estabeleceu-se um intercâmbio diuturno entre os bispos brasileiros hospedados na casa da Ação Católica Feminina italiana, a Do-

“[Libânio tinha] a preocupação de que a teologia não fosse um exercício abstrato, distante da realidade ou simplesmente acadêmico, voltado para o diálogo com os seus pares, mas que seu diálogo fosse com a vida das pessoas e a pastoral da Igreja”

mus Mariae, situada no número 481 da Via Aurelia e os alunos do Pio Brasileiro, moradores da mesma rua, um pouco mais adiante no número 527, que ficava na mesma calçada.

O desenrolar do Concílio

Os contatos informais dos bispos com seus seminaristas foram logo enriquecidos por duas outras iniciativas: aos domingos os bispos de um determinado regional da CNBB vinham de manhã falar aos estudantes sobre a Igreja do Brasil, cobrindo assim realidades tão diferentes como a dos pampas gaúchos, a da floresta amazônica ou dos sertões nordestinos. Tivemos assim a ocasião de conhecer não apenas quase todos os bispos, mas a situação específica da Igreja em cada região do país. Uma segunda iniciativa que se consolidou foi a da vinda de um bispo para almoçar conosco a cada dia e partilhar, logo depois, no horário de recreio, o que havia acontecido pela

manhã na aula conciliar: os temas discutidos, as intervenções mais importantes, sua impressão pessoal. Além dos boletins de imprensa diários em língua italiana e portuguesa, lidos no refeitório, podíamos conferir, assim, com participantes e testemunhas oculares suas impressões, comentários, esclarecimentos acerca do desenrolar do Concílio.

As conferências da Domus Mariae

Mais instrutivas ainda do ponto de vista teológico, eram as conferências da Domus Mariae que os teólogos mais em vista do Concílio vinham proferir de noite para os bispos brasileiros e que, nós, estudantes, íamos furtivamente assistir dos balcões do segundo andar do grande salão de eventos da casa. Ali, pudemos ouvir todos os grandes teólogos do concílio, de Karl Rahner SJ a Henri de Lubac SJ, de Yves Congar OP a Hans Küng, de Edward Schillebeeckx OP, a Bernard Häring CSSR, Joseph Ratzinger, Lebrét³, OP; bispos como Sergio Mendes Arceo⁴, de Cuernavaca no México, Alfred Ancel, de Lyon na França, Mons. Bogarín⁵, do Paraguai,

3 Louis Joseph Lebrét (1897-1966): dominicano francês, é considerado um pioneiro do movimento teórico do desenvolvimento econômico que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial. Sua visão humanista da economia segue tendo grande atualidade até os dias de hoje. Foi capelão de pescadores e promotor de uma economia cooperativa na busca de melhorias para o mundo dos marinheiros. Em 1941 fundou o movimento Economia e Humanismo, a partir do qual, em companhia de François Perroux, construiu e ilustrou a problemática e a prática da Economia Humana, preocupada, fundamentalmente, em gerar uma nova aproximação dos estudiosos sociais à realidade, abrindo-se a uma visão global da dinâmica das sociedades e das culturas. Em 1953 integrou-se a Organização das Nações Unidas para estabelecer os Níveis de Desenvolvimento no Mundo. Em companhia de Josué de Castro, Diretor da FAO, trabalhou para estabelecer uma ação internacional, lutar contra as desigualdades e promover uma nova Ética do Desenvolvimento. (Nota da IHU On-Line)

4 Dom Sergio Méndez Arceo (1907-1922): ex-bispo de Cuernavaca, México. (Nota da IHU On-Line)

5 Juan Sinfiorano Bogarín (1863-1949): clérigo nascido no Paraguai e o primeiro arcebispo católico deste país. (Nota da IHU On-Line)

ou os Cardeais Leo Suenens⁶, Agostinho Bea, Giacomo Lercaro⁷, Joseph Cardijn⁸ ou ainda teólogos protestantes como o professor Oscar Cullman e os monges de Taizé, Max Thurian⁹ e Roger Schutz¹⁰ ou ainda membros ou especialistas das Igrejas Orientais: Andrej Scrima, teólogo do Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Athenagoras, Mons. Neophytos Edelby da Igreja Melquita e Frei Christophe René Dumont OP do Centro Istina de Paris. Não faltaram leigos e leigas, auditores do Concílio, entre os quais, Vitorino Veronezzi, o casal mexicano do Movimento Familiar Cristão, José e Luz Alvarez Icaza, o escritor, membro da Academia Francesa de Letras, Jean Guitton¹¹ e a presidente do Movimento Feminino Internacional dos Meios Independentes, Marie Louise Monnet.

IHU On-Line – O que significou o Concílio Vaticano II na trajetória do pensamento e da teologia de Libânio?

José Oscar Beozzo – A experiência do Vaticano II, seu debate teológico e eclesial, sua postura de diálogo e atenção ao mundo contemporâneo, sua opção ecumênica, permeiam toda a teologia do Libânio. Diria mais, o

Vaticano II é elemento estruturante de sua teologia. Esta se enriqueceu depois com toda a perspectiva latino-americana que brotou da experiência das Igrejas no continente, de sua vida religiosa inserida e das grandes Conferências Gerais do Episcopado latino-americano de Medellín¹² a Aparecida¹³.

IHU On-Line – Depois de um período na Europa, Libânio retornou ao Brasil em 1969. Como a realidade brasileira e latino-americana impactou na construção do pensamento de Libânio?

José Oscar Beozzo – Retornando ao Brasil, Libânio mergulhou na realidade brasileira e também latino-americana. Do ponto de vista pastoral, continua marcante sua inserção numa comunidade de periferia de Belo Horizonte e sua parceria com o falecido Pe. Alberto Antoniazzi na assessoria teológica e pastoral do projeto “Construir a Esperança” que alicerçou o empenho missionário evangelizador para a realidade urbana da região metropolitana Belo Horizonte. Sua participação na equipe de reflexão teológica da CRB tornou-o parceiro na busca do necessário suporte teológico para as opções pastorais e os desafios da vida religiosa no pós-Vaticano II e na trilha das opções de Medellín e Puebla. Graças ao seu incansável e disciplinado acompanhamento crítico da produção

teológica brasileira, latino-americana e internacional, Libânio tornou-se mestre em preparar balanços abrangentes e penetrantes dos rumos da teologia contemporânea. Sobre a CRB deixou-nos um longo estudo, *A reflexão teológica sobre a Vida Consagrada – Período de 1980-2000*, publicado por Edênio Valleno *Memória Histórica. As lições de uma caminhada de 50 anos: CRB – 1954 a 2004* (Rio de Janeiro: CRB, 2004). Libânio fez parte da equipe de reflexão teológica da CLAR envolvendo-se em todos os grandes debates pastorais e teológicos da Igreja na América Latina e no Caribe. Quando do Congresso da CLAR, em 2009, foi dado por Libânio um balanço da contribuição teológica da vida religiosa no continente: Vida Consagrada e teologia latino-americana. Saiu publicado no livro de memórias do encontro: *Aportes de la Vida Religiosa a la Teología Latinoamericana y del Caribe. Hacia el futuro*. Libânio participou ativamente da grande empreitada de se repensar aqui na América Latina, toda a teologia à luz da libertação e escreveu em parceria com Maria Clara Bingemer, uma de suas discípulas diletas, um dos livros da Coleção Teologia e Libertação, sobre o tema da escatologia cristã.

IHU On-Line – De modo geral, qual a contribuição de Libânio para a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base?

José Oscar Beozzo – Junto com um grupo de teólogos, teólogas, biblistas, Libânio acompanhou desde o início (1975) os Encontros Intereclesiais das CEBs. Bem depressa assumiu a tarefa de coordenar a contribuição dos teólogos/as antes, durante e depois dos intereclesiais. Cumpria a tarefa com maestria, distribuindo-os pelos diferentes grupos e plenários para prestarem assessoria caso fossem solicitados, mas também para acompanhar como cronistas cada aspecto do encontro. Incumbia-se ainda da tarefa de provocar a cada um, cada uma, para que, terminado o encontro e dentro de prazos curtos, escrevesse

6 **Leo-Jozef Suenens** (1904-1996): arcebispo de Malinas-Bruxelas (1961 a 1979) e cardeal católico (desde 1962). Foi também presidente da Conferência Episcopal Belga. (Nota da IHU On-Line)

7 **Giacomo Lercaro** (1891-1976): cardeal italiano, arcebispo de Ravena de 1947 a 1952, e arcebispo de Bolonha de 1952 a 1968. Foi escolhido cardeal em 1953 pelo Papa Pio XII. (Nota da IHU On-Line)

8 **Monsenhor Joseph Cardijn** (1882-1967): prelado belga que trabalhou pelo compromisso social da igreja católica no início do século XX. Foi o fundador da Juventude Operária Cristã (JOC). Fundou em 1920 a Ação Católica, que agrupa a todos os dirigentes operários católicos no mundo. Foi ordenado cardeal em 1965. (Nota da IHU On-Line)

9 **Max Thurian** (1921-1996): superior da comunidade monástica e ecumênica Taizé, na França. (Nota da IHU On-Line)

10 **Roger Schutz** (1919-2005): irmão calvinista suíço, fundador da comunidade monástica ecumênica Taizé, situada na França. (Nota da IHU On-Line)

11 **Jean Guitton** (1901-1999): romancista e pintor doutor em Letras e professor de Filosofia na Faculdade de Letras de Paris, representante do pensamento cristão moderno autor de ampla obra filosófica e teológica. (Nota da IHU On-Line)

12 **Documento de Medellín**: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da IHU On-Line)

13 **Documento de Aparecida**: A V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31-05-2007, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência. Sobre o tema, a IHU On-Line produziu uma revista especial em 20-6-2007, edição 224, intitulada *Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência*, disponível em <http://bit.ly/dfbllk>. (Nota da IHU On-Line)

um artigo mais pensado sobre determinados aspectos do intereclesial: suas celebrações, suas reflexões temáticas, seus conflitos, a prática pastoral e a reflexão teológica que emergiam dos relatos. Isso permitiu que de cada intereclesial, as CEBs e a Igreja do Brasil pudessem contar com um volume temático da Revista Eclesiástica Brasileira (REB) ou da Vida Pastoral ou mesmo de livros que recolheram essas contribuições. Inestimável essa contribuição para que não se perdesse nem a riqueza humana e eclesial destes eventos, mas que seguissem ajudando a iluminar e alimentar a caminhada das CEBs.

IHU On-Line – A partir do pensamento e da prática de Libânio, o que deve continuar repercutindo na caminhada da Igreja?

José Oscar Beozzo – Em tempos de crise no campo da formação em geral, Libânio é um marco referencial pelo menos sob três aspectos:

— O cuidado e atenção que sempre dedicou ao processo de formação de leigos e leigas na Pastoral da Juventude e Universitária, nas pastorais e nas CEBs.

— Seu empenho de toda uma vida na preparação teológica dos estudantes da Companhia de Jesus e de quantos buscavam uma educação teológica séria e aberta, leigos, leigas, ou candidatos à vida presbiteral e religiosa. Esse tirocínio iniciou-se no Pio Brasileiro e prosseguiu nos longos anos de docência no ISI (Instituto Santo Inácio, hoje Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus). A docência como vocação levou Libânio a ser o mais fecundo autor teológico brasileiro na produção de tratados que pudessem ajudar os estudantes a aprofundar os temas teológicos abordados em sala de aula.

— A preocupação de que a teologia não fosse um exercício abstrato, distante da realidade ou simplesmente acadêmico, voltado para o diálogo com os seus pares, mas que seu diálogo fosse com a vida das pessoas e a pastoral da Igreja.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto que não foi perguntado?

José Oscar Beozzo – Gostaria de enfatizar o legado de Libânio como educador, na linha da maiêutica socrática, introduzindo as pessoas na arte da reflexão e do pensamento regrado, fundamentado e finalmente prático. Destaco duas de suas publicações nessa linha. No *A arte de formar-se*, Libânio deixa-se guiar pela pergunta: “qual é a arte de formar-se uma inteligência crítica, bem estruturada, em vez de um armazém entulhado de conhecimentos? Como aprender a pensar e a conhecer?”.¹⁴ Libânio aponta o que chama de os cinco pilares da formação: “aprender a conhecer e a pensar, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros, aprender a ser e aprender a discernir a vontade de Deus”.¹⁵ Nesse opúsculo, Libânio já anuncia uma obra mais alentada, na mesma direção, que saiu anos depois pela Loyola: *Introdução à vida intelectual*.¹⁶ Retoma de certo modo o ambicioso projeto do tomista Sertillanges, com o seu clássico *A vida intelectual: espírito, condições, métodos*.¹⁷ Acrescenta, entretanto, ao saber teórico do mestre dominicano, sugestões bem práticas, indicando “o caminho das pedras”, para o iniciante nesta difícil e fascinante aventura do conhecimento. Parte da intuição de fundo que não se estuda só com a inteligência: “É todo o ser humano que se compromete com as lides intelectuais”.¹⁸ Divide seu trabalho em duas partes, dedicando a primeira às atitudes fundamentais da vocação intelectual e a segunda a diversos aspectos da vida de estudo: da reunião de grupo, ao estudo de um tema; da produção de uma monografia aos muitos tipos de leitura e

ao ensino acadêmico. Para cada um desses pontos, abundam as sugestões práticas de quem já passou por longo tirocínio e aprendizado, acumulando experiência e sabedoria que são partilhadas generosamente.

Leia mais...

>> Confira outras entrevistas concedidas por José Oscar Beozzo à **IHU On-Line**:

- “A Mater et Magistra deu vigoroso impulso à linha do compromisso social”. Entrevista publicada na IHU On-Line número 360, de 09-05-2011, disponível em <http://bit.ly/l6mvzk>;
- “O retrato de um Brasil muito diferente”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 29-07-2009, disponível em <http://bit.ly/aQxiu4>;
- “Dom Helder, pastor da libertação em terras de muita pobreza”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 07-02-2009, disponível em <http://migre.me/4sG26>;
- “A política tornou-se, o mais das vezes, um teatro”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 20-06-2008, disponível em <http://migre.me/4sG6N>;
- “Giuseppe Alberigo”. Entrevista publicada na IHU On-Line, número 225, de 25-06-2007, disponível em <http://migre.me/4sGbO>.

14 LIBÂNIO, João Batista. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 13. (Nota do entrevistado)

15 *ibidem*, p. 13. (Nota do entrevistado)

16 LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001. (Nota do entrevistado)

17 SERTILLANGES, A. D. *A vida intelectual: espírito, condições, métodos*. São Paulo: Saraiva, 1940. (Nota do entrevistado)

18 LIBÂNIO, *Introdução*, p. 17. (Nota do entrevistado)

Um testemunho de abertura, respeito e liberdade

Faustino Teixeira afirma que Libânio está na raiz de sua vocação teológica

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Para o professor Faustino Teixeira, não é difícil falar sobre João Batista Libânio e os valores que a ele estão associados. “É uma figura iluminada, um mestre em seu sentido mais nobre. Um dos traços mais bonitos de sua vida é a alegria, o otimismo e o profundo respeito aos caminhos da liberdade. O seu entusiasmo é contagiante. Por onde passa deixa um rastro e um aroma diferencial. Suas palavras abrem caminhos e suscitam possibilidades”. Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line** por e-mail, Faustino descreve Libânio como um dos teólogos que “viveram e assumiram a primavera conciliar. Foi nesse lindo clima que se gestou sua reflexão. Trata-se de uma reflexão diferenciada, pontuada pela abertura e ousadia, mas também pela simplicidade e busca. Não é uma teologia morna ou puramente intelectual, mas vibrante e entusiasmada, pois gestada no *humus* da compaixão e da generosidade”. E, ao se referir ao mestre e amigo, completa: “seu respeito à liberdade é irradiador. Sua capacidade de escuta, de abertura e de aceitação da singu-

laridade e irreducibilidade dos passos de cada um talvez seja um dos segredos mais lindos de sua sedução. Em tempos de tanta arrogância e autoritarismo, também no campo das igrejas, presenças assim, tranquilas e abertas, são testemunhos imprescindíveis”.

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e Pluralismo Religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); e *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o seu testemunho sobre João Batista Libânio, que celebra 80 anos de vida?

Faustino Teixeira – Falar sobre o mestre Libânio é sempre motivo de grande alegria para mim. São décadas pontuadas por uma grande e linda amizade. Ele está na raiz de minha vocação teológica. Com ele veio o impulso decisivo para o aprofundamento no mundo da teologia. Vinha da Ciência da Religião, motivado a continuar meus estudos no campo da sociologia da religião. Ocorreu então o toque de delicadeza de Libânio, incentivando-me a trilhar rumos alternativos, com a possibilidade de continuidade dos estudos na PUC-Rio. E aí nasceu toda uma trajetória de vida. Não é difícil falar sobre o Libânio e os valores que

a ele estão associados. É uma figura iluminada, um mestre em seu sentido mais nobre. Um dos traços mais bonitos de sua vida é a alegria, o otimismo e o profundo respeito aos caminhos da liberdade. O seu entusiasmo é contagiante. Por onde passa deixa um rastro e um aroma diferencial. Suas palavras abrem caminhos e suscitam possibilidades. Sabe também, como poucos, acolher com carinho, a qualquer momento, as pessoas com suas angústias e dificuldades. É um traço de sua vida. Mesmo nos espaços jesuítas, em geral reservados, soube estar sempre aberto e atento às demandas dos outros. Como é sabido, a porta de seu quarto ou gabinete sempre esteve aberta para a generosidade desse acolhimento. Como um verdadeiro mes-

tre, soube sempre ajudar os outros a se encaminhar, e de uma forma didática singular, nos caminhos do aprendizado teológico. Sim, um pedagogo muito especial. Seria difícil nomear todos os profissionais, ministros, leigos e bispos que passaram por esse aprendizado. E todos guardam, sem dúvida, uma linda recordação dessa convivência e legado. Sua presença viva e dedicada não se deu apenas no campo da academia, mas também no âmbito da pastoral da juventude e do compromisso pastoral.

IHU On-Line – Como a teologia vibra no modo de ser de Libânio?

Faustino Teixeira – A teologia que pulsa no coração de Libânio é uma teologia sedenta de realidade. É

dos teólogos que viveram e assumiram a primavera conciliar. Foi nesse lindo clima que se gestou sua reflexão. Trata-se de uma reflexão diferenciada, pontuada pela abertura e ousadia, mas também pela simplicidade e busca. Não é uma teologia morna ou puramente intelectual, mas vibrante e entusiasmada, pois gestada no *humus* da compaixão e da generosidade. Já no período de sua atuação em Roma, enquanto repetidor de estudos no Colégio Pio Brasileiro, irradiava essa alegria e abertura. Em seu retorno ao Brasil, veio o reforço da Teologia da Libertação, e o incentivo mais fundo para uma reflexão enraizada na vida e no compromisso com os pobres. Os alunos tinham contato com Libânio no início de seu processo de formação teológica, o que é muito importante. Seus cursos tinham esse traço propedêutico. Como não recordar suas aulas de introdução à teologia e de teologia fundamental, que abriam o ciclo da formação teológica. Dali vinham as inspirações geradoras de todo um caminho de formação, e também um entusiasmo único para essa nobre tarefa. Para Libânio, a arte de formar-se envolve um duplo movimento, de ampliação das qualidades humanas e religiosas e de compromisso com a transformação do mundo.

IHU On-Line – Que pensadores ou fontes matriciais fundamentam o pensamento de Libânio?

Faustino Teixeira – Sublinho isso num artigo que escrevi num livro de homenagem aos 80 anos de Libânio, organizado por Afonso Murad¹ e Vera Bombonato² (*Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012). Ele teve grandes mestres em sua trajetória, e cada um deles pontuou um aspecto importante de sua perspectiva teológica. Ele sublinha a presença do padre Antônio Aquino no incentivo ao exercício metodológico. Com ele aprendeu a importância da tranquilidade e leveza na arte de escrever. Com

1 Afonso Tadeu Murad é licenciado em Pedagogia e Filosofia e doutor em Teologia Sistemática. Autor de vários livros e artigos, atualmente leciona no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte-MG. (Nota da IHU On-Line)

2 Vera Bombonato: irmã Paulina e teóloga com doutorado em Cristologia. (Nota da IHU On-Line)

outro mestre, Franz Lennartz, ocorreu a abertura ao universo da psicologia profunda, tão fundamental para a arte do acompanhamento pedagógico e pastoral. Teve também a presença do Pe. Oscar Mueller, que aprofundou em sua vida o agudo sentido da liberdade pessoal e o respeito à diversidade dos caminhos. Duas palavras que marcam a personalidade de Libânio: o valor da liberdade e o respeito pelo outro. São dois traços sempre lembrados por todos que passaram por seu caminho ou que ainda desfrutaram de sua presença amiga. Não se pode deixar de mencionar, entre seus importantes mestres, a presença do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz³. Foi das presenças mais

3 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese. Revista de Filosofia*, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo “Um depoimento sobre o Padre Vaz”, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais publicados pela IHU On-Line: a Entrevista da Semana intitulada “Vaz e a filosofia da natureza”, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista “Vaz: intérprete de uma civilização arregiososa”, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os Artigos da Semana intitulados “O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental”, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e “Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz”, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa “A política em tempos de nilismo ético”, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada “Crise de fundamentos éticos do espaço público”, e a entrevista com Marcelo Perine, “Padre Vaz e o diálogo com a modernidade”. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no **Simpósio Internacional do futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**

decisivas em sua vida, com uma força irradiadora indescritível. Não só um mestre da inteligência, mas também um amigo de todos os momentos. No âmbito do influxo intelectual, há que sublinhar a presença de Karl Rahner, que deixou marcas profundas em sua abertura teológica, sobretudo a dinâmica de integração do humano com o divino.

Deve-se lembrar, por fim, outras personalidades latino-americanas e brasileiras que o marcaram em sua trajetória, de modo particular na afirmação de sua reflexão teológica libertadora. Nomes como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Clodovis Boff⁴, José Oscar Beozzo⁵, Frei Betto⁶ e outros, não podem ser esquecidos. Contribuíram para o enraizamento de sua reflexão teológica no mundo dos empobrecidos.

IHU On-Line – Como o senhor descreve a caminhada de Libânio como teólogo e a sua importância para o contexto latino-americano?

Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista “Vaz, intérprete de uma civilização arregiososa”. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia também a edição especial da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, “Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao nilismo ético”, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da IHU On-Line)

4 Clodovis Boff: teólogo e filósofo brasileiro. É sacerdote da Ordem dos Servos de Maria e responsável pela pastoral das favelas. Doutorado-se pela Universidade Católica de Lovain (Bélgica) e é professor no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, no Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Pontifícia Faculdade “Marianum” de Roma. É também membro do ISER-Assessoria. De suas obras, citamos *Teoria do Método Teológico* (4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009). Confira a entrevista especial concedida por Boff à revista IHU On-Line, “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”, disponível em <http://bit.ly/Kgii70>. (Nota da IHU On-Line)

5 José Oscar Beozzo: padre, teólogo, historiador da Igreja e coordenador-geral do Centro Ecmênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular - Cesep. Confira nesta edição uma entrevista com ele. (Nota da IHU On-Line)

6 Frei Betto: jornalista, antropólogo, filósofo e teólogo, além de frade dominicano e escritor. Escreveu mais de 40 livros, dentre os quais o mais conhecido é *Batismo de sangue*. (Nota da IHU On-Line)

Faustino Teixeira – Vejo sua contribuição em dois âmbitos. Em primeiro lugar, no testemunho vivo, alegre, simples e desapegado de sua presença na igreja e na sociedade. Esse testemunho é o que fala mais forte em sua vida e o que mais encanta a todos. Trata-se de um teólogo com o pé no chão e com o coração aberto. Sua presença fala por si mesma do encantador mistério do reino de Deus. Outro vetor de sua contribuição está na dinâmica de sua pedagogia de formador. Tem um dom especial de iniciar as pessoas na arte de formar-se. Dentre suas inúmeras obras, destacam-se aquelas que tratam dessa questão: da formação, do discernimento, da iniciação à vida intelectual e da introdução aos mistérios da teologia. Teve também, e continua tendo, um papel muito importante na abertura das consciências, tanto no campo da consciência crítica como igualmente da compreensão mais crítica dos cenários da igreja. São reconhecidamente clássicos os livros que escreveu sobre a conjuntura da igreja, sobre a teologia da libertação e o Vaticano II.

IHU On-Line – O que destaca de mais marcante sobre a “Tropa Maldita” e a relação desse grupo com Libânio?

Faustino Teixeira – Ao retornar ao Brasil, depois de longos anos de formação na Europa, um dos espaços importantes de atuação de Libânio foi o campo da pastoral da juventude. Registrou esse trabalho num importante livro a respeito, publicado em 1978 (*O mundo dos jovens*. São Paulo: Loyola, 1978). Atuou como orientador nos Cursos da Juventude Cristã (CJC), prosseguindo depois no acompanhamento de jovens universitários. Isso no começo dos anos 1970. A “Tropa Maldita” nasceu nesse caldo. Eram jovens universitários, desencantados com os grupos tradicionais de juventude e que buscavam caminhos mais críticos de atuação. Irmanados por fortes laços de amizade e carinho por Libânio, gestados nos encontros de juventude, esses jovens receberam sua pronta acolhida para dar continuidade ao trabalho de formação. Assim nasceu o novo grupo, a “Tropa” do Libânio, como indicou um antigo padre e dirigente do CJC, de onde veio grande

parte do grupo. A “Tropa” se reunia com Libânio em torno de quatro vezes por ano, quase sempre na cidade de Juiz de Fora, no antigo seminário maior dos padres redentoristas, no bairro Floresta. Aproveitavam-se os feriados maiores para possibilitar a reunião do grupo. E os temas eram de grande atualidade: conjuntura brasileira, formação da consciência crítica, aprofundamento filosófico, etc. Muitos autores passaram pela reflexão do grupo: Teilhard de Chardin, Jacques Monod⁷, Ivan Illich⁸, Paul Tillich⁹, Carlos Drummond de Andrade¹⁰ e tantos outros. Vale sublinhar que os encontros aconteceram num difícil momento da conjuntura política, em pleno exercício da ditadura militar. Algumas das reuniões foram vividas em clima de muita apreensão e temor, dado o clima do período. Os tempos não eram propícios para articulações de grupos, muito menos de universitários. Mas a coragem do grupo e o estímulo do

⁷Jacques Monod: bioquímico francês, recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1965, como um dos responsáveis pela descoberta do RNA mensageiro - molécula intermediária na síntese de proteínas, que faz a intermediação entre o DNA e as proteínas. O prêmio foi compartilhado com seus colegas François Jacob e André Lwoff. (Nota da IHU On-Line)

⁸Ivan Illich (1926-2002): pensador e autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. Sobre ele, leia a revista IHU On-Line número 46, de 09-12-2002, intitulada Ivan Illich, pensador radical e inovador, disponível para download no link <http://bit.ly/umtTfi>. Confira, ainda, a nota “A ‘boa nova’” de Ivan Illich, que dá a cobertura da palestra “A atualidade da obra de Ivan Illich”, proferida pelo filósofo e economista Serge Latouche em 24-11-2011, dentro da programação do Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades. O material está disponível em <http://bit.ly/vwWXwB>. (Nota da IHU On-Line)

⁹Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

¹⁰Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada “Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo”, disponível em <http://migre.me/qR60>. (Nota da IHU On-Line)

Libânio foram mais fortes para enfrentar tais adversidades. E o grupo seguiu com os encontros. Era uma turma bem diversificada, abrigando jovens de diversos ramos acadêmicos: medicina, psicologia, teologia, filosofia, sociologia, serviço social. E de distintas partes do Brasil: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Sete Lagoas, Volta Redonda e São Paulo. Os encontros tinham momentos reflexivos, que eram fortes, e momentos celebrativos. As celebrações de Libânio eram indescritíveis, com um ritmo singular de liberdade e participação. E sempre animadas por muita música e cantoria. No repertório, a presença constante de Geraldo Vandré¹¹, Chico Buarque de Hollanda¹² e Milton Nascimento¹³. Bem distante das celebrações mornas que marcam o nosso tempo, as celebrações do Libânio eram vivas e entusiasmantes. O clima era de muita liberdade e todos participavam com alegria e emoção.

O grupo percorreu as décadas de 1970, 1980 e inícios de 1990. Curiosidade é que muitos casais formaram-se nesse grupo e também amizades du-

¹¹Geraldo Vandré: nome artístico utilizado por Geraldo Pedroso de Araújo Dias (1935) até 1973 e pelo qual continua sendo conhecido até a atualidade. Geraldo é advogado e um dos maiores cantores e compositores brasileiros. Seu sobrenome é uma abreviatura do sobrenome do seu pai, José Vandregisilo. (Nota da IHU On-Line)

¹²Francisco Buarque de Hollanda (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Abordou a ditadura e, fugindo dela, criou um pseudônimo para continuar compondo e não ser barrado pela censura: Julinho da Adelaide com o qual compôs apenas 3 músicas. Sobre a canção Cálice, além do título da composição ter som idêntico à expressão cale-se, seus versos poderiam ser confundidos com uma divagação religiosa, tal como no trecho “Pai, afasta de mim esse cálice, De vinho tinto de sangue, Como beber dessa bebida amarga, Tragar a dor, engolir a labuta, Mesmo calada a boca, resta o peito, Silêncio na cidade não se escuta”. Gilberto Gil e Chico Buarque foram proibidos pela censura de cantar a canção em parceria no festival Phono 73, que aconteceu de 11 a 13 de maio de 1973, no Anhembi, em São Paulo. A dupla resolveu peitar a censura ao vivo, mas teve os microfones desligados. (Nota da IHU On-Line)

¹³Milton Nascimento (1942): cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. (Nota da IHU On-Line)

radouras. Depois vieram os filhos, que também passaram a participar com os pais dos encontros, formando em seguida uma verdadeira “tropinha”, com encontros dedicados aos seus temas. O grupo ainda voltou a se reunir em tempos mais recentes. Por ocasião dos 80 anos de Libânio, em fevereiro de 2012, houve um grande encontro festivo da Tropa, no mesmo Seminário da Floresta, para celebrar essa efeméride. Ali nesse grupo gestou-se uma gama de profissionais em campos diversificados de atuação, que brilham com destaque no cenário nacional. E na base dessa formação, a presença amiga e duradoura de Libânio.

IHU On-Line – Quais são os traços marcantes do mestre Libânio?

Faustino Teixeira – Destacaria a alegria, o cuidado e a delicadeza, mas, sobretudo, o gesto de respeito aos caminhos diversificados e o sagrado compromisso de valorizar o campo da liberdade. Todos nós que vivemos a riqueza dessa presença em nossas vidas somos unânimes em reconhecer esse traço de Libânio. Seu respeito à liberdade é irradiador. Sua capacidade de escuta, de abertura e de aceitação da singularidade e irredutibilidade dos passos de cada um talvez seja um dos segredos mais lindos de sua sedução. Em tempos de tanta arrogância e autoritarismo, também no campo das igrejas, presenças assim, tranquilas e abertas, são testemunhos imprescindíveis.

IHU On-Line – A partir de Libânio, o que significa ser Igreja num mundo pós-moderno e plural?

Faustino Teixeira – Com base no aprendizado com Libânio, entendo que ser Igreja nesse tempo atual exige de nós alguns requisitos essenciais. Há que ter sempre aceso no coração os valores essenciais da solidariedade aos outros, do potencial de hospitalidade e abertura, da delicadeza e cuidado na escuta dos sinais dos tempos, sobretudo nos pequenos e inusitados sinais do cotidiano. E também uma abertura imarcescível ao mundo plural. Nada mais triste e desalentador que uma igreja cerrada em si mesma, na solidão de sua consciência de posse da verdade. Os caminhos vivenciados e apontados por Jesus, que é o nosso

“Para Libânio, a arte de formar-se envolve um duplo movimento, de ampliação das qualidades humanas e religiosas e de compromisso com a transformação do mundo”

mestre maior, vão por outras veredas, bem mais arejadas e livres. Como tão bem mostrou José Antônio Pagola¹⁴, em seu fabuloso livro sobre Jesus, já na quarta edição brasileira, o que esse galileu e profeta do reino de Deus trouxe para nós é algo bem singelo: o amor pela vida e o cuidados com os outros. O que ele nos transmite, quando de fato dele nos aproximamos, é um apaixonado amor pela vida. É alguém que contagia e irradia saúde, transmitindo com vigor uma profunda fé na bondade de Deus. Como assinala Pagola, o que o Deus compassivo, anunciado por Jesus, pede a seus filhos e filhas é “uma vida inspirada pela compaixão. Nada pode agradar-lhe mais. Construir a vida como Deus a quer só é possível se se fizer do amor um imperativo absoluto”. Isso também aprendemos com Libânio.

¹⁴José Antônio Pagola: teólogo e autor de diversas obras de teologia, pastoral e cristologia, dentre as quais *Jesus. Aproximação histórica*, publicado em 2010 pela Editora Vozes, de Petrópolis. A obra inspirou a edição número 336 da IHU On-Line, de 06-07-2010, intitulada *Jesus de Nazaré. Humanamente divino e divinamente humano*, disponível em <http://bit.ly/aB4gaM> (Nota da IHU On-Line)

Leia mais...

>>**Faustino Teixeira** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line** e é autor de algumas publicações pelo IHU. Confira:

- *Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade)*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/JUIdZ1>;
- *O Jesus de Pagola*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 336, de 06-07-2010, disponível em <http://migre.me/754Ty>;
- *O budismo e o “silêncio sobre Deus”*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 308, de 14-09-2009, disponível em <http://migre.me/7552C>;
- *Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://migre.me/754Vy>;
- *Bento XVI e Barak Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã*. Artigo publicado na edição 296 da revista IHU On-Line, de 08-06-2009, disponível em <http://migre.me/75549>;
- *Jesus de Nazaré: um fascínio duradouro*. Artigo publicado na edição 248 da revista IHU On-Line, de 17-12-2007, disponível em <http://migre.me/754Zk>.

Um ponto de equilíbrio dentro da Teologia da Libertação

Para o teólogo e escritor Leonardo Boff, com suas obras Libânio cobriu praticamente os principais tratados da teologia. “Sempre conferiu ao seu discurso uma aura de espiritualidade. Sua fala é brilhante, comunicativa, com pitadas de fino humor”

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Na visão de Leonardo Boff, que tem em João Batista Libânio um “amigo-irmão”, ele será contado como um dos “mais fecundos teólogos da Igreja pós-conciliar, com vasta obra teológica, pastoral, espiritual e intelectual. Será visto como um teólogo do equilíbrio dinâmico, do bom senso pastoral e sempre fiel a seu lar espiritual, a Ordem Jesuíta, ao sentir da Igreja latino-americana e brasileira e às buscas humanas por sentido e vida. Sua reflexão atinge o nível estrutural das questões e por isso guardará atualidade. Sempre se aprenderá com a visitação de seus escritos”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Boff percebe que Libânio cultivou e viveu duas grandes fidelidades: “à Igreja e ao Papa, para além de fatos lamentáveis que ocorreram. Nunca dissociou a teologia da pastoral. Por isso é um dos

mais queridos assessores e assistentes eclesiais e eclesiásticos. E a outra fidelidade: sempre foi fiel à dimensão de libertação dos oprimidos, inscrevendo-se como um dos mais representativos teólogos da libertação em nível mundial”.

Leonardo Boff, filósofo, teólogo e escritor é professor emérito de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres* (São Paulo: Ática, 1990); *São Francisco de Assis. Ternura e vigor* (8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000); *Ética da vida* (Rio de Janeiro: Sextante, 2006); e *Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância* (Petrópolis: Vozes, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Poderia falar um pouco sobre sua relação com Libânio na qualidade de companheiro de vida e de caminhada?

Leonardo Boff – Libânio é um amigo-irmão. Começamos juntos nossa atividade teológica que já tem mais de 40 anos. Seja na Conferência dos Religiosos do Brasil, seja na Conferência dos Bispos e em incontáveis cursos e encontros no Brasil e no exterior. Tivemos a mesma formação de base, da universidade alemã e fomos inspirados por mestres comuns como Karl Rahner, Yves Congar e outros. Sempre admirei sua vasta cultura humanística e especificamente teológica. Com suas obras cobriu praticamente os principais tratados da teologia. Sempre conferiu ao seu discurso uma aura de espiritualidade. Sua fala é brilhante, comunicativa, com pitadas de fino humor.

IHU On-Line – Quais são as principais marcas de Libânio, como pessoa e pensador?

Leonardo Boff – Como pessoa, revela-se fraterno, jovial e sempre compreensivo. É um intelectual extremamente culto e sempre atualizado nas questões filosóficas e teológicas. Sabe resumir os mais intrincados pensamentos com simplicidade, captando imediatamente o nó problemático das questões. Por sua piedade e sentido espiritual da vida mostra sinais de santidade. É um amigo-irmão que eu nunca perdi e sempre esteve ao meu lado nas minhas tribulações.

IHU On-Line – De modo geral, como o senhor analisa a trajetória teológica e eclesial de Libânio?

Leonardo Boff – Ele cultivou e viveu duas grandes fidelidades: à Igreja e ao Papa, para além de fatos lamentáveis que ocorreram. Nunca dissociou a

teologia da pastoral. Por isso é um dos mais queridos assessores e assistentes eclesiais e eclesiásticos. E a outra fidelidade: sempre foi fiel à dimensão de libertação dos oprimidos, inscrevendo-se como um dos mais representativos teólogos da libertação em nível mundial.

IHU On-Line – Qual é o lugar de João Batista Libânio na Teologia brasileira e latino-americana?

Leonardo Boff – Cabe a Deus e à história a última palavra. Mas como antepenúltima e penúltima, cabe também uma palavra humana. Ele será contado como um dos mais fecundos teólogos da Igreja pós-conciliar, com vasta obra teológica, pastoral, espiritual e intelectual. Será visto como um teólogo do equilíbrio dinâmico, do bom senso pastoral e sempre fiel a seu lar espiritual, a Ordem Jesuíta, ao sentir da Igreja latino-americana e brasi-

leira e às buscas humanas por sentido e vida. Sua reflexão atinge o nível estrutural das questões e por isso guardará atualidade. Sempre se aprenderá com a visitação de seus escritos.

IHU On-Line – Como a opção de Libânio pela Teologia da Libertação tem impactado na caminhada da Igreja?

Leonardo Boff – Libânio representou um ponto de equilíbrio dentro da teologia da libertação. É a razão pela qual foi muito ouvido pelos bispos e acolhido por todo tipo de auditório. Firme nas opções de base deste tipo de teologia, sabe articulá-las com as doutrinas da tradição cristã, mas de forma criativa e nunca no modo de um conciliarismo fácil. Ajudou a muitos jovens, jornalistas e intelectuais que acabaram formando uma rica roda ao redor de seu pensamento e pessoa. Mas principalmente colaborou enormemente nos grandes encontros nacionais das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs que, junto com Frei Betto, foi um de seus inspiradores. Ele se conta entre um dos mais preciosos patrimônios intelectuais de nossa Igreja brasileira. Alguém de quem todos nós nos podemos nos orgulhar.

IHU On-Line – Tendo presentes os atuais desafios que emergem do mundo plural (ecologia, diversidade religiosa...), de que modo o

senhor analisa a contribuição de Libânio para o pensamento teológico contemporâneo?

Leonardo Boff – Libânio se caracteriza particularmente por levar um diálogo erudito, aberto e criativo com as tendências atuais do pensamento e com as emergências novas da realidade, seja no campo da pós-modernidade, do fenômeno das religiões, da urbanização do mundo, da busca de sentido da intelectualidade acadêmica, da ecologia e outras. Nesse sentido, ajudou a socializar temáticas não muito abordadas pela teologia escolar e a ilustrar a consciência eclesial com conhecimentos novos, sempre numa perspectiva de fé e de sua incidência na pastoral. Nisso ele, além de teólogo foi um pastor. Melhor, entendeu o verdadeiro sentido de toda a teologia que é ser um momento da pastoral da Igreja.

IHU On-Line – Para finalizar, o que o senhor deseja acrescentar sobre Libânio, no momento em que ele celebra 80 anos de vida?

Leonardo Boff – Considero um privilégio e uma graça do Altíssimo ter podido caminhar a seu lado. Juntos tentamos dar o melhor de nosso pensamento em benefício dos outros, dos pobres e da Igreja. Que seus 80 anos continuem florescendo em obras de sabedoria, com a jovialidade e fraternidade que tanto admiramos nele.

Leia mais...

>> Leonardo Boff já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Manter viva a chama interior, desafio do cristianismo*. Depoimento publicado na edição número 209 da IHU On-Line, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/iBjvZq>;
- *“Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>;
- *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 238, de 01-10-2007, disponível em <http://bit.ly/km44R2>.

Evento: Ciclo de Palestras: Filosofias da Intersubjetividade

Data: 31-05-2012

Palestra: Giorgio Agamben: a exceção jurídica e o controle biopolítico da vida humana

Palestrante: Prof. Dr. Castor M. M. Bartolomé Ruiz - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Conecta (Centro Comunitário)

Mais informações: <http://migre.me/9aEu7>

Um mestre

“No caso do Pe. Libânio vida e obra são inseparáveis, pois ele é, acima de tudo, um homem de Deus que se colocou a serviço dos seus irmãos”, descreve Carlos Roberto Drawin

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Para o professor de filosofia Carlos Roberto Drawin, a vida e a obra do Pe. Libânio ressumam ao longo do tempo a sua opção fundamental profundamente enraizada na existência e na fé e, portanto, ambas estão intimamente inter-relacionadas no mesmo compromisso com o mundo. “O seu conhecimento, forjado no rigor do método e enriquecido na amplitude da erudição, não está aprisionado no jogo de espelhos das vaidades, mas é um conhecimento empenhado na decifração do enigma do mundo e compassivo para com o sofrimento dos homens, sobretudo dos mais pobres e desamparados”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail

para a **IHU On-Line**, Drawin aponta como uma das características marcantes da personalidade de João Batista Libânio a sua liberdade diante do olhar crítico do outro.

Carlos Roberto Drawin possui graduação em Psicologia e em Filosofia, e mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Até 2010, quando se aposentou, foi professor do programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Filosofia da mesma instituição. Atualmente é professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE - de Belo Horizonte

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor conheceu João Batista Libânio e o que pode falar sobre a amizade de vocês?

Carlos Roberto Drawin – Eu vi pela primeira vez o Pe. Libânio no já longínquo ano de 1972 quando eu era ainda um jovem recém-formado em Psicologia, sem saber que rumo tomar na vida e me perdia tateando nas trevas da ditadura militar que havia se abatido sobre nosso país. Eu tinha participado, quando universitário, do movimento estudantil que após o Ato Institucional de 1968 havia sido destroçado. Um pequeno grupo de profissionais e estudantes, do qual eu fazia parte, tentava reorganizar, em meio ao medo e à incerteza, a Juventude Universitária Católica – JUC e foi na ocasião de um de nossos encontros que tive o privilégio de assistir a uma exposição do Pe. Libânio, que na época era também um jovem teólogo jesuíta que, após retornar dos seus longos anos de estudos na Europa, iniciava o seu brilhante percurso. A

sua exposição, não só pela clareza das ideias, mas também pela energia vital que transmitia, revelou imediatamente para mim a força de sua presença luminosa. Eu lhe pedi, então, uma conversa particular na certeza de que sua inteligência e generosidade poderiam me acolher e me orientar nos desaminhos em que eu estava enredado. A conversa e o acolhimento já se prolongam há 40 quarenta anos suscitando em mim uma admiração que não cessa e uma inexprimível gratidão.

IHU On-Line – O que admira na obra e na trajetória de Libânio?

Carlos Roberto Drawin – Obra e pensamento nem sempre andam juntos. Muitos foram os pensadores cuja vida parecia contradizer as suas ideias. Outros, ao contrário, fizeram de sua vida o mais eloquente argumento a favor de sua obra. No caso do Pe. Libânio vida e obra são inseparáveis, pois ele é, acima de tudo, um homem de Deus que se colocou a serviço dos seus ir-

mãos. Nesse sentido, a sua obra, vasta e fecunda, pouco tem em comum com o atual trabalho intelectual que nas universidades se vê submetido às injunções formais e burocráticas da vida acadêmica. A vida e a obra do Pe. Libânio ressumam ao longo do tempo a sua opção fundamental profundamente enraizada na existência e na fé e, portanto, ambas estão intimamente inter-relacionadas no mesmo compromisso com o mundo. O seu conhecimento, forjado no rigor do método e enriquecido na amplitude da erudição, não está aprisionado no jogo de espelhos das vaidades, mas é um conhecimento empenhado na decifração do enigma do mundo e compassivo para com o sofrimento dos homens, sobretudo dos mais pobres e desamparados. De que adianta, como ele frequentemente observa, reconstruir exata e minuciosamente o que algum pensador disse no passado, se esse dizer em nada contribui com a crítica do presente e a construção do futuro?

IHU On-Line – Como o senhor descreve Libânio enquanto mestre?

Carlos Roberto Drawin – Muitos são os requisitos da maestria e dentre eles são imprescindíveis o domínio do saber e a clareza do dizer. São duas virtudes que o Pe. Libânio possui em abundância. A primeira só pode ser obtida no esforço dos trabalhos e dos dias, nas longas jornadas de estudo, na ascese da disciplina. Nisso ele é filho inequívoco da tradição jesuítica. Por trás de sua impressionante fluência, da aparente facilidade com que o orador magnetiza o público, ocultam-se o trabalho árduo e o vasto canteiro de obras de suas leituras e pesquisas. A segunda virtude, a sua enorme capacidade de comunicar e fascinar, de tornar tudo simples e claro, sem jamais perder a contundência crítica e a estimulante originalidade, não decorre apenas do poder de sua vontade, mas certamente é dom de Deus. Os seus alunos, discípulos, ouvintes e admiradores devem simplesmente se alegrar com a fecundidade de tal dom. No entanto, como todos sabem, os dons podem ser perigosos, pois podem agrilhoar os que os recebem na avareza da posse e na clausura da autoimagem. No caso do Pe. Libânio, no entanto, outra virtude se destaca em sua maestria: a sua imensa generosidade. Virtude que, infelizmente, é bem mais rara no mundo intelectual. Assim, posso testemunhar que, quando eu não conheço um assunto e me torno inseguro, a ele posso recorrer, pois eu sei, como sempre soube, que receberei uma dose dupla de auxílio: não só o conhecimento que me falta e que ele supre discretamente, mas também um elogio imerecido que vem a calhar para reerguer o ego combatido e alimentar a autoestima.

IHU On-Line – Para além dos âmbitos acadêmico e intelectual, como o senhor testemunha a presença de Libânio junto ao povo, às Comunidades Eclesiais?

Carlos Roberto Drawin – Padre Libânio sempre foi para mim um mestre e um amigo fraterno. Como antes indiquei, dele recebi incomensuráveis tesouros espirituais e intelectuais. Com ele sempre convivi no espaço in-

“Muitos são os requisitos da maestria e dentre eles são imprescindíveis o domínio do saber e a clareza do dizer. São duas virtudes que o Pe. Libânio possui em abundância”

timo da amizade e no espaço público da vida intelectual e acadêmica. Atualmente posso, com orgulho e presunção, chamá-lo de colega, pois ambos trabalhamos na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, em Belo Horizonte. Não posso testemunhar diretamente, entretanto, sobre a sua presença no meio popular. Porém, indiretamente, seja pelo depoimento de outros, seja pela repercussão facilmente perceptível de suas atividades, não há como não reconhecer a extensa e intensa penetração de sua presença. Uma presença disseminada num amplo espectro que vai do alcance universal do teólogo – pelo papel essencial de sua obra na fundação e difusão da Teologia da Libertação – ao lugar humilde, mas não menos relevante, de coadjutor da paróquia de uma pequena cidade mineira. Quem conhece o teólogo eminente ficaria surpreso em reconhecê-lo como o celebrante das singelas missas das crianças e ao vê-lo circular como um jovem dentre os jovens da paróquia. A presença do Pe. Libânio junto ao povo não está nem num e nem noutro desses polos, porque abrange todas as suas atividades movidas pelo desejo de amar e servir sempre mais e melhor, tanto sabendo se conter nas pequenas coisas como não temendo se lançar nos maiores desafios.

IHU On-Line – Qual era a relação de proximidade de Libânio com Lima Vaz? De que modo a filosofia de Vaz influenciou o pensamento de Libânio?

Carlos Roberto Drawin – Eu fui durante muitos anos aluno do Pe. Henrique de Lima Vaz a quem designei como “mestre incomparável” na ocasião em que tive a honra de pronunciar o discurso em sua homenagem quando da solenidade em que lhe foi outorgado o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. Um elogio que longe de ser hiperbólico apenas ressaltava a impressão que provinha do notável contraste entre a figura humilde do professor e o vigor e audácia do pensador. Ora, o Pe. Libânio foi discípulo, amigo e irmão do Pe. Vaz na Companhia de Jesus e sempre me dizia do imenso privilégio que era essa convivência e o quão perplexo ele ficava ao observar o grande filósofo caminhando meditativo e rezando o terço, entregue a uma devoção que a muitos pareceria incompatível com as complexas e sofisticadas construções conceituais de seus textos. Esse cultivo da humildade cristã talvez tenha sido uma das razões, dentre outras, do desconhecimento que ainda cerca a obra vaziana, mas que lentamente vai se dissipando com a publicação dos manuscritos inéditos e a reedição de seus livros. O Pe. Libânio sabia que sempre poderia recorrer – transpondo a curta distância entre o seu quarto e o do Pe. Vaz – a essa fonte pura e pujante, generosa e simples de saber e sabedoria. Tal reconhecimento e veneração, no entanto, jamais tolheu no Pe. Libânio a sua independência intelectual e sua respeitosa divergência. Algumas vezes o teólogo, combatente da justiça e servidor da esperança, discordou do filósofo em sua intransigente defesa da razão. Porém, em todos os seus encontros, convergentes ou divergentes, a última palavra coube ao compromisso comum e ao amor partilhado da verdade. Creio que o Pe. Vaz contribuiu significativamente para a constituição da estrutura dialética da teologia libânica, mas certamente a sua influência mais profunda foi o testemunho dessa vida que se en-

tregou silenciosamente à primazia da caridade.

IHU On-Line – Como os conceitos de modernidade e pós-modernidade são implicados no pensamento de Libânio?

Carlos Roberto Drawin – Uma das características marcantes da personalidade do Pe. Libânio é sua liberdade diante do olhar crítico do outro. Temente de Deus ele não teme a avaliação que os seus leitores e colegas possam fazer de seus escritos, o que o livra das inibições tão comuns nos meios intelectuais. Essa é uma das razões, além de sua excepcional inteligência, que nos ajuda a compreender como ele se tornou um escritor extraordinariamente prolífico. Assim, diante de uma obra tão extensa e multiforme não é fácil responder de modo sintético e justo à questão que foi proposta. Seria preciso reportar a obras como *Teologia da revelação a partir da modernidade* (1992), *A religião no início do milênio* (2002), *Em busca de lucidez. O fiel da balança* (2008) e muitas outras. Vou me ater, portanto, a uma observação contida na “Introdução” da última obra citada: *“O momento presente está a exigir muita lucidez. Até a modernidade as linhas do horizonte se definiam com clareza. A poluição cultural acinzentou o céu, de modo que não distinguimos a pré-modernidade, a modernidade e a pós-modernidade. Vivem-se simultaneamente tais momentos culturais de maneira intrigante”* (p. 17-18). Essa exigência de lucidez está cravada no coração de um fazer teológico que se quer fiel à Revelação e à Tradição sem descurar os desafios advindos do “espírito de suspeita” que, desde o limiar da modernidade, acompanha a ascen-

“O momento presente está a exigir muita lucidez”

são da subjetividade. Uma teologia lúcida não pode se fechar na reiteração de verdades dadas de antemão e, desse modo, se perder na ilusão da “pura objetividade”, mas reconhece o horizonte hermenêutico em que está inserida. Somente a explicitação dos próprios pressupostos e pontos de vista permite o desdobramento dialético do círculo hermenêutico que, partindo da Revelação, “aceita a acolhida na fé”, libertando-a das inevitáveis cristalizações ideológicas que a envolvem e permitindo que sua luz transcendental se derrame nos “tempos sombrios” de um mundo pretensamente iluminado por uma racionalidade tão eficaz quanto carente de sentido humano.

IHU On-Line – Como se pode verificar em sua vasta obra a partir da Teologia, Libânio dialoga com outras áreas do conhecimento e das ciências sociais. Que fio condutor podemos perceber nessas interfaces?

Carlos Roberto Drawin – A resposta à questão anterior inclui necessariamente a questão acima formulada. Quando explicitamos os nossos pressupostos nos livramos da ilusão de que falamos desde o “ponto de vista da eternidade” e inserimos as nossas ideias na história, o que significa se colocar numa posição dialogal. O diálogo socrático é o solo histórico de onde brota a dialética. Por isso a exigência

de lucidez faz com que a teologia libânica, ao explicitar os seus próprios pressupostos, convide o seu interlocutor a fazer o mesmo. Essa “via de mão dupla” possibilita um crescente aprofundamento reflexivo que é estranho a toda forma de fechamento dogmático. Ora, essa abertura dialógica inclui o esforço de sempre considerar, compreender e assimilar as contribuições provenientes das diversas ciências sem transformar os seus resultados e métodos em novos fetiches. Como o Pe. Henrique Vaz mostrou brilhantemente em sua antropologia filosófica, a mediação da explicação científica tornou-se imprescindível para o pensamento contemporâneo, mas como toda mediação também a explicação científica requer a sua supressão, requer a sua transposição reflexiva no registro da compreensão transcendental. No meu modo de ver, o fio condutor do diálogo da teologia libânica com as ciências consiste justamente nesse compromisso hermenêutico e dialético de um pensar sempre aberto e dinâmico, porém jamais disperso e fragmentado.

IHU On-Line – Gostaria de relatar mais algum aspecto não perguntado?

Carlos Roberto Drawin – Muito poderia ainda ser dito. O Pe. Libânio é autor de uma obra que deveria e certamente deverá ser ainda muito explorada. Os testemunhos sobre a sua pessoa, seu itinerário e os inumeráveis bens que ele partilhou também poderiam ser multiplicados indefinidamente. Muito poderia ainda ser dito, mas resta o silêncio que cerca o mistério do dom do Outro. A presença do Pe. Libânio foi na minha vida esse dom que só posso acolher com profunda gratidão.

**LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

A junção da erudição, da simplicidade e da acolhida

As marcas de Libânio que Maria Teresa Bustamante Teixeira destaca são o respeito à liberdade, sua capacidade de estimular a formação de uma visão crítica, sua opção e dedicação por captar os anseios dos pobres e sua contribuição para o desenvolvimento da Teologia da Libertação

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Neste ano em que se celebra o 80º aniversário de João Batista Libânio, a médica Maria Teresa Bustamante Teixeira afirma que só pode agradecer pelos “momentos de eternidade” que Libânio, ao longo de todos esses anos, proporcionou. Em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail, ela completa que “seu testemunho de fé, suas reflexões sobre as implicações da fé cristã com sua exigência de engajamento aliadas às delícias de nos sentirmos acolhidos por um Deus Trindade, alicerçaram nossa crença”.

Maria Teresa Bustamante Teixeira possui graduação em Medicina, pela Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda, mestrado e doutorado em Saúde Coletiva, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora e pesquisadora do Instituto Nacional de Câncer. É editora geral da *Revista de APS* e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva e do NATES/UFJF.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como você conheceu Libânio? Qual o contexto da época?

Maria Teresa Bustamante Teixeira – Por volta de 1968 e 1969, participávamos do Grupo Apolo, um grupo de jovens católicos com sede no Colégio Nossa Senhora do Rosário, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Este grupo teve sua origem no movimento Cursos de Juventude Cristã – CJC, ligado aos jesuítas, que realizava encontros para a juventude, principalmente em Belo Horizonte, Minas Gerais. Tínhamos reuniões de estudo e de celebração, ações de apoio aos pobres e atuávamos como dirigentes nos encontros do CJC. Libânio, recém-chegado ao Brasil, depois de completar sua formação na Europa, era um dos padres que acompanhavam este movimento. Imediatamente nos fascinou por sua erudição, simplicidade e acolhida. Lembro-me do nosso espanto ao descobrirmos que ele dominava 14 idiomas e nós, com dificuldades até para nominar que línguas seriam. Eram marcantes suas palestras sobre a “Opção Fundamental”, suas celebrações, seu despo-

jamento e sua postura aberta para a discussão de todos os temas. O contexto político brasileiro era dos anos de chumbo, e nós ainda bem jovens para perceber esta realidade, tivemos a oportunidade de, aos poucos, conhecer e refletir sobre a situação brasileira, nosso papel de cidadãos e de cristãos neste mundo. Em meus 13 ou 14 anos, filha de família mineira com valores católicos tradicionais, a participação ativa neste grupo reforçou os valores éticos transmitidos por minha família, mas trouxe um elemento novo, uma visão mais crítica diante da realidade social, desafiando-nos a atuar como agentes de transformação desta sociedade, como exigência de nossa opção religiosa.

IHU On-Line – O que lhe fascina na vida e no pensamento de Libânio?

Maria Teresa Bustamante Teixeira – Neste ano de tantas merecidas comemorações, ele nos disse que nunca esperou ou almejou isto. E nós, que tivemos este privilégio de viver sempre “rodeando” o Libânio, sabemos que

é a pura verdade. Isso reflete seu espírito de missão, marcada por inteira dedicação a tantos grupos e causas. Nessa missão alguns valores se destacam como o respeito à liberdade, talvez o que mais me marca até hoje. E, claro, sua capacidade de estimular a formação de uma visão crítica, da opção e dedicação por captar os anseios dos pobres e de, como teólogo, contribuir, com a clareza que lhe é peculiar, para o desenvolvimento da Teologia da Libertação.

IHU On-Line – Sobre a dimensão da fé, o que você aprendeu com Libânio?

Maria Teresa Bustamante Teixeira – Só posso agradecer pelos “momentos de eternidade” que Libânio, ao longo de todos esses anos, nos proporcionou. Seu testemunho de fé, suas reflexões sobre as implicações da fé cristã com sua exigência de engajamento aliadas às delícias de nos sentirmos acolhidos por um Deus Trindade, alicerçaram nossa crença.

IHU On-Line – Na qualidade de médica, como Libânio lhe influenciou na sua trajetória na área de saúde coletiva?

Maria Teresa Bustamante Teixeira – Tivemos a oportunidade maravilhosa de participar por um longo período de um grupo de jovens universitários, a “Tropa Maldita”. Tal grupo abrigou vários jovens, oriundos dos movimentos de juventude (CJC, TLC, Emaús) de diferentes cidades, que buscavam algo mais. Libânio sempre nos acompanhou. De 1973 a 1978 nos encontrávamos quatro vezes por ano, nos feriados de carnaval, semana santa, sete de setembro e quinze de novembro, a maioria das vezes no inspirador Seminário da Floresta, em Juiz de Fora. Para mim, coincidiu com o período do curso de Medicina e me presenteou com um espaço aberto de formação, onde sólidas relações de amizade (e mesmo conjugais) foram construídas. Tudo ao som de muita música de Vandrê e Chico Buarque, da energia que brotava de nossos sonhos de transformação, das marcantes celebrações da Eucaristia, de muitas discussões e incursões pela filosofia, teologia, literatura e realidade social brasileira.

E Libânio sempre ali, por conta deste amor à liberdade, garantindo o

“Aprendemos muito com você e pretendemos continuar desfrutando da sua presença entusiasmada e plena de sabedoria”

protagonismo destes jovens universitários. Assim, a formação de todos nós (engenheiros, arquitetos, advogados, assistente sociais, filósofos, teólogos, médicos, educadores, sociólogos, economistas, jornalistas, etc.) se deu neste contexto interdisciplinar de forte inserção social.

Ainda estamos aqui! A “Tropa” se reuniu por muitas vezes e gerou a “Tropinha”, turmas mais jovens e depois nossos filhos e agora netos. Neste ano de celebração de nosso mestre, nos reunimos novamente no Seminário

da Floresta. Que delícia! Tanta gente querida, tantas gerações e o Libânio conosco, com aquela alegria, simplicidade e as palavras que vão direto ao coração.

IHU On-Line – No ano em que Libânio celebra seus 80 anos de vida, o que gostaria de dizer a ele?

Maria Teresa Bustamante Teixeira – Obrigada Lib, nosso mestre e companheiro de estrada! E quanta estrada... Aprendemos muito com você e pretendemos continuar desfrutando da sua presença entusiasmada e plena de sabedoria. Nossa tropa está aí!

Leia mais...

>> Maria Teresa Bustamante Teixeira já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *Gestão e saúde coletiva*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 314, de 09-11-2009, disponível em <http://bit.ly/Kiz5Hb>.

Evento: IHU Ideias

Data: 31-05-2012

Palestra: Resiliência: o papel da espiritualidade e dos fatores de proteção na juventude

Palestrante: Profa. Dra. Susana Rocca - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/9aESJ>

Uma teologia simpática

Pedro Rubens define a teologia de João Batista Libânio como uma “comunicação ‘simpática’ do Evangelho”

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, o reitor da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, Pedro Rubens, aponta que o próprio itinerário de João Batista Libânio indica duas perspectivas principais a serem vislumbradas, em diálogo e continuidade com sua fecunda produção: “por um lado, a riqueza de temas abordados reclama uma reflexão fundamental dos mesmos e da própria teologia, no sentido de elaborar uma criteriologia; por outro, a necessidade de repensar as tarefas de uma teologia fundamental no contexto atual, singular em diferentes regiões do mundo, mas, de forma geral, definido, no Ocidente, com os termos de pós-modernidade e pós-cristianismo, mas não menos povoado de fenômenos religiosos”. Para Pedro Rubens, a “fecundidade do pensamento de Libânio é expressiva e simplesmente impressionante: eis um primeiro grande aporte do nosso teólogo, sobretudo se

considerarmos, como se deve, o contexto de um país como o Brasil, onde a produção teológica ainda é bastante tímida e inexpressiva”.

Reitor da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, Pedro Rubens é formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia – FAJE. Coursou o mestrado e o doutorado no Centre Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris. Sua tese leva o título *La foi vécue au pluriel. Penser avec Paul Tillich, un discernement théologie du croire en contexte brésilien* e deu origem à obra *O Rosto Plural da Fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer* (São Paulo: Loyola, 2008). De sua produção bibliográfica citamos *Karl Rahner em perspectiva* (São Paulo: Loyola, 2004), *Karl Rahner: 100 anos. Teologia, filosofia e experiência espiritual* (São Paulo: Loyola, 2005), em parceria com Francisco Taborda.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que marca a presença de Libânio em sua caminhada pastoral e teológica?

Pedro Rubens – Libânio foi meu professor e diretor de estudos na graduação de Teologia, na FAJE. Para além dessas funções, dois episódios foram determinantes: primeiro, o exercício de escrever um livro juntos, ainda na conclusão dos estudos de Teologia (*Vida e Morte, desafios e mistérios*, Paulinas, 1994); em segundo lugar, merece registro a influência de Libânio na definição do campo de minha pesquisa doutoral (Teologia Fundamental). Nesse passo, uma vez concluído o doutorado (Paris, 2001), tocou a mim a “sucessão” de Libânio nessa “cátedra”, na FAJE, onde lecionei durante quatro anos (2001-2005). Em 2006, fui nomeado reitor da Unicap, onde con-

tinuo minha pesquisa e docência em Teologia Fundamental.

IHU On-Line – O que caracteriza a teologia e o pensamento de Libânio?

Pedro Rubens – Diante da imensidão da obra, arrisco dizer que a teologia de Libânio é uma *comunicação “simpática” do Evangelho*. Excelente comunicador, a sua teologia reflete a capacidade de síntese e transmissão, conjugando, por um lado, ampla cultura geral e teológica e, por outro, genialidade na “tradução” das questões mais complexas em palavras simples e claras, com um estilo agradável, poético e bem-humorado. Assim, Libânio consegue uma grande “empatia” com os mais diferentes públicos, sabendo adaptar-se, sem perder o humor e sem descuidar da busca de profundidade: faz uma teologia “simpática”. Esse jei-

to de fazer teologia está intimamente relacionado ao Concílio Vaticano II, do qual Libânio é herdeiro fiel, estudioso crítico e promotor criativo. Associar, portanto, o jeito de fazer teologia de Libânio com a comunicação é mais do que destacar suas qualidades docente e pastoral, igualmente verdadeiras. Trata-se fundamentalmente de relacionar a forma pastoral do Vaticano II com o exercício teológico desse jesuíta mineiro. Na verdade, a comunicação corresponde não apenas a uma noção central, mas à própria dinâmica do Concílio, desde a preparação, a realização do evento, a interpretação dos documentos e a recepção, esta ainda em curso. A teologia libaniana está inscrita nesse movimento, sobretudo como ato de recepção criativa, momento no qual o Brasil e a América Latina, em separado ou juntos, merecem

destaque. A comunicação, portanto, não figura apenas como uma maneira de transmitir um tema teológico conciliar importante (*Dei Verbum*¹, *Sacrosanctum Concilium*², *Inter Mirifica*), mas, sobretudo, deve ser considerada como valor intrínseco à própria dinâmica do Concílio, em sua concepção de diálogo com a sociedade, perspectiva pastoral e visão ecumênica. Enfim, para o nosso professor emérito de Teologia Fundamental, todo o esforço de comunicação repousa sobre a interpretação pós-conciliar da revelação como “autocomunicação de Deus” (cf. K. Rahner), rompendo, assim, com o esquema apologético das “verdades reveladas”, paradigma do Vaticano I, para afirmar que o fundamental da revelação divina é o próprio Deus.

IHU On-Line – Como o senhor situa Libânio no âmbito da teologia sistemática e fundamental?

Pedro Rubens – No Brasil, o ensino, os estudos e publicações de Teologia Fundamental são inseparáveis da biografia intelectual de João Batista Libânio: teologia como biografia, para dizer como outro João Batista (Metz). Além da fecunda e longa experiência docente, coube a Libânio a publicação do primeiro manual brasileiro, abordando o tema principal da jovem disciplina: *Teologia da Revelação a partir da Modernidade* (São Paulo: Edições Loyola, 1992). Pouco tempo depois, o mesmo autor lançou um se-

“No Brasil, o ensino, os estudos e publicações de Teologia Fundamental são inseparáveis da biografia intelectual de João Batista Libânio”

gundo livro: *Eu creio, nós cremos* (São Paulo: Edições Loyola, 2000). Essas duas obras fazem uma releitura dos tratados tradicionais e, do ponto de vista metodológico, entre o primeiro e o segundo livro, há uma mudança de perspectiva significativa: enquanto o primeiro livro parte da Revelação em seu confronto e diálogo com a Modernidade, o segundo trata da experiência de fé no singular (eu) ou no plural (nós). Não seria justo, porém, reduzir a essas obras as reflexões de teologia fundamental do teólogo mineiro: de fato, uma série de estudos dos fenômenos religiosos e outros temas de sociedade completariam, de certa forma, o elenco dos “problemas-fronteiras” assumidos pela agenda da teologia pós-conciliar, conforme biografia anexa a esta edição. De toda sorte, o próprio itinerário de Libânio indica duas perspectivas principais a serem vislumbradas, em diálogo e continuidade com sua fecunda produção: por um lado, a riqueza de temas abordados reclama uma reflexão fundamental dos mesmos e da própria teologia, no sentido de elaborar uma criteriologia; por outro, a necessidade de repensar as tarefas de uma teologia fundamental no contexto atual, singular em diferentes regiões do mundo, mas, de forma geral, definido, no Ocidente com os termos de pós-modernidade e pós-cristianismo, mas não menos povoado de fenômenos religiosos.

IHU On-Line – Como a opção preferencial pelos mais pobres tem impactado na trajetória de Libânio?

Pedro Rubens – Libânio assumiu a Opção Preferencial pelos Pobres (OPP) de forma “discreta” e, ao mesmo tempo, *efetiva e afetiva*. De uma parte, ele não ficou identificado com as polêmicas e polarizações que a OPP suscitou: não apenas por um estilo “mineiro” e conciliador de ser, mas por apostar naquilo que estava mais profundamente implicado em tal opção; nesse passo, a posição “discreta” do mineiro assume a forma jesuítica de uma realidade “discernida”, expressa em sua busca de ampliar a compreensão da OPP. De outra parte, não se pode duvidar da “efetividade” e importância capital dessa opção na sua maneira de pensar e fazer teologia; dinamizadora de seu exercício intelectual, a OPP encontra sua expressão “afetiva” em sua vida pessoal e pastoral, conforme atestam a maneira despojada de viver e as múltiplas formas de assessorias (cursos, encontros, etc.), bem como a sua colaboração direta e continuada em meios populares, notadamente em Vespasiano, na periferia de Belo Horizonte, Minas Gerais.

IHU On-Line – Qual a relação e a contribuição de Libânio junto às Comunidades Eclesiais de Base?

Pedro Rubens – Fica difícil mensurar a contribuição de um teólogo como Libânio nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, tanto pela amplitude de sua atuação (direta e indiretamente) como pela complexidade da realidade que batizamos de CEBs. Por exemplo, ele contribuiu diretamente em vários encontros intereclesiais, em momentos diversos: antes (assessorias), durante (participação) e depois (escritos). Essas formas de participação e, sobretudo, essa relação com o “povo das CEBs”, por sua vez, contribuíram significativamente em sua maneira de fazer teologia: docência, conferências e escritos. Portanto, houve uma relação de mão dupla e, nesse passo, seria interessante escutar o próprio Libânio sobre o assunto.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a importância do pensamento e da teologia de Libânio para o diálogo inter-religioso?

¹ *Dei Verbum*: um dos grandes documentos emanados do Concílio Vaticano II. Ele trata da revelação da Palavra de Deus. Esta constituição conciliar será estudada e debatida no dia 15 de setembro, pela Profa. Dra. Lúcia Weiler, dentro da programação do Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II. Marcos, trajetórias e prospectivas. (Nota da IHU On-Line)

² *Sacrosanctum Concilium*: constituição sobre a Sagrada Liturgia, foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II. Não foi objecto de muita controvérsia, pois a adaptação da liturgia já era frequente em muitíssimas comunidades eclesiais. Poderá mesmo dizer-se que esta constituição foi o primeiro fruto do Concílio, por já estar, em boa parte, a ser levada à prática antes de ter sido discutida e aprovada. O que não significa que o documento de base tenha passado facilmente entre os padres conciliares. Sobre o tema, confira a edição 58 dos Cadernos Teologia Pública, intitulado Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio, de autoria de Andrea Grillo e disponível para download em <http://bit.ly/KWvYrk>. (Nota da IHU On-Line)

Pedro Rubens – A maneira como Libânio faz teologia poderia contribuir para qualquer diálogo, sobretudo pela sua capacidade de fazer sínteses e valorizar o que é central em cada experiência, comunicando-a de forma simples e apaixonante. Nesse passo, várias análises feitas da situação religiosa no contexto brasileiro, por exemplo, poderão preparar o terreno para avançar, antes do diálogo propriamente dito, na pré-compreensão da experiência do outro, seja ela definida como religião, religiosidade, espiritualidade ou fé (para fazer um tipo de distinção que é bem típica de Libânio). Dito isso, não creio que as maiores contribuições do autor sejam nesse domínio, tão importante quanto complexo.

IHU On-Line – Levando em conta o atual contexto eclesial e social, que perspectivas se abrem a partir de Libânio?

Pedro Rubens – A fecundidade do pensamento de Libânio é expressiva e simplesmente impressionante: eis um primeiro grande aporte do nosso teólogo, sobretudo se considerarmos, como se deve, o contexto de um país como o Brasil, onde a produção teológica ainda é bastante tímida e inexpressiva. Embora professor e pesquisador acadêmico reconhecido, Libânio fez uma opção clara, a saber: oferecer

“Libânio é um descortinador de horizontes, antecipando-se a várias situações e não deixando a teologia brasileira sem uma palavra pública, embora sempre situada”

permanentemente a uma gama variada de leitores, uma releitura da realidade social e eclesial da fé cristã. Isso não significou tornar-se um “vulgariizador” ou palestrante de “aula espetáculo”, pois manteve continuamente sua relação com o ensino, a pesquisa e o acompanhamento de estudantes. Nesse exercício da “profissão teólogo”, Libânio é um descortinador de horizontes, antecipando-se a várias situações e não deixando a teologia brasileira sem uma palavra pública,

embora sempre situada. Reafirmo, enfim, a grande contribuição de uma teologia como “comunicação simpática”, sempre atenta à mudança do contexto e sensível a entrar em relação de empatia com os mais diferentes públicos. Afinal, não seria a comunicação, *ad intra* e *ad extra*, um dos problemas cruciais da Igreja e do cristianismo? Em todo caso, com essa qualidade primeira, Libânio fez ecoar nos quatro cantos do Brasil a voz da Igreja e da teologia pós-conciliar, graças aos inúmeros cursos, palestras e escritos. Além da gratidão e homenagem bem merecidas ao mestre, não seria despropositado desejar que nesse 50º aniversário do Vaticano II, a obra e a vida de Libânio despertassem o aprofundamento deste “novo Pentecostes”, ainda em fase de recepção.

Leia mais...

>> Pedro Rubens já concedeu outra

entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- “O papel social da religião mudou”.

Entrevista publicada na **IHU On-Line**

número 302, de 03-08-2009, dispo-

nível em <http://bit.ly/LHX8Dx>.

Evento: Rio+20 e alternativas energéticas: tecnologias limpas para o aproveitamento do carvão mineral

Data: 14-06-2012

Palestra: Rio+20 e alternativas energéticas: tecnologias limpas para o aproveitamento do carvão mineral

Palestrante: Prof. Dr. Roberto Heemann - PUCRS

Mais informações: <http://migre.me/9gCdp>

Um discípulo da realidade

Na visão de Luiz Carlos Susin, João Batista Libânio não foi propriamente um especialista e nem um generalista, mas um articulador atento e bem fundamentado da teologia com a pastoral

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

“Libânio diz tudo o que se deve dizer, mas de forma mineiríssima: *fortiter et suaviter*, forte nas análises, nos conteúdos, e suave no bom humor, na leveza de sua própria personalidade”. É desta maneira que Luiz Carlos Susin descreve João Batista Libânio. Ao enquadrá-lo como “um dos ‘fathers’ da Teologia da Libertação”, Susin considera que “antes de ensinar libertação, Libânio é eclesialmente livre, sem fanatismo, bom de conversa com todo mundo. Isso ajuda muito na caminhada eclesial”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, frei Susin destaca que “um dos elementos que mais encan-

ta em Libânio é a forma literária em que recria os temas que aborda, sempre exuberante em imagens, sobretudo quando faz o que mais gosta, a comunicação oral”.

Luiz Carlos Susin é frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – Estef, em Porto Alegre. É também secretário-geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Dentre suas obras, destacamos Teologia para outro mundo possível (Paulinas, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Na ocasião em que celebramos os 80 anos de João Batista Libânio, qual o seu testemunho sobre a importância desse grande pensador e teólogo brasileiro?

Luiz Carlos Susin – Permitam-me uma digressão no mar das memórias: conheci Libânio ao lado de Leonardo Boff¹ quando percorreram o Brasil incentivados por Dom Aloísio² para ajudar a renovação conciliar das Congregações religiosas e eram convidados para conferências públicas de grande impacto. Se Leonardo tem origens gaúchas amenizadas pela cordialidade franciscana, Libânio tem origem mineira disciplinada pela formação jesuítica. Libânio diz tudo o que se deve dizer, mas de forma mineiríssima: *fortiter et suaviter*, forte nas análises, nos conteúdos, e suave no bom humor, na leveza de sua própria personalidade. Ele é, desde o início, um dos nossos melhores teólogos conciliares. Ele não é um professor simplesmente, é um

mestre que dá o que pensar e conta, para isso, com uma forma criativa de propor as informações e as questões. Quando escreve ou quando fala, é claro e didático, além de denso. Tem um grande sentido de interdisciplinaridade, fruto também de abundante leitura. Mas um dos elementos que mais encanta em Libânio é a forma literária em que recria os temas que aborda, sempre exuberante em imagens, sobretudo quando faz o que mais gosta, a comunicação oral.

IHU On-Line – Que inspirações teológicas e pastorais emergem de Libânio?

Luiz Carlos Susin – Libânio escreveu em muitas direções. Soube colocar sua competência e sua capacidade de estudo a serviço de sua assessoria, tanto acadêmica como pastoral. Por isso foi tão variado, tão colorido, em suas produções. Versou sobre praticamente toda a teologia sistemática, embora a teologia fundamental tenha sido o lugar em que, ao menos me parece, ele tem dado asas ao diálogo com outras áreas do conhecimento, com autores contemporâneos. Ele tem servido a vida religiosa escrevendo para *Convergência*³, tem servido as

comunidades eclesiais de base (CEBs) com inumeráveis assessorias. Cortou o Brasil em toda direção, assim como a América Latina e o oceano para dar conta de conferências, cursos, reuniões. Portanto, Libânio não foi propriamente um especialista e nem um generalista, mas um articulador atento e bem fundamentado da teologia com a pastoral. Essa articulação, a sua metodologia, a sua atenção de mestre, valem mais do que os seus ricos conteúdos. Ele se antecipou e fez hermenêutica do tempo em muitas ocasiões, graças a esta disponibilidade e atenção que o tornou um discípulo da realidade onde se encontra o caminho da verdade e um mestre como irmão que toma pela mão ou dá um empurrãozinho para frente.

IHU On-Line – Como Libânio tem contribuído para a teologia cultivada na América Latina?

Luiz Carlos Susin – Evidentemente, Libânio é um dos “fathers” da Teologia da Libertação⁴. Mas dizer

1 Leonardo Boff é filósofo, teólogo e escritor. Leia a entrevista com ele nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

2 Dom Aloísio Lorscheider (1924-2007): sacerdote frade franciscano, bispo e cardeal brasileiro, além de ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Concedeu entrevista à IHU On-Line na 124ª edição, de 22-11-2004, que teve como tema os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9fZTk>. (Nota da IHU On-Line)

3 *Convergência*: revista da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB. (Nota da IHU On-Line)

4 **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214

isso é pouco, pois quando se começa a pensar nos nomes e nos rostos dos grandes elaboradores da Teologia da Libertação, cada um emerge com idiossincrasia própria, é um conjunto tão colorido como é a América Latina. Mesmo como jesuítas, Libânio, Juan Luís Segundo⁵ ou Sobrino⁶ são teólogos muito diversos, apenas para citar alguns. Graças a teólogos como Libânio outros continentes começaram a olhar para a América Latina e ler seus autores como quem tem algo sério e novo para dizer. Um exemplo está em James Alison⁷, brilhante teólogo inglês que veio estudar em Belo Horizonte para seguir de perto mestres como Libânio. Mas a originalidade da teologia elaborada em conexão com a pastoral em meios populares simples e pobres tornou-se, em Libânio, uma impressionante fidelidade revelando, assim, a coerência que é constitutiva da Teolo-

da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada Teologia da libertação, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da IHU On-Line)

5 **Juan Luis Segundo** (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em cinco volumes (*Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa ideia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa*). (Nota da IHU On-Line)

6 **Jon Sobrino**: teólogo espanhol e jesuíta. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutourou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas Notícias do Dia bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007, disponível para download em <http://migre.me/UHJB>. (Nota da IHU On-Line)

7 **James Alison** (Londres, 1959): teólogo católico, sacerdote e escritor. Confira a mais recente entrevista concedida por ele à IHU On-Line, intitulada "Uma fé para além do ressentimento", publicada na edição número 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JmHmZu> (Nota da IHU On-Line)

gia da Libertação: o conhecimento da realidade, a interpretação das fontes e a vida pastoral inserida em meios populares, ou seja, as mediações socio-analíticas, hermenêuticas e práticas. Isso é maciço em Libânio.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o encontro de Libânio com a Teologia da Libertação?

Luiz Carlos Susin – Neste ponto creio que o próprio Libânio teria ainda alguma revelação a nos dizer, mas convém acrescentar que ele trabalhou desde o começo de sua trajetória de teólogo intensamente em equipe, em troca de experiências e de ideias. A interação entre teólogos da libertação se fez comumente face a face e não apenas mediada por escritos, e Libânio participou de todo o arco de seu desenvolvimento em grande interação com os demais. Por outro lado, os alunos são sempre um agulhão, obrigam a pensar e a comunicar, e a sala de aula foi parte essencial da casa de Libânio. Em termos de Teologia da Libertação, uma teologia que se obriga a ser profética também para dentro da Igreja, Libânio não teve maiores problemas com a hierarquia. E, no entanto, em suas análises eclesiais nunca deixou de dizer o que devia dizer ainda que fossem observações duras. Mas sempre disse de forma mineira, ou seja, afetuosamente e com a simplicidade direta dos meninos.

IHU On-Line – Qual o lugar do rosto do empobrecido em Libânio?

Luiz Carlos Susin – De suas análises eclesiais se aprende o que sempre foi essencial para toda a Teologia da Libertação: o pobre é um lugar teológico privilegiado e um sujeito eclesial escandaloso. Como sujeito social, como cidadão, nós encontramos nas suas análises sobre a cidade o lugar doloroso dos pobres. Mas, sem dúvida, o mistério está em encontrar junto ao pobre a revelação do "Deus-conosco", na nossa carne, identificado com os pequeninos. Esta lição é de toda a teologia latino-americana e é também de Libânio.

IHU On-Line – A partir de Libânio, que perspectivas se abrem para a caminhada eclesial latino-americana?

Luiz Carlos Susin – Costuma-se dizer que a juventude é a idade das intuições; depois vem a idade das fundamentações, das reflexões e finalmente a idade das sistematizações. Libânio, em todo esse percurso, ensi-

nou o quanto se ganha mantendo um pensamento flexível, disponível para muitas direções, contanto que permaneçam os pontos firmes das intuições básicas. Em termos eclesiais, seus esquemas de abordagem da realidade, sua leitura, as conclusões que provieram de suas agudas observações estão aí testemunhando uma Igreja que é possível ser samaritana, ministerial, misericordiosa, equilibrada. Antes de ensinar libertação, Libânio é eclesialmente livre, sem fanatismo, bom de conversa com todo mundo. Isso ajuda muito na caminhada eclesial.

IHU On-Line – Qual a importância do pensamento e da teologia de Libânio para o futuro da Igreja, tendo em conta a diversidade religiosa e o mundo plural?

Luiz Carlos Susin – Uma palavra-chave da teologia de Libânio, que ressoa em cada página, é "abertura", e isso supõe alguém que não pretende ser dono da verdade, mas se mantém despojado e humilde no caminho da verdade e, portanto, um bom companheiro para acolher e valorizar a diversidade e o pluralismo que, hoje, são palavras-chave para um mundo de maior convivência e liberdade. O sentido de humor de Libânio o deixa afinado para esta sinfonia que por está ainda em fase de afinação dos outros instrumentos.

Leia mais...

>> **Luiz Carlos Susin** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira.

- *Franz Rosenzweig. Um pensador para ajudar o Ocidente a se curar de sua esquizofrenia*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GHWLRp>;
- *A evolução como elemento central do espiritismo*. Publicada na IHU On-Line número 349, de 01-11-2010, disponível em <http://bit.ly/b2HtLp>;
- *Uma Igreja tradicionalista nunca será criativa*. Publicada na IHU On-Line número 320, de 21-12-2009, disponível em <http://bit.ly/dh8nGG>.

Um pensamento teológico com a marca da atualidade

“Mais que o conteúdo do que Libânio tenha produzido, acredito que o que ele deixa como grande ensinamento ao fazer teológico é, em primeiro lugar, essa atenção constante ao presente”, destaca Geraldo De Mori

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

Na visão do teólogo Geraldo De Mori, um elemento importante do modo de fazer teologia de João Batista Libânio é a preocupação com a relevância da fé e da teologia para os homens e mulheres de nosso tempo. “Não adianta ter grandes e belas reflexões se estas não atingem o coração ou a busca dos que querem compreender melhor o que creem e, a partir daí, mudar o próprio jeito de ser, bem como o próprio agir no mundo”, defende. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail para a **IHU On-Line**, De Mori aponta Libânio como fiel à sua atenção ao presente e também à busca contínua do sentido da Palavra de Deus para nossa atualidade. E considera ainda que a reflexão do Libânio dos anos 1980-1990 e de seus colegas da teologia da libertação continua atualíssima. “Precisaria ser não apenas revisitada como algo do passado, que cheira

a mofo, mas como algo que permanentemente nos incomoda, desaloja e interrompe nosso pensar e agir para produzir algo novo, uma nova resposta, quem sabe mais ousada ou ‘louca’”.

Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, onde leciona atualmente, Geraldo De Mori é mestre e doutor em Teologia pelo Centre Sèvres, em Paris, com a tese *Le temps: énigme des hommes, mystère de Dieu. Une poétique eucharistique du temps en contexte brésilien* (Paris: Les Editions Du Cerf, 2006). É vice-diretor da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião – SOTER e um dos autores de *Lavadeiras. Mulheres construindo um movimento* (Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1989).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como é o professor Libânio em sua prática educativa na Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia – FAJE?

Geraldo De Mori – Eu e Libânio somos colegas no Departamento de Teologia da FAJE. Tive-o como professor de teologia fundamental e escatologia, quando aqui fiz meu bacharelado em teologia, entre os anos 1989-1992. Na mesma época ele era o diretor da Faculdade de Teologia. Sua prática de professor se caracteriza pelos seguintes traços: 1) clareza na apresentação dos conteúdos; 2) leveza e humor na forma de apresentá-los, o que faz com que suas aulas sejam sempre lugar de distensão, sem perder a seriedade e a agudeza

dos temas apresentados; 3) excelente didática; 4) busca de sistematicidade do que é apresentado. A sistematicidade aparece nos esquemas que propõe para apreensão dos conteúdos oferecidos. A esses elementos de sua prática pedagógica há que acrescentar também os de acompanhante de estudos, seja na graduação, seja na pós-graduação. Libânio já orientou muitas monografias, dissertações e teses no Departamento de Teologia da FAJE, além de ter dado orientações a muitos alunos e alunas que o procuram de outras instituições. O caráter esquemático e sistemático de seu pensamento é de grande ajuda para os que buscam segurança nesse tipo de acompanhamento. Outro

elemento que considero importantíssimo na prática do professor Libânio é seu contínuo interesse em estudar, o que se traduz nas muitas leituras que continuamente realiza, acompanhando assim o movimento do pensamento, o que é fundamental para quem ensina teologia.

IHU On-Line – Quais os grandes ensinamentos que brotam da experiência de Libânio como professor e teólogo?

Geraldo De Mori – Começo destacando alguns elementos de sua experiência de professor. Como dizia, Libânio mantém-se continuamente atualizado no campo da teologia e das ciências afins à teologia. Além

dessa curiosidade permanente, que se traduz nas inúmeras recensões que escreve, ele tem a capacidade de utilizar-se do que lê de forma criativa, clara e sistemática, contribuindo, assim, não somente para a apresentação do que é produzido em várias partes do mundo em termos de teologia, mas também oferecendo uma reflexão própria, provocada pelo que leu, e questionando por sua vez o que recebeu. Não se trata apenas de um repetidor ou de um divulgador, pois o que propõe como pensamento possui sua marca.

A preocupação com a clareza e a sistematicidade é outro aspecto importante de sua docência e de seus escritos. Considero importante esse traço de sua experiência de professor, pois acredito que contribui para divulgar o pensamento teológico. Não é por acaso que Libânio seja um dos teólogos mais convidados para conferências e cursos em todas as partes do Brasil e mesmo do exterior. É impressionante a energia que possui, pois parece nunca se cansar, sempre disponível aos que buscam sua contribuição clara, sistemática e, sob muitos pontos de vista, nova, já que se atualiza continuamente.

Enquanto teólogo, penso que sua experiência mais interessante foi dada pelos vários “lugares” a partir dos quais sempre buscou e busca fazer teologia. Quando voltou ao Brasil, após sua tese em Roma, que coincidia com o período pós-conciliar, colocou-se ao serviço da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, não só escrevendo na *Revista Convergência*, mas também assessorando muitas congregações, que então viviam um verdadeiro momento de refundação. Esse período viu muitas dessas congregações se dirigirem aos meios populares. Foi um tempo de grande criatividade, que deu origem às Comunidades Eclesiais de Base, às pastorais sociais e a muitos movimentos de libertação. Libânio acompanhou muitos desses processos, participando em quase todos os Intereclesiais, oferecendo sua escritura límpida, clara e sistemática do que estava em curso. Esses dois “lugares” do seu fazer teológico eram indissociáveis de sua experiência pastoral, seja a do início, acompanhando grupos

“Libânio nos mostra também que o fazer teológico verdadeiro se faz à luz da Palavra de Deus e da Tradição constantemente revisitadas, auscultadas e rezadas”

de jovens, seja as que se seguiram, acompanhando comunidades populares da periferia de Belo Horizonte, experiência que continua até hoje. É impressionante ver sua fidelidade ao trabalho pastoral direto. Onde quer que esteja dando conferências ou ministrando cursos, no sábado e no domingo está na paróquia N. Sra. de Lourdes, em Vespasiano-MG. Essa presença junto às forças vivas da Igreja e da pastoral não o deixa descolar da realidade. Como se isso não bastasse, há muitos anos escreve semanalmente em jornais de grande circulação da Igreja e outros, com sua reflexão aguda sobre distintos temas da realidade. Admirável essa capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo e essa preocupação em atingir vários tipos de público.

IHU On-Line – O que significa pensar e fazer teologia a partir de Libânio?

Geraldo De Mori – Mais que o conteúdo do que Libânio tenha produzido, acredito que o que ele deixa como grande ensinamento ao fazer teológico é, em primeiro lugar, essa atenção constante ao presente. Isso se traduz no esforço de atualização e estudo do que é produzido, por um lado. Por outro lado, traduz-se no esforço de escuta da realidade, que se

dá pela participação no seio de movimentos e grupos que aportam algo de novo e vivo à Igreja – a vida religiosa no início de seu fazer teológico, as CEBs nos anos criativos da teologia da libertação, os diversos grupos e tendências atuais. Além dessa atenção ao presente, Libânio nos mostra também que o fazer teológico verdadeiro se faz à luz da Palavra de Deus e da Tradição constantemente revisitadas, auscultadas e rezadas. Como jesuíta, Libânio recebeu da grande tradição da Companhia de Jesus essa capacidade de escuta da Palavra, lida em Igreja e buscando iluminar seu peregrinar. Finalmente, um terceiro elemento importante do modo de fazer teologia de Libânio é a preocupação com a relevância da fé e da teologia para os homens e mulheres de nosso tempo. Não adianta ter grandes e belas reflexões se estas não atingem o coração ou a busca dos que querem compreender melhor o que creem e, a partir daí, mudar o próprio jeito de ser, bem como o próprio agir no mundo.

IHU On-Line – Como Libânio tem contribuído para a caminhada teológica brasileira, sobretudo pensando a atualidade?

Geraldo De Mori – Estamos comemorando os 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II. Sem sombra de dúvida há que iniciar por sua divulgação e aprofundamento como primeira contribuição de Libânio à caminhada da teologia em nosso país. Como ele gosta sempre de dizer, quando voltou ao Brasil havia poucas pessoas formadas no espírito do Concílio, por isso, ele e vários de sua geração tiveram esse papel importante de recepção do Concílio. Sua capacidade enorme de leitura e síntese o tornou peça incontornável em outros momentos importantíssimos do pós-concílio em nosso país e continente. Como não lembrar o material que elaborou para os estudos do documento de Puebla, utilizados por tantos grupos e comunidades em todo o Brasil? Intimamente ligado a esse movimento há ainda que assinalar sua pertença ao grupo dos teólogos/as, pensadores/as e bispos da libertação, que se reúne há mais de 30 anos para partilhar e estudar o próprio

rumo da teologia no Brasil e alhures. Desse grupo surgiu sem dúvida o que de melhor se produziu na teologia entre nós nas últimas décadas do século passado e, em parte, também no início desse século. Uma terceira contribuição de Libânio à teologia no Brasil é a fundação da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER, da qual ele foi o primeiro presidente. Impressiona sua fidelidade a esta entidade, que se traduz nas presenças anuais em seus congressos. A essas contribuições há que acrescentar, enfim, algumas obras de maior envergadura que produziu, sobretudo no domínio da teologia fundamental. Acredito que o que nessas obras ele propõe é de grande qualidade teológica, que marcaram sua época.

IHU On-Line – A partir da atual realidade da Igreja, qual a importância do pensamento e da teologia de Libânio para o diálogo com a sociedade moderna e pós-moderna?

Geraldo De Mori – Nas últimas décadas, Libânio, fiel à sua atenção ao presente e também à busca contínua do sentido da Palavra de Deus para nossa atualidade, tem se voltado para muitos aspectos da assim chamada sociedade ou cultura pós-moderna. Um deles é a questão da religião e da religiosidade, sempre tão à flor da pele em nosso país, mas com novos perfis e questionamentos nas últimas décadas. O que significa nossa entrada nessa pluralidade de jeitos de crer? Como posicionar-se diante dessa efervescência de formas de situar-se diante do religioso, da religiosidade e da religião? Muitas das últimas obras de Libânio das últimas décadas tentam responder a essas questões. Outra questão de grande relevância para hoje, intimamente ligada a esta, diz respeito aos jovens. Libânio sempre teve uma grande preocupação em pensar a fé de forma atenta ao que é a tendência predominante no meio juvenil. Escreveu já várias obras com essa preocupação. Certamente esse público é o que mais experimenta os efeitos da pós-modernidade, seja nos comportamentos, seja na forma de pensar ou de crer. Há aí uma contribuição importante dada por Libânio para pensar essa questão. Finalmente, ou-

“Não é por acaso que Libânio seja um dos teólogos mais convidados para conferências e cursos em todas as partes do Brasil e mesmo do exterior”

tro tema que tem detido a atenção de nosso teólogo belo-horizontino é a da chamada sociedade do conhecimento. Como a sociedade atual conhece o mundo, as coisas, as pessoas, Deus? A revolução informática ainda não mostrou todas as suas potencialidades, mas já tem levantado infinitas questões a pedagogos/as, filósofos/as, cientistas sociais e teólogos/as. Alguns dos últimos escritos de Libânio também exploram essa problemática. Certamente a questão primeira da teologia da libertação, os pobres, ainda não encontrou uma resposta definitiva ou uma solução satisfatória em nosso país e continente. Eles continuam aos milhares “incomodando” os “bem pensantes”, mesmo os que militaram antes ao seu lado e que hoje se acomodaram nos diversos aparelhos do Estado ou nas diversas instâncias de organização social. A reflexão do Libânio dos anos 1980-1990 e de seus colegas da teologia da libertação continua, por isso, atualíssima. Precisaria ser não apenas revisitada como algo do passado, que cheira a mofo, mas como algo que permanentemente nos incomoda, desaloja e interrompe nosso pensar e agir para produzir algo novo, uma nova resposta, quem sabe mais ousada ou “louca”, que, como a dos profetas do passado, continue lembrando que nunca poderemos “esquecer-nos dos pobres” (Gl 2,10). Certamente não podemos repetir esses nossos “pais” no fazer teológico. Nem seria conveniente,

pois são “novos pobres” os que hoje circulam em nossas cidades e periferias; novo e diferente também é o mundo no qual irrompem. As respostas aos seus “clamores” precisam, por isso, de novos instrumentais teóricos, novos caminhos que contribuam para que o reino venha também e, sobretudo, para eles.

IHU On-Line – Gostaria acrescentar mais algum aspecto não perguntado?

Geraldo De Mori – Libânio é companheiro na comunidade jesuíta na qual vivo em Belo Horizonte. Não só se destaca pela solicitude em qualquer coisa que se pede dele, mas também pela presença discreta e amiga. Fico impressionado com sua capacidade de trabalho e estudo, combinada com sua contínua disponibilidade para tudo o que se pede a ele. Além disso, sabe cuidar de si, por uma atividade esportiva invejável (costuma nadar pelo menos três vezes por semana), e tem uma atenção linda para com os outros companheiros, sobretudo os idosos e enfermos (temos uma casa de saúde para jesuítas idosos, que recebe sua visita todos os dias em que se encontra na residência), e os jovens em formação (vivemos próximos de comunidades de formação, às quais sempre dispensa sua palavra de sabedoria quando solicitado).

Leia mais...

>> Geraldo De Mori já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- “Literatura: lugar de narrar Deus”.

Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 308, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/b8y2yw>.

Ele também é autor dos Cadernos

Teologia Pública número 11,

intitulado *A teologia em situação de*

pós-modernidade, disponível para

download em <http://bit.ly/LvVAdA>

Ao mestre do “Caminho” e amigo do coração

POR EDWARD NEVES MONTEIRO DE BARROS GUIMARÃES

O poema a seguir foi escrito por Edward Neves Monteiro de Barros Guimarães e enviado à **IHU On-Line** como homenagem ao padre Libânio. Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte – FAJE com a dissertação *Cristianismo e Modernidade. A crise do cristianismo pré-moderno e as pistas para sua configuração atual na obra de Torres Queiruga*, sob orientação de João Batista Libânio, cursou graduação em Teologia e Filosofia na FAJE. É professor na Pontifícia Univer-

sidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). De sua produção bibliográfica citamos *A vida cristã e os sacramentos da fé. Estrutura sacramental da vida cristã* (Belo Horizonte: Imprensa Digital - Centro Loyola de Cultura e Espiritualidade, 2007) e *Introdução à Cristologia. Sentido teológico e encontro de fé com Jesus de Nazaré* (Belo Horizonte: impressão Digital - Centro Loyola de Cultura e Espiritualidade, 2007).

Confira o poema.

Por andar “Em busca de lucidez”,
 E por ter frequentado a “Escola da liberdade”,
 Fez da “Introdução à vida intelectual” o seu serviço fraterno,
 Dedicou-se assiduamente ao desafio da “Formação da consciência crítica”,
 O resultado deu muitos frutos entre nós, estou entre as muitas testemunhas,
 Tornou-se, pela graça e pelo cultivo da generosidade, arguto mestre n’A
 arte de formar-se”.

Por preocupar-se com “O mundo dos jovens”,
 E por ter buscado entender “Para onde vai a Juventude?”,
 Apontou dominante “Ideologia e Cidadania” defendeu,
 E percebendo os rumos dos “Jovens em tempos de pós-modernidade”,
 Como Jesus de Nazaré, o mestre de meu mestre, foi capaz de amá-los intensamente
 E apontou para aquela “Tropa” as possibilidades de “Caminhos de existência”.

Por refletir intensamente a cerca da dinâmica da “Fé”,
 E por buscar “Qual o caminho entre o crer e amar?”,
 Percebendo a estreita relação entre “Fé e política”, práxis e festa,
 Não poupou esforços, usando as mídias disponíveis: jornal, revista, livro,
 rádio, internet e TV,
 E diante dos desafios de “Crer num mundo de muitas crenças e tão pouca
 libertação”.

Elaborou-nos instigante roteiro didático sobre a profética “Teologia da
 Libertação”.

Por perceber a virulência e a certeza d’A volta da grande disciplina”,
 Refletiu sobre a “Igreja contemporânea” e sobre “A religião no início do
 milênio”,
 E “Olhando para o futuro”, com destreza, esperança e realismo,

Embora deixando-nos perplexos com a pergunta inusitada de “Qual o futuro do cristianismo?”.

Foi capaz de traçar-nos, com clareza, os “Cenários da Igreja”,
Lançando-nos, semanalmente, o desafio de “Um outro olhar”.

Então, voltou-se para as preciosas intuições do “Concílio Vaticano II”,

Fez memória de sua “Contextualização... e seu desenvolvimento”,

Analisou seus desdobramentos entre nós: “Conferências gerais do episcopado latino-americano”,

E ao afirmar convicto:

“Eu creio em Deus Pai”,

“Eu creio em Jesus Cristo”,

“Eu creio no Espírito Santo”,

Com olhar esperançado, foi capaz de apontar-nos “Os carismas da Igreja do terceiro milênio”.

Sem esquecer-nos das sementes semeadas na “Teologia da Revelação a partir da modernidade”

Lançou-nos instigante convite: busquem “Introdução à Teologia”,

Caminho necessário para “Crer e crescer” está na opção fundamental,

E deu-nos pérolas de profunda reflexão eclesial: “Eu creio, nós cremos”,

E pílulas de sustento imediato: “Como saborear a celebração da Eucaristia?”,

Então, embrenhou-se na análise das “Linguagens sobre Jesus”, o Caminho e a Verdade.

Antes percebeu “As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais”,

E os desafios de elaborar “Pastoral numa sociedade de conflitos”,

Ministrou aulas, deu cursos, fez palestras e orientação espiritual

Então, apontou-nos a necessidade de entendermos “As lógicas da cidade”,

E, com “Obediência na liberdade” e “Discernimento espiritual”,

Assumirmos o desafio diário de “Ser cristão em tempos de Nova Era”.

Por refletir também sobre as duas faces da moeda: “A vida e a morte”,

E perceber angustiado o medo de Deus presente na vida do povo

E “O problema da salvação no catolicismo popular”,

Estudou a fundo e escreveu-nos, de modo sábio, leitura esperançada da “Escatologia Cristã”,

Mostrou-nos também a importância do horizonte de “Utopia e esperança cristã”,

E de voltar-nos, sempre confiantes, sobre “Deus, os homens e seus caminhos”

XIII Simpósio Internacional IHU

Igreja, Cultura
e Sociedade

A semântica do Mistério da Igreja no contexto
das novas grâmaticas da civilização tecnocientífica

De 2 a 5 de outubro de 2012
Unisinos, São Leopoldo/RS - Brasil

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Entrevistas da Semana

Girard e o desvelamento da ilusão mimética

Os sábios foram antes descartados pelos intelectuais. Nesse sentido, René Girard é mais do que um “simples” pensador (se a expressão é possível), ele nos leva, nos conduz na direção da sabedoria, do desvelamento da ilusão mimética, avalia Daniel Lance

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES / TRADUÇÃO VANISE DRESCH

René Girard apontou uma evidência: “a de que nosso desejo é sempre mediado”. “Nós desejamos através do outro, de um rival ou de um modelo. O valor de um objeto não é senão relativo à intensidade com a qual nosso rival tende a desejar esse objeto”, frisa Daniel Lance, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Quanto maior a violência, segundo ele, menos aparece o lugar do objeto para o observador. “Lutar pelo prestígio é literalmente lutar por nada”, afirma René Girard, pois o objeto desaparece na luta entre os rivais”, explica.

Daniel Lance é doutor em Letras (Sorbonne – Paris IV), doutor em Ciências da Informação e da Comunicação, especialista em Filosofia (Sorbonne – Paris III), especialista em autores do século XX, especialmente em Jean Genet, autor a quem ele dedicou sua primeira tese. Pesquisador convidado pela Universi-

dade de Stanford, na Califórnia, nos EUA, ele trabalha sobre questões relacionadas com o desejo, a violência e a literatura (Jean Genet, Tennessee Williams, Paul Claudel, Guy de Maupassant, Jean-Jacques Rousseau etc.), a partir das teorias de René Girard. Seus trabalhos têm continuidade, em Filosofia da Comunicação, com o filósofo Francis Jacques, sobre os limites da comunicação e a comunicação nos limites (título da segunda tese), além do estudo dos tipos de texto. Ensinou Literatura, Filosofia e Aikidô no meio carcerário e em estruturas para jovens “com dificuldades” (O.A.S.I.S.). Lecionou em diversas universidades. Criou a empresa de produção cultural Lance Me-dia. Seu primeiro livro dedicado a Girard, *Au-delà du désir*, será traduzido e publicado no Brasil pela editora É Realizações, Biblioteca René Girard, São Paulo.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como se pode repensar a educação a partir do conceito de desejo mimético?

Daniel Lance – Na verdade, sua pergunta contém dois aspectos. Em primeiro lugar, na entrevista que realizei com René Girard¹ (“René Girard da

gênese de uma ideia”, traduzida para o português no livro de René Girard: *Dostoiévski: do duplo à unidade* (São Paulo: É Realizações, 2011), percebi que ele emprega agora o termo fe-

de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista **IHU On-Line**, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. Leia, também, a edição especial 393 da **IHU On-Line**, de 21-05-2012, sobre o pensamento de Girard, intitulada *O bode expiatório, o desejo e a violência* (Nota da **IHU On-Line**)

¹ René Girard (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré* (*A violência e o sagrado*), *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde* (*Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*), *Le Bouc Émissaire* (*O Bode expiatório*), 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset

nômeno mimético, e não mais teoria mimética, mostrando assim que o mimetismo é realmente da ordem da realidade pregnante das coisas, não da ordem da abstração, da teoria. Esse aspecto é importante, pois o mimetismo está presente por toda parte. Ele está presente, naturalmente, na educação. Por isso, creio ser necessário repensar a educação a partir do fenômeno mimético. Aliás, foi esta a escolha prática que fiz na vida ao ser, durante anos, professor de francês, de filosofia e de Aikidô no meio carcerário, num centro que criamos em equipe para os adolescentes mais vio-

lentos, excluídos de todo e qualquer sistema escolar, ao mesmo tempo em que eu ensinava também na universidade. Como o Aikidô é uma arte marcial que visa à resolução de conflitos, compreendem-se as razões do meu interesse por essa arte. Meu trabalho, na esteira do trabalho de René Girard, é um vaivém entre realidade e conceitos. Assim, o meu último livro *Vous avez dit élèves difficiles, éducation, autorité, dialogue* é integralmente dedicado a essa nossa experiência no sistema educacional.

Desejo mimético

Primeiramente, é preciso considerar que o desejo mimético está por toda parte sob duas formas: sob uma forma positiva, aquela da competição, da emulação, e sob uma forma negativa, a da exclusão, da vitimização, da violência. O antropólogo Mark Anspach mostrou bem isso e emprega as expressões de rivalidade positiva e rivalidade negativa. Trata-se, portanto, de “perceber” o que é da ordem da rivalidade negativa e assim corrigir o que é da ordem da realidade negativa.

Educação

Interessei-me especialmente pela educação daqueles excluídos do sistema escolar, trabalhando em prisões e na criação de um centro para jovens muito violentos. Fiz isso porque me parecia que, penetrando na essência das coisas, podia-se melhor compreender seu funcionamento. Trabalhar com os excluídos é como estar diante da violência mimética aumentada, ampliada, e isso nos permite denunciá-la, percebê-la por toda parte. Michel Foucault² (convidado por René

²Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault

“A sociedade educativa exclui tudo aquilo que ela não reconhece como seu”

Girard já nos anos 1970), em *A ordem do discurso*, seu discurso inaugural no Collège de France mostrou como as estruturas educativas e sociais fundavam-se em sistemas de exclusão. A sociedade educativa exclui tudo aquilo

trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em três edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>, e edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em Formação, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/Jyah>. Confira a edição 343 da IHU On-Line, intitulada O (des)governo biopolítico da vida humana, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <http://bit.ly/9SQcgl>. A edição 364, de 06-06-2011 é intitulada “História da loucura” e o discurso racional em debate, inspirada na obra *História da loucura*, e está disponível em <http://bit.ly/LXBq1m>. (Nota da IHU On-Line)

que ela não reconhece como seu. Até mesmo a filosofia baseia-se, confessa Michel Foucault, nessas estruturas de exclusão. O sistema educacional tende a funcionar somente com base em sistemas de vitimização de bodes expiatórios ou, podemos dizer, de exclusão. Por isso, parecia-me muito esclarecedor trabalhar com aqueles que foram excluídos de todo sistema educativo.

Escola e prisão

Tendência à vitimização em sala de aula mesmo daquele ou daquela que se aparta, tendência à vitimização do professor, daquele que seria mais frágil (seja por “personalidade”, seja pela matéria que ensina). Tanto a escola como a prisão “só se mantêm porque usam essas válvulas de escape que são as crises sacrificiais, as violências de todos contra um”. Na prisão, sente-se perfeitamente uma tensão que aumenta, aumenta e explode sob a forma da vítima, na qual se concentra toda a violência da sociedade carcerária. Eu precisaria de mais tempo para desenvolver esse ponto e mostrar o quanto a sociedade educativa é mimética.

Fenômeno mimético

O fenômeno mimético está presente por toda parte no sistema escolar ou universitário, principalmente, em minha opinião, sob sua forma negativa, violenta e exclusiva. É preciso, pois, identificar, denunciar (até em nossos próprios comportamentos) todo e qualquer fenômeno de vitimização, de violência mimética. Assim, para responder à sua pergunta, não é possível simplesmente repensar a educação a partir do desejo mimético. É fundamental incluir o dado mimético em toda forma de educação.

IHU On-Line – O que seria uma educação nesse contexto?

Daniel Lance – Não pode haver educação “real” sem que se tome consciência do caráter mimético e violento que ela gera. Como um professor se dirige a um aluno? Qual é o seu tom? Que pronome de tratamento ele emprega? Como a classe é organizada (a mesa do professor está em posição de vítima ou em posição dominante, de frente para as carteiras enfileiradas

dos alunos?). Qual é sua linguagem corporal? Por isso, para mim, a raiz é mimética, e, depois, precisamos compreender nosso modo de comunicação com o outro, uma vez que, segundo Watzlawick, não se pode não comunicar, isto é, tudo é comunicação.

Vou contar uma história. Pedi-ram-me para entrar numa sala de aula em que o professor tinha grandes problemas de disciplina. Era um professor muito bem classificado, preparava suas aulas com excelência etc. Na verdade, a voz desse professor, ou melhor, dessa professora, sob o efeito do estresse, se tornava cada vez mais aguda e passava a ser insuportável para os alunos, que reagiam gerando um verdadeiro caos em sala de aula. Conto essa história para mostrar toda a exclusão e a violência que uma pessoa pode desenvolver, mesmo involuntariamente.

IHU On-Line – Qual é o nex entre comunicação, educação e violência? Que contribuição a filosofia de René Girard oferece para estabelecer uma ligação entre esses campos?

Daniel Lance – A questão da comunicação é fundamental e, para mim, está intrinsecamente ligada àquela do desejo mimético. Poderíamos retomar o questionamento kantiano e fazer a seguinte pergunta: que comunicação eu sou capaz de estabelecer? É por essa razão que trabalhei sobre o conceito de dialogismo, desenvolvido por Francis Jacques. Existem níveis de comunicação, de dialogismo, que vão de um dialogismo fraco (violento) a um dialogismo forte (apaziguado).

Dois momentos

Para mim, existem dois momentos: a compreensão da violência mimética e, depois, a tomada de consciência sobre o que fazer dessa violência. Como posso comunicar superando a crise mimética? É por isso que recorro ao trabalho do filósofo Francis Jacques. Se tudo é mimético e fonte de violência, como sair disso? Se é que podemos falar desse modo trivial. Penso que, assim como René Girard oferece meios para a compreensão do Evangelho, cabe aos teólogos “fazerem seu trabalho”. Isso é uma brincadeira só em parte. Do mesmo

“É preciso lembrar que René Girard é mais um sábio do que um filósofo, sem dúvida”

modo, cabe aos pedagogos, aos comunicadores entenderem que tudo é mimetismo e integrarem o fenômeno mimético em suas pesquisas. Da mesma maneira, James Alison³ usa a teoria mimética e as teses de René Girard para entender o Evangelho, agindo assim como teólogo, o que René Girard, em sua grande sabedoria, não faz. Ele não escreve como teólogo, deixando isso para os teólogos (é preciso lembrar que René Girard é mais um sábio do que um filósofo, sem dúvida). Na

³ James Alison (1959): teólogo católico, sacerdote e escritor. Com estudos em Oxford, é doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, de Belo Horizonte. É considerado um dos principais expositores da vertente teológica do pensamento de René Girard. Atualmente é Fellow, da Fundação Imitatio, instituição que apoia a divulgação da teoria mimética. Há mais de 15 anos é um dos raros padres e teólogos católicos assumidamente gays. Seu trabalho é respeitado em todo o mundo pelo caminho rigoroso e matizado que tem aberto nesse campo minado da vida eclesial. Seus sete livros já foram traduzidos para o espanhol, italiano, francês, holandês e russo. Em português podem ser lidos *Uma fé além do ressentimento: fragmentos católicos numa chave gay* (São Paulo: É Realizações, 2010) e *O pecado original à luz da ressurreição* (São Paulo: É Realizações, 2011). Seu trabalho mais recente é *A vítima que perdoa - uma introdução para a fé cristã para adultos em doze sessões* (www.forgivingvictim.com). A versão em língua inglesa será lançada em texto e vídeo ainda em 2012 com a possibilidade de versões em outros idiomas em andamento. James Alison reside em São Paulo, onde está iniciando uma pastoral católica gay e viaja pelo mundo inteiro dando conferências, palestras e retiros. Textos seus podem ser encontrados no site www.jamesalison.co.uk. Mais detalhes sobre a Fundação Imitatio encontram-se disponíveis no link endereço www.imitatio.org. Confira as entrevistas concedidas por Alison à **IHU On-Line: O amor homossexual. Um olhar teológico-pastoral**, na edição 253, de 07-04-2008, disponível em <http://bit.ly/fNXN10> e *Uma fé para além do ressentimento*, na edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JmHmZu>. (Nota da IHU On-Line)

mesma medida, uso a evidência mimética numa filosofia aplicada da educação e da comunicação.

IHU On-Line – O que revela o desejo mimético sobre a comunicação e a educação?

Daniel Lance – Creio que o fenômeno mimético está por toda parte e que, nesse contexto, é preciso introduzir o desejo mimético na filosofia da comunicação, o que tentei fazer, mas isso me parece uma grande evidência ao mesmo tempo. Assim, para mim, existem duas grandes evidências: a do mimetismo e a da comunicação, ou da comunicação aplicada à educação. Se o desejo mimético está por toda parte, de que modo se pode comunicar? Como é que se podem evitar as ciladas da vitimização na educação? Se “não podemos não comunicar”, também não podemos não ser miméticos. Poderíamos afirmar isso numa espécie de tirada espirituosa que, na verdade, não seria uma. Trata-se, pois, de revelar os mecanismos vitimários, miméticos, que estão presentes na educação e na comunicação. E eles são muito numerosos, estão dissimulados por toda parte...

IHU On-Line – Nessa lógica, qual é a relação entre autoerro e desejo mimético?

Daniel Lance – Não vejo muito bem o que você entende por “autoerro”. Meus anos passados junto a Francis Jacques, filósofo da comunicação, sempre me levaram a pensar: o que você entende por isso? Quais são seus pressupostos, quais são nossos pressupostos distintos, nossos pressupostos conjuntos, nossos pertencimentos culturais particulares etc.? A partir de então, não posso senão “interpretar” sua pergunta. E você sabe que, quando Wittgenstein⁴ ouvia a palavra

⁴ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica

“interpretação”, ele rolava no chão de raiva ou de impotência, não sei bem.

Deixar os processos de culpa de lado

O que me parece interessante é sair dos processos de culpa (como faz James Alison na Teologia), tender para uma maior lucidez na denúncia dos fenômenos miméticos negativos. Nesse contexto, a palavra “erro” me parece bastante interessante. Existe um erro maior ou menor em certo funcionamento de um ser humano com outro ser humano (é aí que a expressão autoerro me parece difícil, pois estamos sempre em relação...). O conhecimento do desejo mimético permite, ou melhor, deveria permitir uma maior lucidez. Digo que o conhecimento do desejo mimético deveria nos permitir maior sabedoria, palavra que emprego com pleno discernimento. Mas não tenho certeza. Sou eu mesmo capaz de desvendar os aspectos miméticos de meus procedimentos? Em torno de René Girard, observo um fenômeno estranho que é o fato de que todo mundo se apropria dele (o que parece lógico ao mesmo tempo, uma vez que o fenômeno mimético é apresentado como universal). É muito engraçado, pois os católicos excluem tudo o que não é católico, tudo se explica graças à leitura do Evangelho feita por René Girard; os protestantes, idem, mas preferindo ler Lutero ou Calvino. E assim por diante. Cada qual vê Girard do seu modo...

Segundo René Girard, assim como o esnobe segue a moda ao inverso, no mundo girardiano cada qual parece recriar o seu pequeno Girard, desejando mostrar sua diferença; alguns querem seguir a linha da teoria mimética, sendo ao mesmo tempo

idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da *IHU On-Line*, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista *IHU On-Line* 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/LUCopl>. (Nota da *IHU On-Line*)

“Tanto a escola como a prisão ‘só se mantêm porque usam essas válvulas de escape que são as crises sacrificiais, as violências de todos contra um”

originais. Às vezes trocam até mesmo um conceito por outro: desejo mimético por uma ideia próxima, prima, gêmea (como a do ciúme, por exemplo) e pensam que assim estão repensando todo o pensamento girardiano num estalar de dedos, num espelho inevitavelmente mimético. Mesmo que o raciocínio e a escrita sejam às vezes extremamente brilhantes e inteligentes, as motivações “muito” miméticas aparecem claramente. Mas não tenho certeza de que certa ortodoxia supostamente girardiana não siga justamente um princípio de vitimização e de afastamento daquilo que não está conforme... Em toda ortodoxia existe o perigo de excluir aquilo que se pensa não estar de acordo com o dogma. Cai-se então naquilo que Michel Foucault denunciava. Desconfio de certa ortodoxia girardiana que vejo despontar aqui e ali.

Tudo isso é muito divertido, e penso que o velho sábio (i.e. René Girard), ao ler alguns desses autores, deve esboçar um sorriso no canto dos lábios que diz muita coisa.

IHU On-Line – Como a filosofia de Girard ajuda a entender nossa sociedade, a violência e o medo que lhe são característicos?

Daniel Lance – A pergunta quase deveria ser formulada em outros termos: como não integrar uma leitura do desejo mimético para entender os fenômenos violentos? René Girard realmente “apontou” uma evidên-

cia: a de que nosso desejo é sempre mediado. Nós desejamos através do outro, de um rival ou de um modelo. O valor de um objeto não é senão relativo à intensidade com a qual nosso rival tende a desejar esse objeto. A partir do momento em que eu desejo apenas aquilo que meu “próximo” ou meu rival deseja, como sair então de uma espiral mimética em que dois rivais lutam pela conquista de um objeto? Quanto maior a violência, menos aparece o lugar do objeto para o observador. “Lutar pelo prestígio é literalmente lutar por nada”, afirma René Girard, pois o objeto desaparece na luta entre os rivais. Compreende-se muito melhor nossa sociedade quando se tem em mente o fenômeno mimético. No centro que criamos para os adolescentes muito violentos, a palavra respeito subentendia muitas vezes respeito de um território. “Ele não me respeita” significa muitas vezes que “ele entrou no meu território, que considero fazer parte de mim mesmo”. Convém lembrar, de passagem, que ninguém escapa da tentação mimética, nem mesmo os acadêmicos ou os pobres girardianos que somos, aqueles que defendem sua fatia do bolo mimético, sentindo-se “únicos” em sua visão do fenômeno mimético. “Todo desejo é desejo de ser”, enuncia René Girard. O objeto é secundário. Qual é o meu lugar na sociedade, na hierarquia social? Deixe-me existir e ser único, é o que todos nós pareceremos dizer!

IHU On-Line – Quais são as maiores impressões de René Girard como intelectual e como pessoa?

Daniel Lance – Tive uma grande sorte. Depois da minha primeira tese sobre Jean Genet, defendida na Sorbonne, Paris IV, recebi uma bolsa Lavoisier e um convite de René Girard para juntar-me a ele na Universidade de Stanford, na Califórnia, onde ele ensinava. Pude então conviver regularmente com René Girard, assistir às suas aulas, apresentar-lhe meus escritos, ser corrigido ou orientado por ele. René Girard é a simplicidade em pessoa. Desde essa época, adquiri o hábito de visitá-lo todos os anos no mês de junho. Eu lhe dizia que ele era

“meu banho de rejuvenescimento”, pois, cada vez, ele explicava o mundo a partir de um ângulo que lhe era próprio. Seguidamente, no contexto universitário, escreve-se uma nota sobre a nota, e isso me aborrecia muitas vezes. Onde essa expressão de banho de rejuvenescimento. Eu sempre ia embora cheio de novas interrogações que me mantinham em “vigília intelectual” durante todo o ano. Eu reivindico um sistema educativo particular que foi aquele de Mestre a discípulo. René Girard me permitiu entender, ler o mundo diferentemente. Além disso, Francis Jacques, na filosofia, também me orientou, me construiu! É por isso que me considero muito sortudo, porque René Girard é o homem mais afável, mais simples que existe. Como todos os grandes pensadores, ele é de uma imensa simplicidade. Sem nenhuma complexidade em palavras que dissimulariam um vazio intelectual, mas, pelo contrário, uma clareza de expressão que constrói um verdadeiro poder de reflexão.

IHU On-Line – Como você foi realizar o filme com René Girard? Como você avalia a contribuição dessa produção para a divulgação das ideias desse pensador?

Daniel Lance – Esse filme é magnífico. Eu o digo com toda a modéstia, pois, se é magnífico, é graças a René Girard. Eu conheço Girard desde 1988; há vários anos, portanto. Eu queria que ele pudesse desenvolver seu pensamento com toda a paz, toda a serenidade e tranquilidade, em sua casa. Não se trata absolutamente de um debate intelectual, mas simplesmente permitir que René Girard se expresse

“Não é possível simplesmente repensar a educação a partir do desejo mimético. É fundamental incluir o dado mimético em toda forma de educação”

com toda a liberdade. Partimos de seu livro de infância, *Dom Quixote*. Aos 10 anos de idade, René Girard já compreende, fareja aquilo que constituirá seu primeiro livro *Mentira romântica e verdade romanesca*. *Dom Quixote* copia, de maneira um pouco ridícula, romances de cavalaria que ele leu anteriormente. Dessa época, seguimos o fio de seu pensamento até a idade de 80 e poucos anos. Espantou-me a extrema lógica de seu pensamento, percorrem-se com intensidade e rigor evidentes as diferentes evoluções do pensamento de René Girard. Ele ri, brinca e mantém ao mesmo tempo aquela seriedade e aquele respeito da coisa intelectual que despertam admiração. Esse filme me orgulha muito e me deixa muito feliz.

IHU On-Line – Quais as principais temáticas discutidas nessas filmagens?

Daniel Lance – Como eu disse, desvendamos as causas da mentira romântica, começando por esse livro ilustrado de *Dom Quixote*, presente de sua mãe, depois o sagrado, o período de Innsbruck, Stanford, as amizades, os encontros intelectuais. Mas percebemos, sobretudo, o rigor e a força de um pensamento em andamento! Seguimos o fio de um pensamento que está fundamentalmente no mundo!

IHU On-Line – Você deseja acrescentar algum aspecto não abordado?

Daniel Lance – Nada em especial. Mas haveria muito a acrescentar. Eu gostaria de ter aprofundado aqui alguns aspectos sobre a exclusão, a educação, o modo como refletimos sobre a violência mimética e a comunicação, criando um centro para adolescentes muito violentos e em ruptura escolar. Dei aqui apenas algumas pinceladas. Mas eu gostaria de apontar mais um aspecto sobre René Girard. Para mim, ele não é um filósofo, mas um sábio. Como ele lembra no filme de entrevista comigo, os sábios foram antes descartados pelos intelectuais. Nesse sentido, René Girard é mais do que um “simples” pensador (se a expressão é possível); ele nos leva, nos conduz na direção da sabedoria, do desvelamento da ilusão mimética. E ele age assim, com um sorriso no canto dos lábios, como eu descrevi anteriormente, um sorriso que não julga, mostra apenas uma direção – se quisermos segui-la – um caminho para certa liberdade.

XIII Simpósio Internacional IHU

Igreja, Cultura e Sociedade

A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica

De 2 a 5 de outubro de 2012

Unisinos, São Leopoldo/RS - Brasil

“A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos”

O jornalista Luiz Antônio Araújo descreve os episódios que marcam os conflitos no mundo árabe a partir de sua experiência como repórter na região do Afeganistão e Paquistão

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

“**A**s implicações do conflito no Afeganistão, hoje, são mais regionais do que globais. Mesmo a Al Qaeda está totalmente desinteressada quanto ao que ocorre no país. Trata-se, porém, da mais longa guerra travada pelos Estados Unidos além de suas fronteiras”. A análise é de quem esteve na região do Afeganistão e Paquistão e acompanhou de perto o que descreve. O jornalista Luiz Antônio Araújo concedeu a entrevista a seguir para a **IHU On-Line**, por e-mail, onde afirma que “o 11 de Setembro foi um atentado terrorista sem precedente contra alvos civis americanos que simbolizam o poderio econômico, militar e político do país – o World Trade Center, o Pentágono e provavelmente o Capitólio (para onde se supõe que iria o Boeing que caiu na Pensilvânia). Foi um ato bárbaro, um verdadeiro crime contra

a humanidade, no qual pereceram mais de três mil pessoas, muitas delas muçulmanas, sem qualquer relação com a política externa ou interna dos EUA”. Para ele, o mais marcante da experiência que viveu foi o contato com os refugiados (homens, mulheres e crianças). “Não há condição mais degradante para o ser humano do que a de refugiado”, recorda.

Luiz Antônio Araújo é editor de Cultura do jornal Zero Hora. Enviado pelos veículos da RBS ao Paquistão, cobriu a guerra do Afeganistão em 2001. Como editor, participou das coberturas das guerras do Iraque (2003) e da Faixa de Gaza (2009). Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. É autor do livro *Bin Ladenistão – Um repórter brasileiro na região mais perigosa do mundo* (São Paulo: Iluminuras, 2009).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Para quem vive no Ocidente e não compreende os conflitos do mundo árabe, como resumiria o que houve logo após os ataques aos EUA?

Luiz Antônio Araújo – O 11 de Setembro foi um atentado terrorista sem precedente contra alvos civis americanos que simbolizam o poderio econômico, militar e político do país – o World Trade Center, o Pentágono e provavelmente o Capitólio (para onde se supõe que iria o Boeing que caiu na Pensilvânia). Foi um ato bárbaro, um verdadeiro crime contra a humanidade, no qual pereceram mais de três mil pessoas, muitas delas muçulmanas, sem qualquer relação com a política externa ou interna dos EUA. Esse é um crime punido com severi-

dade pelas leis de qualquer país do mundo, incluindo os islâmicos. Não se tratou, porém, de um raio em céu azul. O próprio World Trade Center havia sido alvo de uma tentativa frustrada de atentado em 1993. Mais tarde, entre 1995 e 1998, houve atentados a bases americanas na Arábia Saudita, explosões simultâneas em embaixadas na Tasmânia e no Quênia e ataque a um destróier (o U.S.S. Cole) no Iêmen. Esses ataques não podem ser entendidos separadamente da presença americana no Oriente Médio, especialmente na Arábia Saudita, da I Guerra do Golfo, em 1991, e do apoio dos EUA a Israel no conflito israelense-palestino. Os desdobramentos do 11 de Setembro, porém, foram absolutamente favoráveis aos EUA. Dois países

(Afeganistão e Iraque) foram invadidos, centenas de milhares de pessoas morreram e um dos governos mais retrógrados da história americana, o de George W. Bush, pôde correr mundo sob a bandeira da guerra ao terror.

IHU On-Line – Como era o dia a dia de repórter na região do Afeganistão e Paquistão?

Luiz Antônio Araújo – Eu me acordava por volta de 5h, lia os jornais impressos e na internet e saía a campo. Como a diferença de fuso horário entre o Paquistão e o Brasil é de oito horas, eu podia apurar material durante toda a manhã antes de fazer minha primeira participação na Rádio Gaúcha, normalmente no Gaúcha Atualidade. Depois disso, me dedicava a

produzir material para o jornal impresso do dia seguinte. Também entrava no Chamada Geral (primeira e segunda edições) e, eventualmente, no Brasil na Madrugada. Também participei do Jornal do Almoço, do Teledomingo e da programação da TVCOM. Desloquei-me bastante pelo Paquistão (estive nas quatro províncias do país e nas regiões tribais), cheguei à fronteira com o Afeganistão, onde vi milicianos talibãs assediando a população civil, vi e entrevistei muitos afegãos.

IHU On-Line – O que mais marcou a sua memória como ser humano nesses dias em que acompanhou o conflito?

Luiz Antônio Araújo – O mais marcante foi o contato com os refugiados¹ (homens, mulheres e crianças). Não há condição mais degradante para o ser humano do que a de refugiado.

IHU On-Line – Que tipo de valores justificam e explicam esse tipo de conflito na cultura local?

Luiz Antônio Araújo – Afegãos têm uma forte noção de nacionalidade, que tem uma explicação histórica. O Afeganistão foi criado como Estado nacional no século XVIII. Como Estado-nação, é mais antigo do que a Alemanha, a Itália e o Brasil. Na mentalidade dos afegãos comuns, porém, a noção de pertencimento a um Estado-nação vem depois da de pertencimento e lealdade à etnia e ao clã. O Afeganistão é uma colcha de retalhos étnica e religiosa, mas os afegãos se orgulham de ter vencido os britânicos em três guerras nos séculos XIX e XX e de ter expulsado os soviéticos depois de nove anos de ocupação. Dificilmente seria possível estacionar tropas estrangeiras de forma permanente no Afeganistão, diferentemente do que ocorre em outros países muçulmanos.

IHU On-Line – Como analisa o posicionamento americano nesse conflito?

Luiz Antônio Araújo – Creio que a intervenção americana no Afeganis-

“A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos”

tão foi um fracasso em todos os sentidos. O objetivo declarado da guerra era dismantelar a rede Al Qaeda e seus aliados e instaurar um regime democrático que impedisse organizações terroristas de ter abrigo em solo afegão. A Al Qaeda foi dismantelada no Afeganistão, mas apenas para resurgir com força no norte da África, no Iêmen e no Iraque. Bin Laden foi localizado e morto uma década depois, mas seu porto seguro era o Paquistão, país que, em tese, é aliado dos EUA, do qual recebe ajuda econômica e militar milionária. O regime de Hamid Karzai, apoiado pelos americanos, é corrupto e patrocina o tráfico de drogas. O Talibã está de volta ao Afeganistão, promovendo atentados contra alvos americanos até mesmo na capital, Cabul (durante a ocupação soviética, os rebeldes jamais puseram os pés na cidade). O país está mais miserável, obscurantista e temeroso pelo futuro do que nunca.

IHU On-Line – E quanto à intervenção de outros países, qual é a sua percepção?

Luiz Antônio Araújo – Trata-se de uma guerra impopular em toda parte. O presidente eleito da França, François Hollande, já anunciou a intenção de retirar o contingente francês da Isaf (a força da Otan) até o final do ano. O Canadá e a Itália seguem pelo mesmo caminho. Apenas a Grã-Bretanha se submete sem pestanejar ao cronograma americano. Mas a intervenção mais nefasta é a do Paquistão, porque se dá de forma não declarada. Os militares paquistaneses consideram o Afeganistão como um fator de “profundidade estratégica” em seu conflito com a Índia e não abrem mão de intervir nos destinos do país. Qualquer soldado americano em serviço no Afeganistão sabe que o verdadeiro fator

de instabilidade no país está do outro lado da fronteira, no Paquistão.

IHU On-Line – Qual é o sentido da “guerra global ao terror”?

Luiz Antônio Araújo – Os herdeiros de Carlos Magno erigiram na Europa Central um reino chamado de Sacro Império Romano. Alguns dizem que essa denominação continha um triplo equívoco: o reino não era Sacro, nem Império, nem Romano. Com a dita guerra global ao terror, ocorre algo parecido: não foi guerra, nem global, nem ao terror. Essa expressão foi utilizada pelo governo George W. Bush para dar a ideia de que havia uma continuidade entre a resposta ao 11 de Setembro e a invasão do Iraque, de que eram operações complementares, inseparáveis uma da outra. Nada mais falso. Mesmo a Operação Liberdade Duradoura, como se chamou a invasão do Afeganistão, não se sustentava como resposta ao 11 de Setembro depois dos primeiros 20 dias de ataques. Nesse período, o governo talibã foi dismantelado, e o próprio governo americano admitiu que estava bombardeando areia. Não houve uma verdadeira guerra global ao terror, e o próprio governo Obama abandonou essa expressão nos seus primeiros meses.

IHU On-Line – De que forma podemos compreender a morte de Bin Laden exatamente dez anos após o ataque às Torres Gêmeas?

Luiz Antônio Araújo – Em que pese ter sido um criminoso, Bin Laden passou a ser visto como um símbolo de insubmissão aos Estados Unidos em todo o mundo islâmico depois do 11 de Setembro. Suas prédicas eram reproduzidas em emissoras de televisão e sites, e ele, apesar de envelhecido e doente, viveu em relativa segurança no Paquistão por quase 10 anos. É curioso que tenha sido capturado em Abotabad, a poucas dezenas de quilômetros da capital paquistanesa. Essa cidade é sede da principal academia militar paquistanesa, e ele tinha como vizinhos militares de alto escalão da reserva. Quem comprou o terreno do imóvel? Como foi construída a casa? Quem se relacionava com ele? Por que os EUA fizeram a Operação Geronimo sem revelar nenhum detalhe ao Pa-

1 Sobre o tema dos refugiados, confira a edição 362 da Revista IHU On-Line, de 23-05-2011, intitulada *Refugiados, uma diáspora em tempos globais*, disponível em <http://bit.ly/jlfG0J>. (Nota da IHU On-Line)

quistão? Quando forem respondidas, essas e outras perguntas revelarão muito sobre o verdadeiro papel do Paquistão na fuga de Bin Laden.

IHU On-Line – Como a população reagiu à morte de Bin Laden?

Luiz Antônio Araújo – A morte de Bin Laden foi mais um episódio na deterioração progressiva das relações entre Estados Unidos e Paquistão. Soma-se a fatos como a prisão (e posterior libertação sob fiança) de um empregado contratado pela CIA após matar um paquistanês e a um ataque de uma aeronave não tripulada americana a uma unidade do exército paquistanês na zona tribal. Do ponto de vista americano, ainda é melhor manter os laços com o Paquistão (leia-se com os militares paquistaneses) do que rompê-los, como ocorreu nos anos 1990, e correr o risco de assistir a uma nova escalada bélica contra a Índia ou no interior do Afeganistão.

IHU On-Line – Por que nomeou seu livro de *Binladenistão*? Como ele é visto em seu país de origem?

Luiz Antônio Araújo – Esse nome remete a um território em que Bin Laden não é visto como um criminoso, mas como um bom muçulmano e um herói. O *Binladenistão* compreende o Paquistão, o Afeganistão, partes da Península Arábica, da África e da Ásia. É uma nação zumbi. Não está no mapa, mas dá sinal de vida a cada atentado promovido ou inspirado pela Al Qaeda.

IHU On-Line – Que implicações esse conflito ainda pode trazer para o mundo como um todo?

Luiz Antônio Araújo – As implicações do conflito no Afeganistão, hoje, são mais regionais do que globais. Mesmo a Al Qaeda está totalmente desinteressada do que ocorre no país. Trata-se, porém, da mais longa guerra travada pelos Estados Unidos além de suas fronteiras. Ninguém deixará de ter curiosidade sobre seu desfecho, assim como não se lê Guerra e Paz até o último capítulo, sem conhecer o epílogo.

IHU On-Line – Como analisa a cobertura da mídia a respeito dos conflitos no mundo árabe?

Luiz Antônio Araújo – Acho que a imprensa mundial tem falhado na cobertura do mundo islâmico como um todo. Falta-nos conhecimento histórico, geopolítico, linguístico, religioso. Não previmos o 11 de Setembro e a Primavera Árabe. Orgulho-me de ter dito claramente, em novembro de 2001, que o conflito no Afeganistão não poderia ter uma solução exclusivamente militar.

IHU On-Line – A que se deve o estereótipo largamente divulgado de árabe como sinônimo de terrorista? As pessoas das localidades onde você esteve sabem que no Ocidente essa é, em grande medida, a visão que se têm deles?

Luiz Antônio Araújo – Trata-se de uma visão profundamente arraigada na mentalidade daquilo que chamamos de Ocidente. Na Divina Comédia, Dante reserva a Maomé o nono círculo do Inferno, onde cismáticos e semeadores de discórdia recebem um horrível castigo. Na época, o Islã era visto como um cisma do cristianismo. Eram tidos como divisionistas, criadores de caso, eternamente envolvidos em lutas intestinas. Depois, passaram a ser pintados como primitivos, misteriosos, sensuais, prisioneiros dos instintos e das paixões. Essas foram as características associadas aos árabes pela Europa moderna, de Coleridge e Goethe a Marx e Rimbaud. No final do século XX, passaram a receber o rótulo de terroristas, fanáticos e suicidas. Essa visão estereotipada só se torna problemática para os árabes que imigram para os Estados Unidos, a Europa ou a Austrália.

IHU On-Line – Havia censura à imprensa na época em que você cobriu o conflito? E hoje, qual é a situação naqueles países, inclusive sobre acesso a redes sociais?

Luiz Antônio Araújo – No Paquistão, os cerca de 3 mil jornalistas estrangeiros tiveram relativa liberdade de locomoção, mas obviamente o país vivia sob uma ditadura militar, havia censura nas redações e jornalistas processados e intimidados. Em janeiro de 2002, pouco depois da proclamação de vitória de Bush no Afeganistão, o jornalista americano Daniel Pearl, do The Wall Street Journal, foi

sequestrado, torturado e executado em Karachi. Não se tratava, portanto, de um ambiente propício ao exercício do jornalismo. Ainda hoje é um dos países mais perigosos do mundo para repórteres. Durante a Primavera Árabe, a situação foi mais violenta. Muitos jornalistas foram mortos no Egito e na Síria, e centenas de outros foram agredidos e presos, como ocorreu comigo no Egito, em fevereiro do ano passado. As redes sociais continuam sendo uma válvula de escape para o descontentamento.

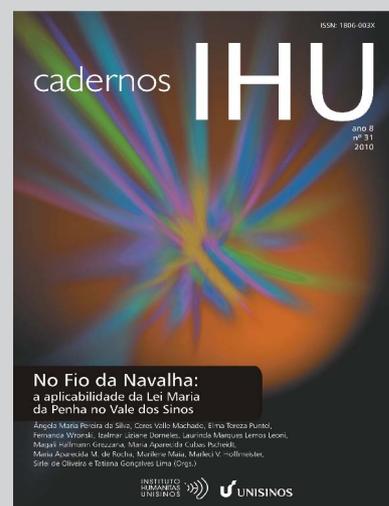
IHU On-Line – Qual é a situação atual no Afeganistão e Paquistão? Como as comunidades vivem em meio a um território ainda ocupado?

Luiz Antônio Araújo – A situação no Afeganistão é de instabilidade e insegurança. Do ponto de vista econômico, o país não está muito melhor, a não ser nos aspectos que de alguma forma interessavam às forças de ocupação, como as estradas – o Afeganistão tinha, há pouco tempo, a mesma extensão de estradas asfaltadas que o Rio Grande do Sul. Evidentemente, as etnias minoritárias temem o retorno do Talibã, mas entre os patanes, predominantes no sul do país, o Talibã não é visto como um elemento estranho. Eles continuam controlando algumas regiões, e mesmo no Departamento de Estado há uma corrente que defende um acordo com o Talibã que permita a retirada americana. Note-se que desmantelar o Talibã (que havia dado abrigo a Bin Laden e à Al Qaeda) era um dos objetivos da Operação Liberdade Duradoura.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Luiz Antônio Araújo – Meu livro, *Binladenistão* – um repórter brasileiro na região mais perigosa do mundo, analisa em detalhes as questões tratadas nesta entrevista e pode ser útil para esclarecer alguns pontos. Nesse livro, recapitulo os aspectos centrais da cobertura do pós-11 de Setembro pelo Grupo RBS, da qual participei como enviado à região do conflito. A obra foi finalista do 52º Prêmio Jabuti de Literatura, em 2010.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



Canal 2 da Televisão de Moçambique: quando a carroça vai à frente dos bois

POR BRUNO LIMA ROCHA¹

No dia 8 de março de 2012 a Televisão de Moçambique – TVM lançou o segundo canal, a TVM2, pondo fim a um processo que vinha sendo anunciado muito tempo atrás. Ao olhar para a grade de programação atualmente disponibilizada e também para a conjuntura midiática que o país atravessa, relacionada à migração digital no setor televisivo, cria alguma sensação de não ter ocorrida no momento oportuno a chegada do novo canal.

O ato de lançamento da TVM2 contou com a presença do Presidente da República, Armando Emílio Guebuza. Na ocasião, o presidente do conselho de administração daquela empresa pública (PCA), Armino Chavana, disse que o segundo canal tinha como **função principal a divulgação de conteúdos econômicos, esportivos e de entretenimento**. Ao assumir esse caráter a TVM2 distingue-se do tradicional e agora primeiro canal, a TVM1, que tem o caráter mais generalista, orientado, em tese, para atender às várias demandas da audiência. Em termos de cobertura, numa primeira fase, o novo

canal está sendo usufruído pelos telespectadores de Maputo, num raio de 74 quilômetros. Outros emissores serão instalados nas cidades da Beira e Nampula. Olhando para a realidade dos processos anteriores de expansão de sinal, a cobertura dos 128 distritos levará muito tempo e muitas pessoas estarão excluídas das possibilidades trazidas pelo novo canal.

Outro aspecto que ficou bem evidenciado durante a apresentação do segundo canal é a sua orientação mercadológica. Segundo Chavana, a componente comercial passaria a ser devidamente potenciada, de modo a mobilizar recursos para a realização de projetos da instituição. Este posicionamento, em relação ao mercado, poderá agregar mais problemas aos concorrentes. No cenário anterior, com a presença apenas do tradicional canal da TVM, as operadoras do setor comercial tinham dificuldades em enfrentar aquele canal público.

No panorama midiático do país, a TVM, a Rádio Moçambique – RM e os jornais da Sociedade Notícias estão numa situação

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos; docente e diretor adjunto da Escola de Comunicação Artes da Universidade Eduardo Mondlane - ECA/UEM; membro do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - Cepos. E-mail: <joaomiguelmz@yahoo.com.br>.

privilegiada, na medida em que as empresas públicas contam com o financiamento do Estado através do contrato assinado com o Ministério das Finanças. Por sua vez, a Sociedade Notícia conta com um acionista de causar inveja a qualquer empresa, o Banco de Moçambique, o banco central do país. Além dessa retaguarda segura ostentada por essas instituições, elas também disputam os anunciantes, que, no caso moçambicano, ainda são exíguos (os mais expressivos), diante da multiplicidade de instituições que atuam no campo da comunicação desde a abertura legal estabelecida pela Lei da Imprensa, que em Moçambique marcou o início da fase da multiplicidade da oferta.

O lema da TVM2 é *televisão a dobrar* e, segundo o PCA, ele carrega uma significação que tende a ressaltar a visibilidade que o canal irá emprestar aos clientes, na medida em que haverá mais espaços para a venda de produtos e marcas. Caso efetivamente se materializem as intenções institucionais da estação pública de imprimir maior agressividade em termos mercadológicos, haverá algum desconforto por parte das outras operadoras. Estas continuarão reclamando, como

vem acontecendo, da concorrência desleal protagonizada por empresas públicas. Mesmo que a TVM2 não acrescente valor, em termos de conteúdo, sua entrada no mercado midiático significa mais um ator para partilhar o mesmo o bolo publicitário.

Passados mais de sessenta dias desde que o canal foi lançado, é importante ensaiar algum comentário sobre os conteúdos veiculados. Com uma programação de aproximadamente treze horas diárias, a TVM2 abre suas emissões às 11 horas e encerra a zero hora e, em alguns dias, o término da programação acontece um pouco depois da meia noite. Na semana observada, de 23 a 29 de abril, constatou-se que a grade de programação está recheada de reprises e de produtos que os telespectadores já conheciam no tradicional canal, agora TVM1. Na situação atual, o valor acrescentado pelo segundo canal ainda não é visível, tendo em consideração a novidade é escassa. A realidade parece não estar de acordo como o otimismo do PCA manifestado no ato da inauguração e também pelo Presidente da República, para quem a nova plataforma da TVM estará na vanguarda de difusão de conteúdos que enriqueçam o

conhecimento dos moçambicanos, condição necessária para que haja no país mais e melhor informação para o desenvolvimento.

Ao olhar para o cenário atual do funcionamento da TVM2, alguns questionamentos são inevitáveis: havia realmente necessidade de se criar um segundo canal, mesmo constatando-se que o primeiro tem potencialidade a serem exploradas? Não seria o caso da TVM apostar primeiro na digitalização para, a partir daí, aproveitar os recursos da nova plataforma? Os cerca de dois milhões de dólares americanos investidos até então, segundo Chavana, não poderiam contribuir para a migração tecnológica que deverá consumir-se até 2015? Na possibilidade de se ter adquirido equipamento do sistema analógico não terá sido um desperdício, tendo em consideração que deverá ser substituído com a introdução da plataforma digital? Essas questões inquietam aqueles que têm prestado atenção na forma como as políticas de comunicação são encaminhadas em Moçambique. Em suma, está ficando evidente que houve alguma pressa em criar um novo canal.



Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela *IHU On-Line* e disponíveis nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 22-05-2012 a 25-05-2012

Economia extrativista: “Esse culto ao atraso é perigoso”

Entrevista especial com Alfredo Homma, pesquisador
Confira nas Notícias do Dia de 22-05-2012
Acesse no link <http://migre.me/9dPfu>

“Não existe uma proposta concreta de desenvolvimento para Amazônia por parte do governo federal e dos governos estaduais”, avalia Alfredo

Proposta simples: “Abandonar o projeto de Angra III, poupar os R\$ 10 bi, investir em energia alternativa”

Entrevista especial com Ildo Sauer, engenheiro nuclear
Confira nas Notícias do Dia de 23-05-2012
Acesse no link <http://migre.me/9dPoe>

Na entrevista, o engenheiro explica os equívocos da atual matriz energética, apresenta a proposta da criação de uma empresa estatal para gerenciar a energia e enfatiza a inviabilidade de o país investir em energia nuclear.

BNDES: movimentos sociais querem transparência

Entrevista especial com Maíra Fainguelernt, pesquisadora
Confira nas Notícias do Dia de 24-05-2012
Acesse no link <http://migre.me/9dPAV>

“A política de financiamento do banco não se responsabiliza pelas violações que grandes empreendimentos financiados pelo banco vêm acarretando. Queremos chamar a atenção para o caráter público do BNDES: ele é 100% estatal e, portanto, deve abrir o diálogo com a sociedade, ouvir os movimentos sociais, e se responsabilizar pelos financiamentos que concede”, assinala.

“A Lei de Anistia é uma autoanistia”

Entrevista especial com Jair Krischke, historiador
Confira nas Notícias do Dia de 25-05-2012
Acesse no link <http://migre.me/9dPHo>

Ao analisar a instalação da Comissão da Verdade, que busca investigar os crimes políticos e os desaparecidos do período militar, Jair Krischke questiona a proposta sancionada pela presidência da República.

**LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU
programados para a semana de 28-05-2012 a 04-06-2012

Evento: Ciclo de Palestras: Filosofias da Intersubjetividade

Data: 31-05-2012

Palestra: Giorgio Agamben: a exceção jurídica e o controle biopolítico da vida humana

Palestrante: Prof. Dr. Castor M. M. Bartolomé Ruiz Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Conecta (Centro Comunitário)

Mais informações: <http://migre.me/9aEu7>

Evento: IHU ideias

Data: 31-05-2012

Palestra: Resiliência: o papel da espiritualidade e dos fatores de proteção na juventude

Palestrante: Profa. Dra. Susana Rocca – Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/9aESJ>

Evento: Crise Econômica Global e a Economia Civil - possibilidades e desafios

Data: 05-06-2012

**Palestra: Crise Econômica Global e a Economia Civil
- possibilidades e desafios**

Palestrante: Prof. Dr. Stefano Zamagni - Itália

Horário: 9h30min às 12h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Mais informações: <http://migre.me/9gxJR>

Entrevistas de Eventos

Tecnociência, ética e poder

Celso Candido de Azambuja fala sobre o I Seminário nacional de pesquisa: tecnociência, ética e poder, que inicia nesta segunda-feira

POR GRAZIELA WOLFART

A Unisinos, através do grupo de pesquisa “Prometheus: filosofia da tecnociência” do PPG em Filosofia, do Curso de Filosofia, do Instituto Humanitas Unisinos, com o apoio do Núcleo de Formação Humanística, promove o I Seminário Nacional de Pesquisa: Tecnociência, Ética e Poder. O evento acontece de 28 a 31 de maio na Sala Conecta da Unisinos. Mais informações e a programação completa encontram-se em http://filotechne.org/?page_id=218

A **IHU On-Line** entrevistou por e-mail o professor Celso Candido de Azambuja, que integra o comitê científico e a comissão organizadora do seminário. Segundo ele, “busca-se colaborar, desde a perspectiva das humanidades, no debate institucional sobre o significado e sentido da tecnociência na sociedade contemporânea e também ajudar a problematizar teoricamente a inflexão tecnológica atual da universidade”. Com isso, explica, “esperamos poder contribuir direta e publicamente na reflexão sobre a sociedade tecnocientífica con-

temporânea e seus desafios éticos e políticos”. E Celso Cândido afirma: “a questão da tecnociência tornou-se talvez o problema central de nossa época. Todas as questões humanas e civilizatórias passam, direta ou indiretamente, pela pesquisa e pelo desenvolvimento tecnocientífico. Hoje, mais que nunca, *técnica é poder*”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Celso Candido de Azambuja é mestre em Filosofia pela mesma instituição e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP com a tese Hipertexto e subjetividade – máquinas e redes cibernéticas interativas de comunicação e informação e produção de subjetividade. É professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Unisinos e organizou inúmeras publicações, entre elas Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar (Ijuí: Unijuí, 2004) e A criação histórica (Porto Alegre: Artes e Ofícios/Sec. Municipal da Cultura, 1992).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que se pretende alcançar com o I Seminário nacional de pesquisa: tecnociência, ética e poder?

Celso Candido de Azambuja - De forma resumida, trata-se de ajudar a mapear, fortalecer e articular institucional e interinstitucionalmente o campo de pesquisa filosófica em torno do problema da tecnociência e suas implicações éticas, políticas e sociais. Busca-se colaborar, desde a perspectiva das humanidades, no debate institucional sobre o significado e

sentido da tecnociência na sociedade contemporânea e também ajudar a problematizar teoricamente a inflexão tecnológica atual da universidade. Mas também se busca colaborar no processo de articulação das pesquisas nas humanidades e nas ciências tecnológicas. No Brasil, fortalecer este campo de pesquisa é uma tarefa primordial. A pesquisa brasileira precisa aprofundar sua especulação teórica, filosófica e científica, em torno das questões pertinentes à sociedade tecnocientífica. Este processo só se fará

em nível interinstitucional e a partir de uma perspectiva transdisciplinar e transversal. Penso que há um enorme trabalho teórico e político a ser feito, no sentido de favorecer a criação e o desenvolvimento de atividades e pesquisas transdisciplinares em âmbito institucional e articular pesquisas e pesquisadores em nível nacional e interinstitucional, inclusive envolvendo a iniciativa privada e o setor público.

A partir do Seminário faremos diferentes publicações: de artigos dos conferencistas nos *Cadernos IHU*

Ideias (www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias); de vídeos das conferências e apresentações no *Canal Online do Projeto Filoweb* (<http://vimeo.com/channels/filoweb>) e de um caderno de resumos das comunicações no site do *Grupo de Pesquisa Prometheus* (<http://filotechne.org/>). Com isto esperamos poder contribuir direta e publicamente na reflexão sobre a sociedade tecnocientífica contemporânea e seus desafios éticos e políticos.

IHU On-Line - Como se relacionam tecnociência, ética e poder? Qual a importância deste debate para o cenário contemporâneo?

Celso Candido de Azambuja - A questão da tecnociência tornou-se talvez o problema central de nossa época. Todas as questões humanas e civilizatórias passam, direta ou indiretamente, pela pesquisa e pelo desenvolvimento tecnocientífico. Hoje, mais que nunca, *técnica é poder*. Diferentemente da técnica moderna que era altamente concentrada nas mãos de poucos, a técnica contemporânea é também *poder de muitos*, gerando efeitos de empoderamento civil – ainda pouco ou mal percebidos pela maioria dos cientistas e filósofos políticos universitários – que colocam problemas éticos e políticos de toda ordem. A tecnociência contemporânea tem um caráter revolucionário e espetacular. Ela deu e está dando aos homens meios cada vez mais poderosos de intervenção na sociedade, sobre a natureza e sobre si próprio. Ao mesmo tempo, se é verdade que o destino humano é tecnocientífico e somente no horizonte da tecnociência a humanidade encontra qualquer esperança de futuro, entretanto, este mesmo desenvolvimento tecnocientífico gera questões angustiantes, na medida em que também coloca em risco o conjunto da vida planetária e nos aponta para transformações insuspeitadas no modo de vida e ser humano um século atrás. Então veremos que a tecnociência contemporânea não carrega apenas a esperança de futuro da civilização, mas gera também uma enorme angústia, devido aos seus poderes de transformação e destruição.

O poder de um único indivíduo hoje é incomparável ao que ele tinha na antiguidade e mesmo na moderni-

“A técnica moderna esgotou-se. O conceito de técnica na modernidade foi reduzido a sua mera instrumentalidade”

dade. Acesso à informação, controle e poder de comunicação, intercriatividade social, difusão cultural, disseminação em massa de medicamentos e tratamentos de doenças, vida prolongada – tudo isto coloca o indivíduo diante novas responsabilidades e novos desafios existenciais e sociais. Os problemas humanos se transformaram, seja em relação ao trabalho e suas formas de organização, ao tempo e qualidade de vida, às relações interpessoais e afetivas, às formas de participação política e cultura, etc. O agir humano tornou-se muito mais complexo e é hoje totalmente dependente da técnica.

IHU On-Line - Em que sentido a técnica pode ser apontada como um problema ético?

Celso Candido de Azambuja - Quando Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, faz a distinção das virtudes intelectuais, ele aponta a *phronesis*, ou sabedoria prática e a *techne*, ou a sabedoria técnica, como virtudes relativamente independentes. Em certo sentido, não existe aqui nenhum problema ou implicação ética no campo da técnica. E esta se apresentará como uma virtude intelectual inferior não só diante da *Phronesis*, mas também da *Sophia*, do *Nous* e da *Episteme*. (Em contrapartida, na *Metafísica*, Aristóteles reconhecerá a importância fundamental da técnica dialética no âmbito da atividade filosófica. Mas este é outro assunto, pois diz respeito à dependência da sabedoria filosófica da própria técnica – problema que, aliás, nem todos os filósofos estão dis-

postos a encarar verdadeiramente.) Esta representação aristotélica das relações entre técnica e ética tem a ver com o lugar que a técnica ocupava na antiguidade. Como destaca Galimberti, em seu monumental tratado *Psiche e Techne – o homem na idade da técnica*, a técnica na antiguidade está circunscrita no interior das determinações da natureza, cujos desígnios são eternos e imutáveis e cujos limites são intransponíveis. A técnica assim não impunha, de fato, nenhuma questão ética verdadeiramente relevante. Na modernidade industrial, acabamos por reduzir o sentido da técnica a uma representação essencialmente instrumental. Sendo definida como instrumento, a técnica não seria senão um meio a serviço do estado, da ciência, da indústria, da economia. Esta representação instrumental não é um acaso ou mero equívoco. Ela faz parte do magma imaginário da sociedade industrial altamente instrumentalizante. Máquinas são inventadas para produzir em escala de massas, para dominar a natureza, para aumentar os índices de produtividade. A técnica moderna assim reduziu-se a um instrumento nas mãos dos homens.

Desta maneira a técnica praticamente assume o controle e favorece o desenvolvimento da sociedade moderna. Sendo um instrumento de produção e transformação da natureza, a técnica, invadindo todos os campos da atividade produtiva, acaba por se tornar um problema ético, pois seus efeitos no âmbito da sociedade serão cada vez mais abrangentes e decisivos. Agora, a natureza é colonizada pela técnica. Assim, na modernidade industrial, o problema principal será o de como bem utilizar a técnica, ou seja, trata-se basicamente de como manipular a técnica de forma correta e adequada. São ainda dimensões claramente distintas, mas já muito fortemente imbricadas. É só no fim da modernidade que Heidegger, Simondon e McLuhan – que estão entre os mais agudos pensadores do século XX – se deram conta do reducionismo desta concepção de técnica. Eles perceberam que a humanidade e a própria ciência nada seriam sem a técnica; que os modos de ser e perceber o mundo são inseparáveis dos meios técnicos; que separação entre técnica e cultura

é totalmente sem sentido e alienante; e que por fim a técnica tem um protagonismo central na escalada da civilização humana. Hoje, diferentemente de outras épocas, em certo sentido, já *o agir humano é essencialmente técnico*. A técnica está no centro da ação humana.

IHU On-Line - Que considerações podem ser feitas em torno de uma filosofia da técnica moderna?

Celso Candido de Azambuja - A meu ver, a técnica moderna esgotou-se. O conceito de técnica na modernidade foi reduzido a sua mera instrumentalidade. Hoje a luta é contra a técnica moderna tal como ela foi realmente compreendida e praticada ao longo da modernidade industrial, ou seja, como instrumento de exploração da natureza e da humanidade.

IHU On-Line - Além de Giorgio Agamben e Hans Jonas, que outros autores e pensadores inspiram os debates do Seminário?

Celso Candido de Azambuja - A lista não seria muito extensa. Entretanto, eu destacaria as reflexões presentes nas obras de Heidegger¹, Simondon e McLuhan² e que são au-

tores precursores e inovadores, junto com Jonas, do debate sobre a técnica no século XX. Entre os contemporâneos encontram-se pensadores fundamentais como Gilbert Hottois, Umberto Galimberti e Pierre Lévy³, no campo da filosofia. No campo da sociologia, Manuel Castells⁴ é também uma referência fundamental.

Leia mais...

>> Celso Candido de Azambuja já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**:

A reinvenção do ser humano a partir da invenção da máquina.
Publicada na edição Maio de 1968: 40 anos, número 250, de 10-03-2008, disponível em <http://migre.me/4c7zb>;

Sociedade das possibilidades.
Publicada em Notícias do Dia de 16-6-2009, disponível em <http://migre.me/4c7tG>;

A técnica pode ser um instrumento neutro? Publicada na edição 100 anos de Marshall McLuhan: um teórico de vanguarda, número 357, de 11-04-2011, disponível em <http://migre.me/62cXH>;

A derrocada dos grandes sábios e um oráculo chamado Google. Publicada na edição número 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/tguhTG>

¹Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*. (Nota da IHU On-Line)

²Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da revista IHU On-Line, de 11-04-2011, intitulada *100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda*, disponível em <http://bit.ly/oZJlrh>. (Nota da IHU On-Line)

³Pierre Lévy: filósofo da informação que estuda as interações entre a Internet e a sociedade. Mestre em História da Ciência e doutor em Sociologia e Ciência da Informação e Comunicação, pela Universidade de Sorbonne, França, Lévy é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. Entre outras obras, escreveu *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?* (São Paulo: Loyola, 1998) e *O que é o virtual?* (São Paulo: Editora 34, 1996) (Nota da IHU On-Line)

⁴Manuel Castells (1942): sociólogo espanhol. (Nota da IHU On-Line)

Leia as
entrevistas
do dia no
sítio do IHU:
www.ihu.unisinos.br

As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência

Para superar situações traumáticas, é preciso algumas condições do entorno, pois a resiliência se tece na interação do contexto social e das aptidões, das competências, das características e das posturas pessoais, explica Susana Rocca

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Em primeiro lugar, o estudo da resiliência está baseado na perspectiva psicológica desta, entendendo-a como o processo comportamental ou psíquico de superação de situações adversas e traumáticas, conforme explica Susana Rocca, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Baseada em estudos da Sociologia da Religião, Rocca pontuará algumas características da espiritualidade contemporânea. “E, aprofundando em publicações atuais sobre Pastoral Juvenil (latino-americanos, do Brasil, da França), discutiremos se a espiritualidade e a contribuição da Igreja são significativas ou não para que o jovem supere situações adversas ou traumáticas no contexto atual”, escreve.

Além disso, a psicóloga apresentará os resultados de uma pesquisa social quantitativa que concluiu em 2010, na qual participaram 13 jovens, de 21 a 29 anos de idade, católicos, com alta resiliência, residentes em São Leopoldo-RS. “A maioria passou por uma constelação de fatores de risco e traumáticos significativos. A investigação mostra que as condições adversas e as situações traumáticas não determinam necessariamente um destino negativo. Por outro lado, reafirma-se que, para superar situações traumáticas, é preciso algumas condições do entorno, pois a resiliência se tece na interação do contexto social e das aptidões, das competências, das características e das posturas pessoais”. Ela concluirá apresentando os “fatores de proteção” (externos) e os “pilares de resiliência” (internos, próprios do jovem) que podem ser fomentados para promover a resiliência de pessoas ou grupos, tendo em conta especialmente o contexto brasileiro.

A palestra “Resiliência: o papel da espiritualidade e dos fatores de proteção na juventude”, com

Susana Rocca, ocorre no dia 31 de maio, das 17h30 às 19h, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Para saber mais, acesse: <http://migre.me/9aESJ>.

Susana María Rocca Larrosa possui graduação em Psicologia pela Universidad Católica del Uruguay (1983), especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pelas Faculdades EST (2004) e doutorado em Teologia Prática pela EST (2011). Realizou seis meses de Doutorado Sanduíche como bolsista do governo francês, na Université de Théologie Catholique, da Université de Strasbourg (2010-1). Integra a equipe de coordenação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, trabalhando no Programa Teologia Pública e nos Serviços de Atendimento Espiritual. É membro do Conselho editorial dos Cadernos Teologia Pública, Cadernos IHU, Cadernos IHU em formação e Cadernos IHU ideias (IHU-Unisinos). Tendo aprofundado o tema da resiliência, desde 2005 participa e coordena eventos nacionais e internacionais assim como assessora grupos interessados no assunto. É professora convidada na Universidade Católica del Uruguay, na Unisinos e em outras Universidades brasileiras. O tema da pesquisa do doutorado foi: As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. É organizadora do livro *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado* (São Leopoldo, Sinodal, 2007) e de várias publicações sobre resiliência. Tem experiência em aconselhamento, assessoria e trabalho pastoral no Uruguai (1976-1987), na Argentina (1988-2000) e no Brasil (2001-2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira será abordado o tema “Resiliência: o papel da espiritualidade e dos fatores de proteção na juventude”?

Susana Rocca – A discussão pretende abordar alguns pontos da minha pesquisa de doutorado intitulada *As contribuições da espiritualidade e*

da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos.

IHU On-Line – Quais são os pontos fundamentais do debate?

Susana Rocca – Em primeiro lugar, estudo está baseado na pers-

pectiva psicológica da resiliência, entendendo-a como o processo comportamental ou psíquico de superação de situações adversas e traumáticas. Baseada em estudos da Sociologia da Religião, pontuarei algumas características da espiritualidade contemporânea. E, aprofundando em publi-

cações atuais sobre Pastoral Juvenil (latino-americanos, do Brasil, da França), discutiremos se a espiritualidade e a contribuição da Igreja são significativas ou não para que o jovem supere situações adversas ou traumáticas no contexto atual.

Resultados

Além dos principais tópicos da pesquisa bibliográfica, apresentarei os resultados de uma pesquisa social quantitativa que concluí em 2010, na qual participaram 13 jovens, de 21 a 29 anos de idade, católicos, com alta resiliência, residentes em São Leopoldo-RS. A maioria passou por uma constelação de fatores de risco e traumáticos significativos. A investigação mostra que as condições adversas e as situações traumáticas não determinam necessariamente um destino negativo. Por outro lado, reafirma-se que para superar situações traumáticas é preciso algumas condições do entorno, pois a resiliência se tece na interação do contexto social e das atitudes, das competências, das características e das posturas pessoais. Concluirei apresentando os “fatores de proteção” (externos) e os “pilares de resiliência” (internos, próprios do jovem) que podem ser fomentados para promover a resiliência de pessoas ou grupos, tendo em conta especialmente o contexto brasileiro.

IHU On-Line – De que forma as instituições podem contribuir para a resiliência?

Susana Rocca – Considerando que estamos numa época de mudança de paradigmas e de valores, e num contexto latino-americano onde há diversas situações adversas que afetam de forma especial a juventude, precisa-se entender os novos desafios e descobrir as possibilidades e as perspectivas que as instituições (religiosas ou não) têm para contribuir na promoção da resiliência. Essa contribuição abrange tanto o trabalho de prevenção, potencializando os recursos para promover a resiliência, como a superação de situações adversas ou traumáticas já existentes. Além disso, tendo investigado uma ampla literatura em língua francesa, espanhola e portuguesa, creio interessante analisar e

discutir como concretamente a resiliência dos jovens pode ser promovida através do trabalho das comunidades e das instituições, e através da presença e das atitudes de integrantes dos determinados grupos organizados.

IHU On-Line – Como surgiu este tema?

Susana Rocca – A escolha da temática está profundamente ligada a minha trajetória pessoal. Sempre me perguntei a respeito de como ajudar as pessoas a superar os sofrimentos. Sendo nova, me formei como psicóloga e consagrei minha vida numa comunidade missionária católica. Dediquei mais de 25 anos ao acompanhamento de jovens e adultos, tendo morado em quatro países (Uruguai, Argentina, Brasil, França). O contato com a diversidade de culturas, de ambientes, e de mentalidades, me levou a me aproximar de diferentes experiências de sofrimento, assim como das tentativas das pessoas e das instituições para superá-las.

Contexto atual

O contexto atual de grandes mudanças desafiou-me ainda mais. Como contribuir com as instituições, as associações, os ambientes de formação e com os próprios jovens para ajudá-los a serem mais capazes de resolver os conflitos, superar as adversidades e se reconstruírem positivamente depois das dificuldades e situações traumáticas? O interesse de encarar uma pesquisa de mestrado e doutorado nasceu da exigência de atualização nos conhecimentos acadêmicos e de aprofundamento na prática pastoral. A ideia de pesquisar resiliência surgiu em 2004, ao tomar contato com algumas obras sobre resiliência de Boris Cyrulnik (psicanalista, neurologista, psiquiatra e etólogo francês); de Stefan Vanistendael, (do *BICE-Bureau International Catholique pour l'Enfance*); e das publicações do CIER (Centro Internacional de Información y Estudios de Resiliencia, da Universidad de Lanús, na Argentina).

IHU On-Line – Que resultados foram obtidos empiricamente?

Susana Rocca – Na pesquisa de campo há dados interessantes. Situada num contexto de novos paradig-

mas, as características da espiritualidade juvenil também suscitam novos desafios. Por exemplo: os jovens se definem como católicos e salientam que a ajuda de Deus e da família é essencial para poderem superar situações adversas e traumáticas. Porém, a maioria dos entrevistados não tem prática institucional coletiva na Igreja Católica nem mencionam como significativas nem autoridades, nem lideranças católicas, e sim alguns grupos de Igreja. A oração pessoal, espontânea, nas suas casas é uma prática privilegiada e frequente, sendo a dimensão pessoal, subjetiva e emocional um traço característico da sua espiritualidade. O que significam esses dados para as pessoas e as instituições que trabalham em favor da juventude, especialmente aqueles jovens expostos a maiores situações de risco? São desafios que merecem ser debatidos.

Leia mais...

>>Confira a edição 241 da revista **IHU On-Line**, cujo tema é resiliência:

- “Resiliência. Elo e sentido”. Revista IHU On-Line, edição 241 de 29-10-2007, disponível em: <http://migre.me/9dYnG>

Susana Rocca já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**, confira:

- 29-10-2007 – “A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência”, entrevista publicada na revista IHU On-Line, edição 241 de 29-10-2007, disponível em: <http://migre.me/9dZMM>
- 28-10-2007 – “Sofrimento, resiliência e espiritualidade”. Entrevista especial com Susana Rocca, disponível em: <http://migre.me/9e010>

Perfil

Telma Monteiro. O testemunho de uma ambientalista

“Eu quero falar para o mundo! Quero que as pessoas me ouçam!”

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

Ativista socioambiental. Polêmica. Esposa. Pedagoga. Pesquisadora independente e editora de blog. Essas são apenas algumas das qualificações de Telma Monteiro, que luta há mais de 16 anos por um Brasil melhor, com “energia elétrica, ambiental e socialmente limpa”, como ela mesma define em seu blog <http://telmadmonteiro.blogspot.com.br>.

Antes de iniciar a palestra do Ciclo: Rio+20 – desafios e perspectivas, onde abordou o tema “Rio+20 e a questão da matriz energética brasileira”, no último dia 16 de maio, Telma

conversou pessoalmente com a IHU On-Line e contou um pouco sobre sua trajetória de vida pessoal e profissional, além de explicar o porquê de seu interesse, depois de algum tempo, em aprofundar a pesquisa com relação à questão do meio ambiente, mais especificamente da criação das usinas hidrelétricas no Brasil e seus impactos para toda a população, questão de maior interesse da pesquisadora, já que, antes disso, era pedagoga e empresária. Em mais de uma hora de conversa, a ativista contou muitas histórias. Confira.

Origem

Telma Monteiro nasceu em São Paulo, em um bairro tradicional da zona Norte. Hoje mora em uma propriedade rural em outro município na Grande São Paulo. Tem uma horta e quatro vaquinhas de estimação. “Todo leite é distribuído para a comunidade. Ademais, tenho as vaquinhas por questão de amor, porque o leite é importante para a comunidade que é antiga no local e a mais distante do centro administrativo do município”.

A ativista é casada com o arquiteto Durval e não tem filhos. Talvez tenha sido por isso que ela tenha se dedicado tanto à questão energética, já que a responsabilidade é muito grande. “Não ter tido filhos para mim não é nenhum motivo de trauma e nem frustração. Meu marido e eu temos uma vida de contato direto com a natureza e somos casados há 26 anos”, pondera.

Seu avô era espanhol, uma espécie de ambientalista da época, que lhe ensinou muitas coisas, como o amor à natureza. Seu pai era outro ambientalista, “ambientalista da época, porque depois vivemos em uma casa com quintal enorme, que tinha árvores frutíferas”. Ele tinha um verdadeiro amor pela natureza e a introduziu nessa questão. “Eu subia nas árvores, era uma moleca. Tinha uma paixão pelas plantas e isso foi uma sementinha que foi plantada em mim de amor à natureza e depois a trajetória continuou”, diz. Telma Monteiro foi professora há muitos anos, primária, ensinava as crianças a ler e escrever. Essa era a sua paixão, pois sempre buscava passar para as crianças esse amor que temos que ter pela natureza.

Em sua vida adulta, a ambientalista fez escola normal e depois pedagogia. Ela foi da primeira turma da

Universidade Professor Carlos Pasquale, no bairro do Brás.

Antes do ativismo...

Depois disso, a vida amorosa de Telma aconteceu. Paralelamente, foi empresária. “Fui designer. Tinha uma grife de sapatos, fabricava e tinha três lojas de pronta entrega em São Paulo. Quebrei com o Plano Collor. Eu mesma desenhava os modelos. Na época, fazia muito sucesso”, relembra. Telma chegou até mesmo a se apresentar na televisão para apresentar os modelos. “Por isso que conheço essa região do Rio Grande do Sul, pois vinha a Novo Hamburgo, porque eu queria melhorar a fábrica”.

Telma, ainda como empresária, criou na região uma associação de 400 pequenas empresas do ramo de moda para reivindicar os seus direitos. Isso já era uma forma de atuação e de ativismo porque as “pequenas empresas, naquela época, não eram

consideradas. Eram destratadas. Aliás, até hoje. Acredito que não evoluímos muito nesse sentido. Quando eu quebrei com o plano Collor, em 1991, quase todas as pequenas confecções na região quebraram”, lamenta.

A blogueira viveu intensamente a evolução da história do país. Ela até mesmo lembra que foi convidada para participar de um programa de rádio para discutir a candidatura do Lula. “Creio que era a primeira vez que ele se candidatava à presidência da República. E lembro que alguém do grande empresariado brasileiro, que até hoje está aí, falou que, se o Lula fosse eleito, os empresários iriam sair do Brasil. Em nome dos pequenos empresários, fui convidada para falar a respeito”. A ambientalista diz que houve uma discussão muito grande porque ela não concordava com o fato de que os empresários iriam sair do Brasil. “Primeiro porque eu não achava na época que o Lula iria ser eleito. E depois, o Lula estava começando a ser uma liderança, sendo que era a primeira vez que ele se candidatava”, frisa. Posteriormente, a situação evoluiu...

A atuação como ativista socioambiental – como tudo começou

Quando foi para o município da Grande São Paulo, área de proteção aos mananciais, interior da Mata Atlântica, Telma começou a atuar diretamente. “Mudei-me para minha casa em 1996. Dois dias depois da mudança, recebi um papel com um decreto do presidente Fernando Henrique Cardoso, dizendo que eles estavam desapropriando uma parte da propriedade porque o decreto presidencial dizia que tinha que passar uma linha de transmissão lá”, explica. Foi a partir daí, então, que Telma, de fato, começou a atuar com relação à energia. Naquele momento, ela disse: “como é que é?” Telma mobilizou céus e terras; foi atrás do Ministério Público Federal de São Paulo e começou a investigar a história de linha de transmissão, porque ela não tinha o mínimo conhecimento. “Já tinha me associado a uma organização não governamental local, pequena, e acabei buscando a legisla-

“Telma Monteiro confessa que já sentiu muito medo, mas descobriu que a sua grande arma é não deixar de discutir”

ção, indo inclusive até à Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo”.

A partir de então, Telma Monteiro começou a questionar vários pontos e a investigar o que é a questão da energia no Brasil. Interrogou fatos como o porquê de a Secretaria de Meio Ambiente do estado de São Paulo estar licenciando uma linha; o porquê de não ter audiência pública etc. “Imagina: em 1996, quem pensava em audiência pública? Questionei o porquê, então, de uma linha de transmissão que pegava dois Estados, Paraná e São Paulo, estar sendo licenciada a toque de caixa pela Secretaria de Meio Ambiente do estado de São Paulo”. Monteiro chegou a escrever um livro sobre isso e descobriu que a legislação não estava sendo cumprida, uma vez que, segundo ela, quem deveria licenciar era o Ibama, visto se tratar de uma linha de transmissão que passava por dois Estados. “Fui procurar o Ministério Público e ele viu que eu estava certa. Foi quando comecei a entrar em choque. Em uma das audiências públicas, fui quase algemada devido à força policial, porque apenas 12 horas antes da audiência nós tomamos conhecimento dela”, pontua. E, até hoje, o município não foi compensado pela linha de transmissão.

A primeira representação com relação à questão de energia no Brasil foi feita por Telma. Desse momento em diante, ela começou a ser pressionada, e muitos afirmavam que a

ambientalista estava “atrapalhando o desenvolvimento do Brasil”. A ativista não nega que sofreu muita pressão. “Foi muito duro”, lamenta. Foi quando percebeu que, no fim, a política acaba interferindo muito nessas questões de obras públicas, com dinheiro público, que beneficia empresas privadas e políticos locais.

Contra poderosos

Telma Monteiro confessa que já sentiu muito medo, mas descobriu que a sua grande arma é não deixar de discutir. “Não posso deixar de falar. Já me ameaçaram, já puseram fogo em minha propriedade recentemente e quase pegou fogo na minha casa que é de madeira. Mas descobri que se eu recuar, serei mais vítima ainda. Então, tanto mais eu falo, pois não sou um arquivo”, afirma. No entanto, Telma nunca foi processada. “Não recebi processo algum por tudo o que já falei, porque eu não digo mentira. Não estou inventando. Tenho os documentos que comprovam tudo o que escrevo e tudo o que falo. Então, ninguém pode me processar por algo que é verdade e que eu tenho como comprovar”, argumenta.

A mãe de Telma tem muito orgulho da filha que possui. Não é para menos. O marido sofre com ela. “Ele é arquiteto, trabalha do meu lado em casa e absorve tudo (risos)”. A ativista não nega que, de vez em quando, pede para ele ler seus textos “para ver se não escrevi bobagem”.

A pesquisadora independente lamenta que, no decorrer de sua história, tenham ocorridas algumas experiências danosas e tristes. Ela exemplifica: “um dia fui convidada para fazer parte de um grupo da prefeitura de São Paulo para cuidar de algumas coisas ambientais do Partido Verde (PV). Eu, muito inocentemente, imaginei que poderia ajudar e acabei me esfofando de todas as formas porque, de tudo o que descobri dentro da Prefeitura de São Paulo, ainda vou escrever um livro a respeito. Não tenho vergonha de dizer. E fui mandada embora porque não concordava”. Foi a única experiência da vida da ambientalis-

ta no poder público e durou um ano e meio. “Fui praticamente expulsa”, completa.

Política

Telma é apartidária. “Na verdade, acho até que sou anárquica. Sem filiação partidária alguma. No Brasil, não dá para ser honesto sendo político. Ou se deixa de ser honesto, ou se deixa de ser político”, diz, convicta. Ela lembra que votou em Lula e se arrependeu. “Imaginei que ele fosse a redenção do nosso país. Mas me arrependi”. No entanto, logo se convence. “Não tinha opção também”. Só que Telma lembra que acreditava no ex-presidente. “Nessas últimas eleições, não votei na Dilma. Anulei meu voto. Não tinha em quem votar. Ainda acho que nós não temos em quem votar”. Com relação às hidrelétricas, argumenta: “são as maiores obras em investimento que existem. Os valores são incríveis. Quanto vai custar Belo Monte? Ninguém sabe. Quanto estão custando as usinas do rio Madeira? Ninguém sabe. Elas foram planejadas para custar X, mas os custos foram aumentando”.

A ambientalista viaja para o exterior, a convites, para tentar desmistificar esse Brasil que a Dilma planta lá fora, ou seja, de um país “perfeito, com energia limpa, barata, renovável. E não é. Acabo desfazendo o discurso dela”. Recentemente, ela concedeu uma entrevista na Itália e disse que Dilma é retrógrada. “Afirmei com todas as letras. E digo sempre. Não tenho medo de falar porque ela é mesmo. Quem fala que vento não se estoca só pode ser uma pessoa retrógrada”.

Usinas Hidrelétricas

A pesquisadora escreveu um trabalho onde conta o momento em que foi aprovado o projeto das Usinas do Complexo do Madeira. “Foi aprovado depois que o Lula ganhou, porque ele fez o acordo com as empresas envolvidas. Isso foi aprovado depois da eleição do Lula, em 2002, sendo que ele assumiu em 2003. E em janeiro daquele ano começou o processo de licenciamento ambiental. Em dezembro de 2002, isso tramitou na Agência Nacional de Energia Elétrica – Aneel, e

“Qual é a alternativa que nós temos? Repensar o modelo. Tem alguma coisa errada com esse modelo”

foi aprovado. Nunca vi um projeto ser aprovado com tanta rapidez, como foi o projeto do Complexo do Madeira”, analisa.

Depois de 2001, a questão da linha de transmissão evoluiu. Então, Telma começou a pesquisar. Ela chega a afirmar que virou uma compulsão no seu caso, porque “eram tantas as falcatruas, inconsistências e vergonhas que não é possível que o brasileiro se deixe enganar por toda essa falácia do governo”.

Antes das energias alternativas, segundo a ambientalista, nós temos a alternativa. “Qual é a alternativa que nós temos? Repensar o modelo. Tem alguma coisa errada com esse modelo. Nós não podemos continuar sem pensar em eficiência energética, com a população usando o chuveiro elétrico”.

Telma estudou muito. Descobriu, inclusive, que tinha um erro na linha de transmissão. “Fui me aprofundar tanto e descobri que tinha um erro de direcionamento de ângulo. Fui à Universidade de São Paulo – USP – falar para o professor. Disse: ‘olha aqui. Está errado. A direção, a coordenada que está aqui não confere. Tem um erro de ângulo nesta linha. Ela não deveria passar por aqui.’” Ele desconversou.

Academia X Ativismo

A ativista cogitou, em um determinado momento de sua vida, depois da história da linha de transmissão de Furnas, a cursar Engenharia Elétrica,

mas pensou: “não vou perder meu tempo fazendo Engenharia Elétrica porque isso também não vai me servir de nada. Vou acabar sendo mais uma Engenheira Elétrica que não vai falar mal de nada. O Engenheiro Elétrico parece que entra no curso e sai com lavagem cerebral, porque você não o vê ser a favor dos movimentos sociais, das ONGs ou dos pesquisadores independentes que não têm a formação acadêmica”.

Telma nunca quis ser professora universitária. “Não me dei bem na academia. Fui convidada pelos meus professores, quando fiz Pedagogia, para ser estagiária deles na Pontifícia Universidade Católica – PUC – e não aceitei”. Ela crê que a academia é uma forma de as pessoas serem tolhidas. “Eu não. Quero a independência de poder falar e mostrar a verdade. Essa independência é a única coisa que exijo preservar”. E conclui: “creio que existe uma acomodação da academia em geral”.

Lazer

Telma é uma excelente velejadora, juntamente com o marido. “Nosso hobby é velejar”, alegre-se. Além disso, a ambientalista não nega que já viajou bastante. “Em 2011, viajei muito, mas a convite. Fui dar três palestras na Suíça. Fiz uma apresentação para o governo Holandês, sobre o Complexo Tapajós, e sempre que há a oportunidade aproveito para velejar”. No mesmo ano, Telma participou de uma reunião em Atenas e de outra em Roma sobre mudanças climáticas, com pequenos grupos. Então, ela aproveitou a ocasião para velejar no mar Jônico. “Vela é diretamente relacionada à natureza. É uma coisa inexplicável porque é o vento que te move e te conduz. É lindo velejar! Você não ouve o motor, mas sim o barulho da água batendo. Então, não há uma relação mais autêntica com a natureza do que a vela, do que você ser tocada pelo vento”, diz animadamente. E adianta: “agora, irei velejar na Croácia”.

A ativista e o marido também fazem exercício físico. “Caminhamos pela mata todo dia pela manhã. Ou-

vimos os passarinhos. Nossa casa foi projetada de maneira que toda a natureza entra. Você a vê de dentro para fora o tempo todo”. A casa da ambientalista, que é de madeira reciclada, é cercada pela natureza. “Gostamos muito”.

Tema Monteiro ainda adora ler. “A nossa casa parece uma biblioteca. Leio o dia inteiro com relação à hidrelétrica, energia etc. Mas nas horas que eu não estou no computador, gosto muito de livros de advogados, questões jurídicas e policiais. De *Agatha Christie*, já li a obra inteira. Acho que tenho na veia essa questão investigativa”. Música clássica e vinho também são as paixões da ativista.

Sonho

Telma confessa não ter um grande sonho. Na verdade, o que ela quer mesmo é que o Brasil melhore, porque “quem conhece o nosso país vê tanta coisa, tanto desperdício. Queria que a nossa nação progredisse, mas não sinto isso. Estamos em uma espécie de involução, porque consumimos muito”.

Paixão pelos índios

Um episódio, que impressionou a ativista em sua caminhada de luta por um país melhor, não pode passar despercebido: o contato com os índios. “Isso me impressionou pela inocência deles, mais especificamente os Munduruku, da região do Tapajós”, diz. Os índios foram realmente a sua paixão. “Eles são de uma meiguice impressionante. Isso me marcou muito. Tive contato com os indígenas de várias etnias em Rondônia, devido às usinas do rio Madeira, mas eles já estão em uma cultura de vários passos além. Os Munduruku não. Eles ainda guardam aquela coisa da ingenuidade e do amor. Senti muito carinho e pureza neles. Sei que isso vai ser perdido e não tem como não perder, porque existe uma evolução e agora essas hidrelétricas todas planejadas para lá acabam corrompendo. E não acho que eles devam viver na idade da pedra. Mas acredito que sua pureza deveria ser de alguma forma preservada. Isso que me marcou mais”, lembra.

“Quero a independência de poder falar e mostrar a verdade. Essa independência é a única coisa que exijo preservar”

O que falta nas pessoas

Para Telma, o senso de cidadania e comunidade é o que mais está faltando na população brasileira. “Das pessoas se unirem e pegarem um cartaz para fazer um protesto na frente de uma prefeitura”. Não tem coisa pior para um político, conta, do que um grupo de pessoas se unirem com cartazes com o nome dele escrito, sem agressão, sem violência, sem nada. Mas reivindicando seus direitos. “Nesse sentido, creio que falta união das comunidades. Nos Estados Unidos da América – EUA - tem uma coisa que eu invejo nos americanos: o senso de comunidade que eles têm. Falta isso para os brasileiros. E existe um esforço dos políticos de manter isso desse jeito”. Não existe uma preocupação, segundo a ambientalista, a não ser dos movimentos sociais, mas que ficam restritos aos seus locais. “Porque, na verdade, os movimentos sociais falam de si para si mesmos. E isso é um erro. Tenho essa crítica”. Telma não quer isso. “Quero falar para os alunos, porque sei que as cabeças deles estão sendo formadas. E, se eu conseguir colocar uma dúvida em uma cabeça, já estou feliz, porque ele vai questionar.” E ratifica: “eu quero falar para o mundo! Quero que as pessoas me ouçam!”

Leia mais...

>>Telma Monteiro já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Confira.

- “Belo Monte: ‘um conto de fada’ disfarçado”. Entrevista com Telma Monteiro, publicada na Revista IHU On-Line, edição392, de14-05-2012, disponível em<http://migre.me/9ddTG>;
- 11/04/2012 – “A consciência ecológica e o respeito à natureza alcançaram a sociedade, mas não as autoridades brasileiras”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/HB4DpX>;
- 30/05/2011 – “Belo Monte, o calcanhar de Aquiles do governo”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/JNZZbm>;
- 13/10/2010 – “A urgência insana de Teles Pires”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/Jdw1gO>;
- 24/04/2010 – “Leilão de Belo Monte: uma armação”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/KgtU9s>;
- 09/03/2010 – “As cinco hidrelétricas no Rio Tapajós. ‘Nenhum rio, no mundo, suporta isso’”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/Jdw6Rz>;
- 11/06/2009 – “Que conta é essa?” Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/JAD6GZ>;
- 30/07/2008 – “Matriz energética. O Brasil na contramão da história”. Entrevista especial com Telma Monteiro, disponível em <http://bit.ly/Mcesz>.

IHU Repórter

Taysa Schiocchet

POR THAMIRIS MAGALHÃES



Livre, apaixonada pelo trabalho, determinada e bastante focada no que quer. Essa é a mais nova doutora do PPG em Direito da Unisinos, Taysa Schiocchet. Em mais de uma hora de conversa pessoalmente com a **IHU On-Line**, a professora contou suas várias histórias de vida, como o fato de ter, aos 15 anos de idade, saído de casa em Santa Catarina para estudar no Rio Grande do Sul. Desde então, Taysa não criou raízes. Tendo passado por Joinville, Curitiba, Paris, Buenos Aires e Ma-

drid a docente atualmente reside em São Leopoldo. Sua área de pesquisa envolve temas como direitos humanos, bioética e biotecnologia, coordenando o projeto que trata das implicações jurídicas do acesso à informação genética humana. “Um dos projetos dentro desse grande plano é sobre bio-bancos e dentro deste sobre os bancos de perfis genéticos para fins criminais, que foi o projeto que desenvolvemos junto ao Ministério da Justiça”, explica. Conheça mais sua história de vida.

Origem – Nasci no dia 19 de janeiro de 1980 em Joinville-SC. Sai de lá com 15 anos e vim para o Rio Grande do Sul, apesar de em 2006 ter voltado para Santa Catarina, tendo permanecido até 2010. Em 2011, voltei para o RS. Toda a minha família é de Santa Catarina. Vim para cá para estudar o ensino médio em um colégio interno, onde fiquei dois anos e meio. Foi uma experiência muito importante para mim a educação integral que tive neste colégio. Posteriormente, voltei para Joinville, pois tinha cumprido o período de estudos e teria que tentar o vestibular. Mas, tive um período de não adaptação, pois depois que se sai de casa, dificilmente você volta e se adapta novamente àquela realidade. Então, fiz vestibular na Unisinos e, em 1998, ingressei no curso de Direito. Atualmente continuo morando em São Leopoldo.

Autodefinição – Tento ser autêntica com os meus pensamentos. Fiel, mas é um desafio constante sermos integralmente fiéis aos nossos valores. Creio que sou muito dedicada ao meu trabalho. Ele normalmente está em primeiro plano. Talvez daqui a algum tempo isso mude. Sou muito focada no que eu quero; bastante autocrítica, exigente, comigo e com os que me rodeiam, inclusive com os meus alunos; muito perfeccionis-

ta com tudo e discreta. Além disso, acho a humildade uma característica importante. Ademais, tento manter a sensibilidade para as coisas e para a vida e manter os vínculos familiares, uma vez que isso é fundamental, porque é a família que vai te acompanhar nos melhores momentos e te amparar nos piores. Tenho um sentimento de gratidão com ela muito forte, talvez até por estar distante. Por isso, tenho sempre a preocupação em retribuir aos meus pais, estar com eles e com o meu marido e manter, mesmo que a distância, a qualidade da relação.

Família – Meus pais moram em Joinville. Minha mãe é professora, atualmente aposentada, porém segue trabalhando, agora, na área de gestão financeira. Ela foi professora a vida inteira. E eu dizia que nunca seria professora. Tenho os meus pais como grandes exemplos de vida. Minha mãe tem um perfil intelectual, adora ler e é uma pessoa muito justa, delicada e sensível a algumas questões. Já meu pai é um exemplo de superação. Ele é um empreendedor nato, fundador e atual diretor de uma empresa que atua no ramo de automação industrial e tem uma percepção muito pragmática da vida. Eles são figuras importantes que me fazem lembrar a todo o momento que o conhecimento da academia é só um detalhe no univer-

so; que sabedoria é outra coisa. E que o conhecimento passa, definitivamente, por outros caminhos. Tenho duas irmãs. A mais velha é a Fabiane, tem 36 anos, é psicóloga e atualmente mora em Dublin, na Irlanda. A mais nova, Nayara, de 25 anos, é nutricionista e hoje mora em Xiamen, na China.

Casamento – Sou casada com o Rômulo, que é carioca e não é da área jurídica. Trabalha com gestão empresarial em Joinville. Então, atualmente nós nos vemos esporadicamente. Ele é um grande apoiador da minha trajetória, inclusive de todas as minhas viagens. Nós quase não temos tempo um para o outro, é verdade. No entanto, quando a gente se vê é um tempo com qualidade.

Chegada em São Leopoldo – Quando cheguei aqui, fiquei praticamente 100% Unisinos. Acabei me fixando. Fiz a graduação em Direito entre 1998 e 2003. Consegui concluir o curso em cinco anos e meio. O professor Benno Dischinger e sua esposa Catarina foram duas pessoas que me apoiaram quando eu cheguei a São Leopoldo, em 1998 e em 2011. Sou muito grata a eles.

O Direito – Não me identificava com essas profissões mais comuns que um aluno quando entra no curso



pensa: advogada, juíza. Então, comecei Iniciação Científica, e foi quando, de fato, descobri-me dentro da academia. A memória que eu tenho é muito clara disso, porque realmente me identifiquei. E, de algum modo, a Iniciação Científica recupera as habilidades que se exige quando se pratica a dança, principalmente o balé clássico, que é a exigência da disciplina. Isso eu tinha muito claro e, de algum modo, transferi-se para a academia. Fiz Iniciação Científica do início ao final do curso e, na sequência, ingressei no mestrado.

Mestrado – Continuei no Rio Grande do Sul e fiz mestrado na Unisinos também. Formei-me em 2004 e em dezembro de 2003 já sabia que tinha passado no mestrado.

Retorno a Santa Catarina – No início de 2006, terminei o mestrado e voltei para Santa Catarina porque me convidaram para trabalhar lá. Fui lecionar em algumas universidades. Só que eu queria, naturalmente, fazer o doutorado. E as minhas opções eram a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC ou a Universidade Federal do Paraná – UFPR. Resolvi fazer na UFPR. Mas nunca morei em Curitiba. Ia toda semana duas, três vezes para lá. No entanto, fiquei pouco tempo, porque o curso começava em agosto de 2006, e em 2007 fui fazer o doutorado sanduíche na Universidade de Paris I -Panthéon-Sorbonne.

Paris – Fiquei um ano em Paris, 2007/2008, com bolsa da Capes. E isso é algo que eu recomendo sempre: fazer o mestrado e/ou doutorado fora, nem que seja por um curto período. Minha tese não teria sido o que foi se eu não tivesse passado um ano lá. Na realidade, cartesiana do jeito que sou, pensei que a ida para Paris serviria única e exclusivamente para a tese. Mas, de fato, foi uma experiência pro-

fissional e pessoal muito mais ampla e extremamente valiosa. Na verdade, o intercâmbio é muito importante para todo estudante.

Buenos Aires –Em 2010 fui pesquisadora em uma Universidade de Buenos Aires (FLACSO), onde permaneci por quatro meses trabalhando com a questão da ética em pesquisa, vinculada ao tema da minha tese de doutorado.

Sala de aula - Depois da tese, voltei a dar aula. Sou acadêmica e me considero, de fato, acadêmica, pois me dedico exclusivamente à docência e à pesquisa, algo tradicionalmente incomum no Direito.

Ingresso na Unisinos – Em agosto de 2010 defendi a tese e, em 2011, comecei a lecionar aqui. Hoje, leciono na graduação disciplina de Direito Civil – Parte Geral I. A minha área de pesquisa é direitos humanos, bioética e biotecnologia. No PPGD, leciono a disciplina de Sistemas Jurídicos Contemporâneos e Metodologia da Pesquisa.

Pesquisa – Tenho um projeto em andamento, que é a continuidade da pesquisa que fiz no doutorado, em Paris e Buenos Aires, que é o impacto da informação genética para o Direito e as implicações jurídicas do acesso à informação genética. Esse projeto abarca questões envolvendo medicina, pesquisa com seres humanos, Direito Civil, Penal, enfim, é bastante interdisciplinar. É um dos projetos dentro dessa linha de pesquisa, sobre Direito e informação genética, e o último que eu venho desenvolvendo é sobre bio-bancos e dentro deste sobre os bancos de perfis genéticos para fins criminais, que foi o projeto que desenvolvemos junto ao Ministério da Justiça e teve um evento internacional que foi bem importante, no qual participaram bolsistas de iniciação científica, mestrado etc. Esse trabalho já foi

entregue ao Ministério da Justiça, que trata justamente da aprovação de uma lei que legitima o banco nacional que obriga o sujeito a fazer a doação de material genético para determinados crimes. A pesquisa vai continuar, agora com financiamento do CNPq.

Lazer – Amo arte. Vejo a arte no Direito. E o Direito é uma área tão dura, pesada. Então, temos que dar leveza. Além disso, dança é uma coisa que eu adoro.

Filme – Gosto muito de filme europeu. Na verdade, gosto de assistir de tudo: documentários, drama, ação etc.

Sonho –Tenho muitos projetos, dentre eles dar continuidade ao trabalho que venho desenvolvendo; ter a possibilidade de continuar desenvolvendo projetos de pesquisa. Tento fazer com que a atividade para o aluno aqui tenha algum sentido; propiciar um espaço onde ele realmente se desenvolva.

Unisinos–Ela é a minha formação. Aqui que eu me formei, me encontrei e retornei. Adoro o campus, e a Universidade é uma excelente instituição, principalmente porque ela investe em pesquisa e apoia o professor de PPG, como ocorreu recentemente comigo para realizar pesquisas pós-doutorais em Madrid, na Espanha, com bolsa de órgão de fomento espanhol.

IHU –Acompanho os eventos que o professor Castor Bartolomé Ruiz realiza no Instituto. Já concedi entrevista para o sítio do **IHU** e tem uma coisa interessante: a ética dos jornalistas é impressionante, a preocupação em divulgar o que realmente o entrevistado disse. E o trabalho do Instituto é excepcional porque os temas que são trabalhados são importantes, inclusive para o Direito.

Inscrições abertas para o XIII Simpósio Internacional

As inscrições do XIII Simpósio Internacional IHU. Igreja, Cultura e Sociedade, que acontecerá de 2 a 5 de outubro próximos, estão abertas.

Acompanhe o passo a passo:

- Acesse o sítio do IHU
- Clique no banner do evento na página inicial do sítio



- Ao entrar na página do XIII Simpósio Internacional IHU, clique no menu "Inscrições". Aqui você poderá escolher pelo link de inscrições em português ou preencher a ficha em inglês e enviá-la por e-mail (simposioihu@unisinis.br) caso seja estrangeiro. Para os alunos estrangeiros, encaminharemos a inscrição e enviaremos um e-mail de retorno.



Para mais informações, acesse www.unisinis.br/eventos/ihu-semanticado-misterio/

Inscrições abertas para o Congresso de Teologia

Inscrições no evento

Faça sua inscrição!

Este evento oportunizará o envio de trabalhos para apresentação de posters e comunicações.

Confira as informações aqui!

As inscrições para o Congresso Continental de Teologia já podem ser feitas. Basta acessar o site www.unisinis.br/eventos/congresso-de-teologia e clicar em "Inscrições". Após preencher a ficha, é só aguardar o contato com a confirmação por e-mail.

Ao fazer a inscrição, é importante atentar para o fato de que, para as atividades da tarde, os alunos deverão escolher uma oficina para fazer durante três dias ou escolher três painéis diferentes (um em cada dia) para alcançar o êxito em sua inscrição.

Congresso Continental de Teologia
7, 8, 9, 10 e 11 de outubro de 2012
Unisinis, São Leopoldo/RS, Brasil

Regras de Matrícula:

Para as atividades da tarde os alunos deverão escolher uma oficina para fazer durante três dias ou escolher três painéis diferentes (um em cada dia) para alcançar o êxito em sua inscrição.

Confira as opções de atividades aqui.

Registre abaixo as atividades, oficinas ou painéis abertos, que deseja participar:

Se você é aluno do Unisinis, digite seu número de matrícula:

Nome:

Fique Atento: Inscrições para o evento podem ser feitas até o dia 05 de outubro.

Enviar: Envie sua inscrição para o e-mail: inscricao@unisinis.br

O impacto da plantação de eucalipto

Os Cadernos IHU ideias, em sua 167ª edição, lançada este mês, apresenta "O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: estudo de caso de São Luís do Paraitinga-SP", de Marcelo Henrique Santos Toledo. Neste texto, o autor, que é coordenador do Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores (MDPA), analisa a presença cada vez mais atuante da monocultura do eucalipto no município de São Luís do Paraitinga-SP. A versão completa desta edição estará disponível no sítio www.ihu.unisinis.br a partir de 15 de junho de 2012 para download em formato PDF.

cadernos
ihu
ideias

O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais

Marcelo Henrique Santos Toledo



ano 10 • nº 167 • 2012 • ISSN 1675-0315

Entre na página do IHU e nos siga no Twitter e no Facebook

www.ihu.unisinis.br